

EURICLEA AZEVEDO NOGUEIRA

**HISTÓRIAS DE ABANDONO:
UM ESTUDO CLÍNICO-QUALITATIVO SOBRE ALGUNS
ASPECTOS PSICODINÂMICOS ENCONTRADOS EM
CRIANÇAS E ADOLESCENTES ABRIGADOS**

**UNIVERSIDADE CATÓLICA DOM BOSCO (UCDB)
MESTRADO EM PSICOLOGIA
CAMPO GRANDE-MS
2006**

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

EURICLEA AZEVEDO NOGUEIRA

**HISTÓRIAS DE ABANDONO:
UM ESTUDO CLÍNICO-QUALITATIVO SOBRE ALGUNS
ASPECTOS PSICODINÂMICOS ENCONTRADOS EM
CRIANÇAS E ADOLESCENTES ABRIGADOS**

Dissertação apresentada ao Programa de Mestrado em Psicologia da Universidade Católica Dom Bosco, como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia, área de concentração: Comportamento Social e Psicologia da Saúde, sob a orientação da Prof^a. Dr^a. Regina Célia Ciriano Calil.

**CAMPO GRANDE-MS
2006**

Ficha catalográfica

Nogueira, Euricléa Azevedo

N778h Histórias de abandono: um estudo clínico-qualitativo sobre alguns aspectos psicodinâmicos encontrados em crianças e adolescentes abrigados / Euricléa Azevedo Nogueira; orientação, Regina Célia Ciriano Calil. 2006
210 p.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica Dom Bosco, 2005

Inclui bibliografias

1.Crianças abandonadas – Aspectos psicodinâmicos 2. Crianças abrigadas I. Calil, Regina Célia II. Título

CDD – 362.73

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Regina Célia Ciriano Calil

Prof^a. Dr^a. Sonia Grubits

Prof. Dr. Sérgio Luiz Saboya Arruda

Dissertação defendida e aprovada em: ____/____/2006.

À minha mãe cuja presença, embora breve em minha vida, foi suficiente para me prover do seu leite e carinho.

À minha avó Euzébia e ao meu avô Alfredo, que, com afeto, me amaram.

Aos familiares, pelos quais me senti sempre acolhida.

Ao meu esposo Aurélio e às minhas filhas Milena, Melissa e Mirela com os quais dividi momentos de entusiasmo e de ansiedade, encontrando sempre companheirismo e apoio.

Aos meus netos Victória e Davi, que chegaram ao mundo durante a execução deste trabalho.

AGRADECIMENTOS

À Prof^a. Dr^a. Sonia Grubits pelo apoio amplo que tem dado ao Mestrado em Psicologia, dando segurança aos mestrandos pela sua competente coordenação.

Ao Prof. Dr. Sérgio Luiz Saboya Arruda pela orientação recebida antes mesmo do Processo de Qualificação desse trabalho.

À Prof^a.Dr^a. Regina Célia Ciriano Calil pela sábia orientação, compreensão e carinho.

À Meritíssima Juíza Dr^a. Maria Izabel de Matos Rocha pela permissão concedida e pelo crédito nos objetivos da pesquisa.

À psicóloga Lílian Regina Zeola, colega e amiga, pela abertura da possibilidade deste trabalho com crianças abrigadas.

À psicóloga Rosa Rosângela C. Pires Aquino, por ter me mostrado os passos para a busca do universo da pesquisa e dos sujeitos, com sua amável solicitude.

À Assistente Social Maria de Fátima Lessa Belle pelos preciosos esclarecimentos.

À Psicóloga e Supervisora Mcs Ana Deise Leonardo Cardoso pela preciosa colaboração em supervisão clínica.

E, especialmente, às crianças por dividirem comigo parte de suas histórias de vida. Minha gratidão, por terem me propiciado a oportunidade de refletir sobre uma realidade que instiga ao conhecimento e à ação.

RESUMO

Esta pesquisa tem por objetivo investigar alguns aspectos psicodinâmicos observados em um estudo de casos com três participantes abrigados: uma criança e dois adolescentes que foram vítimas de abandono, pelos pais, nos primeiros anos de vida e que residem em dois abrigos, situados no município de Campo Grande, MS, Brasil. Com o intuito de atingir tal objetivo, utilizou-se da técnica do Desenho Livre com Estórias, do Teste HTP e do Desenho da Família, realizando pesquisa clínica-qualitativa e utilizando observação participante. Como técnica complementar aplicou-se, ainda, entrevistas semidirigidas, na criança e nos adolescentes, utilizando também as histórias de vida em fontes documentais. Os dados foram submetidos à análise hermenêutica com enfoque na abordagem de compreensão psicodinâmica. Após essa análise, foram definidas cinco temáticas de estudo de acordo com os conteúdos e significados encontrados: a percepção da família, percepção e expressão do afeto, o abandono sofrido, visão do abrigo e perspectivas de futuro. Os resultados revelaram, nos casos estudados, dificuldade de internalização do conceito de família. A visão da família é de um ambiente confusional, sem possibilidade de dar afeto e possibilitar crescimento gerando dificuldades no processo de identificação e formação da identidade nos casos estudados. Em relação à percepção e expressão dos afetos observou-se: uso excessivo dos mecanismos de projeção e negação, restrição egóica, inveja, transtornos dos vínculos e das relações de objeto, e pobreza nas expressões de afeto. Sobre a percepção do abandono sofrido, notou-se a presença de sentimentos, como: raiva e dor pelo abandono, retraimento, culpa, vergonha, agressividade, tendência anti-social, confusão mental, baixa auto-estima, depressão. O abrigo é visto de forma ambivalente. De um lado, como um ponto de apoio e segurança, tendo-se que reprimir a agressividade para poder se manter sob sua guarda e proteção. Ao mesmo tempo, em alguns momentos, o abrigo é visto como autoridade que pode gerar sentimentos de raiva, ligados à fantasia de promover a separação familiar e manter o controle. Como possibilidades futuras, todos demonstraram, de alguma forma, o desejo de receber cuidados parentais ou de formar nova família, o que nos leva a sugerir o aprofundamento dos estudos e mais ações para prevenir ou tratar problemas emocionais ocasionados pelo abandono de crianças e adolescentes. Este é um estudo de casos que não permite a generalização dos dados obtidos e discutidos.

Palavras-chave: Crianças abandonadas. Aspectos psicodinâmicos. Crianças abrigadas.

ABSTRACT

The aim of this research is to investigate some psychodynamic aspects which were observed during a case study on three asylum participants: a child and two adolescents who were abandoned by their parents in their early years, and live in two orphan asylums in Campo Grande, in the state of Mato Grosso do Sul, Brazil. To achieve the aim, it was used the Freehand Drawing with Stories, the HTP Test, the Family Design, carried out a clinical-qualitative research and a participating observation. As a supplementary technique, semi-guided interviews with the child and the adolescents were also held by using the life history in documental sources. The data underwent hermeneutic analyses with psychodynamic comprehension approach. After this analysis, five study themes were defined according to the contents and meanings which were found: family perception, affection perception and expression, abandonment experience, view on the asylum and future perspectives. The results revealed, in the studied cases, difficulty in internalization of the family concept. The view of the family is a confusional environment, which is neither able to give affection nor to enable development, producing difficulties in the process of identification and identity formation in those studied cases. As for the perception and affection expression, it was observed: excessive use of projection and denial mechanisms, ego restriction, envy, and tying and object-relation disorders, poor affection expression. Concerning the perception of the abandonment experience, it was noticed the presence of feelings, such as: anger, pain for the abandonment, restraint, guilt, shame, aggressiveness, antisocial tendency, mental confusion, low self-esteem, depression. The asylum is, on the one hand, seen as a support and safety, where it takes repressing aggressiveness in order to keep on being guarded and protected by them. On the other hand, the asylum is, sometimes, seen as the authority that generates feelings of anger once it raises the fantasy of causing familiar separation and keeping the control. In the future, they all showed, the wish for parental care or making a new family, which makes us recommend further studies and more actions in order to avoid or treat emotional problems derived from the children and adolescents abandoning. This is a case study so that it does not permit the generalization of the data which were obtained and discussed.

Key words: Abandoned children. Psychodynamic aspects. Asylum children.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	1
2 NOTAS SOBRE O ABANDONO	4
2.1 ABANDONO DE CRIANÇAS: FORMAS E CARACTERÍSTICAS.....	4
2.2 ABANDONO E ASSISTÊNCIA DE CRIANÇAS NA EUROPA: SÉCULOS XIII A XVIII.....	7
2.3 ABANDONO E ASSISTÊNCIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL.....	13
2.4 ALGUNS PONTOS LEGAIS DA ASSISTÊNCIA A CRIANÇAS E ADOLESCENTES ABANDONADOS NO BRASIL, A PARTIR DO SÉCULO XX.....	19
2.5 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO COTIDIANO DE ALGUMAS INSTITUIÇÕES ABRIGADORAS.....	26
2.6 DIFERENTES OLHARES SOBRE O ABANDONO: DISCUSSÕES A PARTIR DA REALIDADE BRASILEIRA.....	28
2.7 ASSISTÊNCIA À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE ABANDONADO EM CAMPO GRANDE-MS.....	31
3 ASPECTOS PSICODINÂMICOS DA RELAÇÃO AFETIVA	35
3.1 A GESTAÇÃO: UM PERÍODO ESPECIAL.....	36
3.2 O RECÉM-NASCIDO E A PERCEPÇÃO SENSORIAL DO AFETO.....	41
3.3 PRIMEIROS ANOS DE VIDA E ANOS SUBSEQÜENTES.....	46
4 A PRIVAÇÃO AFETIVA	58
4.1 ALGUMAS FORMAS DE PRIVAÇÃO AFETIVA.....	58
4.2 CONSIDERAÇÕES DE ALGUNS AUTORES SOBRE OS EFEITOS DA PRIVAÇÃO AFETIVA.....	62

5 OBJETIVOS	67
5.1 OBJETIVO GERAL.....	67
5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	67
6 MÉTODO	68
6.1 O MÉTODO DA PESQUISA.....	69
6.1.1 Desenho	72
6.1.2 Entrevista psicológica.....	73
6.1.3 Observação participante.....	76
6.1.4 Estudo de caso.....	77
6.2 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA.....	78
6.3 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES.....	79
6.4 LOCAL DA PESQUISA.....	80
6.5 PROCEDIMENTOS	83
6.6 ANÁLISE HERMENÊUTICA.....	84
7 RESULTADOS	86
7.1 DADOS COLETADOS POR CASO.....	86
7.1.1 Júlia	86
7.1.2 Gabriel.....	106
7.1.3 Rodolfo	124
8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS POR TEMAS	144
8.1 PERCEPÇÃO DA FAMÍLIA	145
8.2 PERCEPÇÃO E EXPRESSÃO DO AFETO	158
8.3 A PERCEPÇÃO DO ABANDONO SOFRIDO.....	167
8.4 OS ABRIGOS	172
8.5 PERSPECTIVAS DE FUTURO	177
9 CONSIDERAÇÕES FINAIS	181
REFERÊNCIAS	189
APÊNDICES	195

1 INTRODUÇÃO

O abandono de crianças e adolescentes existe desde os primórdios da civilização. Mudam-se as formas, os motivos, os contextos, porém o cenário do abandono pode ser visto, ainda, com muita freqüência pelas ruas, ou escondido na lembrança de algumas crianças e adolescentes que vivem por detrás dos muros fechados de algumas instituições destinadas ao abrigo dos mesmos. Instituições essas, que buscam oferecer proteção e cuidados básicos a crianças e adolescentes, cujas famílias por algum impedimento, não pôde acolhê-las.

As representações da infância da sociedade, da própria criança, sempre interferiram ou influenciaram as formas do abandono e abrigo, assim como a economia, a cultura e a política. As crianças e adolescentes foram, ao longo dos séculos sendo tratadas segundo a representação que se tinha delas. E, embora a criança e o adolescente – com o advento da medicina, da psicologia, bem como, das leis que os protegem – sejam alvos de representações que os favoreçam, o abandono de crianças e adolescentes ainda é fato presente na sociedade.

As instituições abrigadoras sejam governamentais ou não-governamentais subordinam-se ao Estatuto da Criança e do Adolescente e têm a função precípua de abrigar crianças e adolescentes em situação de risco ou abandono. Essas instituições recebem crianças vitimizadas por diferentes motivos e formas, de várias idades e de famílias diversas.

Este estudo surgiu da preocupação em compreender-se, em parte como o abandono se reflete nos aspectos psicodinâmicos das crianças e adolescentes abrigados e entender as percepções do seu mundo interno e externo.

Neste capítulo propõe-se introduzir o leitor à temática a ser estudada, a qual se pretende obter uma maior compreensão.

No segundo capítulo, ao preocupar-se com a compreensão do fenômeno do abandono, procurou-se, inicialmente conceituar o abandono nas suas diferentes formas e características. Em seguida, fez-se um breve percurso na história do abandono, estudado pelo prisma de alguns autores que investigaram a representação social da criança e do amor materno em correlação com o ato do abandono e assistência.

Com o intuito de melhor embasar este trabalho, ressaltou-se dentre esses estudos alguns autores que contaram um pouco da história do abandono e assistência de crianças e adolescentes no Brasil. Fez-se uma incursão por estudos de autores que mostram a realidade de alguns abrigos e por outros que refletem e propõem algumas soluções para a assistência de crianças e adolescentes abrigados.

Discorreu-se, também, sobre algumas das ações desenvolvidas pelos órgãos da 1ª Vara da Infância e da Juventude de Campo Grande em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Ainda, nesse capítulo, percorrendo a história sobre a criança abandonada e a assistência no Brasil, propôs-se, em consonância com os sujeitos da nossa pesquisa, buscar uma melhor compreensão do tema, por meio de estudo teórico que fez-nos refletir sobre a influência das provisões e privações de afeto, no funcionamento psicodinâmico de crianças e adolescentes.

Em função disso, o terceiro capítulo versa sobre os aspectos psicodinâmicos da relação afetiva, refletindo sobre a importância da provisão de afeto para o ser humano, a partir da gestação e por toda a vida.

No quarto capítulo, discorreu-se sobre algumas formas de privação afetiva, mencionando-se, também, considerações de alguns autores sobre a mesma.

Em todos esses aspectos estudados tomou-se como base alguns autores

que, durante a formação desta pesquisadora, foram significativos para a compreensão tanto psicodinâmica como psicossocial, sendo difícil aqui, tanto a abordagem de todos os aspectos históricos, psicodinâmicos e psicossociais quanto o aprofundamento do tema em questão.

Foram descritos no capítulo cinco os objetivos que nortearam a pesquisa em consonância com o foco de interesse e o referencial teórico utilizado.

No sexto capítulo apresentou-se o método e as técnicas, que, usados pelo autor permitiram o trabalho de coleta e tratamento dos dados.

No capítulo sete foram explicitados os dados coletados por meio, da história de vida dos participantes (segundo fontes documentais e entrevistas) e dos desenhos com seus respectivos inquéritos, estando as análises colocadas em apêndice.

No capítulo oito, apresentou-se a discussão dos resultados por tema, utilizando os dados coletados e analisados em cada caso, comentando-os criticamente.

Finalizou-se o trabalho com as considerações finais, discorrendo sobre os aspectos psicodinâmicos encontrados, de acordo com os temas propostos e caso a caso.

2 NOTAS SOBRE O ABANDONO

Neste capítulo, busca-se conceituar o abandono e algumas das suas diferentes formas e abordar alguns estudos referentes à sua história. Discorre-se, ainda, sobre questões ligadas à assistência aos abandonados até o Brasil de hoje.

2.1 ABANDONO DE CRIANÇAS: FORMAS E CARACTERÍSTICAS

Antes de discorrer sobre abandono, faz-se necessário, situá-lo num contexto mais amplo como o da violência doméstica, já que grande parte dos abandonos se dá nesse contexto. A sua definição também varia, conforme as visões culturais e históricas sobre a criança e seus cuidados.

A violência doméstica é um fato presente na sociedade mais do que se possa imaginar e se expressa de várias formas: maus tratos físicos, quando a criança é vítima de espancamento, queimaduras; abuso sexual, no uso da criança, pelo adulto, para sua gratificação sexual; maus-tratos psicológicos, na rejeição, depreciação, discriminação, humilhação; e negligência ou omissão, em falta de cuidados básicos à saúde, higiene e proteção (GUARÁ et al., 1998).

Na Síndrome da Criança Maltratada descrita por Grunspun (1999), o abandono está incluído na negligência, havendo quatro tipos de maus tratos: abuso físico, negligência, abuso emocional e abuso sexual.

O abandono é uma forma extrema de negligência e um tipo de violência grave, que pode acontecer logo após o nascimento da criança ou em anos subsequentes ao nascimento.

Bowlby (1988, p. 38) alerta que “[...] rupturas prolongadas (nas relações mãe-filho), durante os primeiros três anos de vida, deixam uma marca característica na personalidade infantil”.

No CID-10 – F94.1 encontra-se a definição de um transtorno que pode aparecer durante os cinco primeiros anos de vida (distúrbio reativo de vinculação na infância) e cuja ocorrência pode estar ligada à negligência, abusos ou maus tratos por parte dos pais.

A cartilha informativa sobre legislação da adoção, da 1ª Vara da Infância e da Juventude elaborada pela Equipe do seu Núcleo Psicossocial, assim define o abandono:

Abandonar uma criança é deixá-la à própria sorte ou entregá-la a pessoas inidôneas ou mesmo a quem não tem condições de sustentá-la, amá-la, educá-la. Há várias formas de abandono: o material, o afetivo, o educacional, o moral, etc. Pais que ficam longo tempo sem se interessar pelos filhos, sem os visitar, sem os sustentar, sem os matricular na escola ou tratar de sua saúde, cometem abandono. O abandono é considerado um crime contra a criança (TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MATO GROSSO DO SUL, 2005, p. 7).

E isso tanto pode se relacionar aos casos de crianças institucionalizadas vítimas de abandono por morte dos pais ou de apenas um deles, por incapacidade destes em provê-las física e psicologicamente, quanto de crianças hospitalizadas em virtude de doenças crônicas.

Ballone (2004) aponta que, em Psiquiatria Forense, quando se estuda violência no seu aspecto mais amplo, no qual a negligência infantil está incluída, costuma-se diferenciá-la em dois tipos: a negligência física e a psicológica. A negligência física seria a falta de provisão de alimentos e higiene, e a negligência psicológica, a privação de contatos emocionais e afetivos.

Embora essa distinção seja feita por uma questão de ordem, a indissociabilidade entre esses dois tipos de negligência é um fato muito comum, ou seja, a criança, às vezes, é vitimizada pelas duas formas de negligência ao

mesmo tempo. Nesse sentido, a negligência faz parte de um contexto doméstico de violência em que se inclui o abandono, considerado o tipo mais radical de negligência.

O abandono é o mais radical porque, em consequência dele, a criança é privada da companhia dos pais em períodos fundamentais para o seu desenvolvimento ou privadas para sempre do convívio com eles, perdendo, assim, os referenciais paternos tão necessários para a constituição de sua identidade.

As crianças vítimas de abandono podem ser encontradas em suas próprias casas, nas maternidades, no lixo, nas portas de casas e igrejas, na casa de vizinhos, em casa de parentes, de conhecidos, ou de outros cuidadores. Grande parte delas é deixada em instituições.

Os motivos do abandono podem ter sua origem na morte dos pais da criança, ou de apenas um deles; na incapacidade dos pais: física, moral, econômica, psicológica; e, em alguns casos, a criança é que abandona o lar por não suportar maus-tratos impingidos pelos próprios pais (QUADRO 1)¹.

QUADRO 1 - Sinóptico das designações de violência, segundo Guará (1998), Gruspun (1999) e Guerra (1998)

Designações	Violência
Maus-tratos ou abuso (por ação)	a) <i>Físicos</i> : agressão, espancamento, queimadura, morte. b) <i>Emocionais</i> : ridicularização, opressão, xingamento. c) <i>Sexuais</i> : molestação e estupro.
Negligência (por omissão)	a) <i>Física</i> : falta de cuidados básicos de saúde, higiene, abandono. b) <i>Psicológica</i> : falta de provisão emocional, de maternagem, paternagem, carinho, apoio, segurança, abandono.

¹ O Quadro 1 classifica as designações utilizadas pelos autores citados e foi elaborada por essa autora para melhor compreensão de onde o abandono está inserido.

Nesse estudo buscou-se focar o abandono como negligência (omissão) na sua indissociabilidade, isto é, física e psicológica, se atendo, no entanto, a crianças institucionalizadas. Não se priorizou crianças vítimas de agressão, de abuso sexual ou aquelas abandonadas por morte dos pais ou abandonadas e não abrigadas (por ex.: crianças de rua).

Esse assunto tem sido motivo de preocupação de muitos estudiosos que buscaram e buscam compreender esse fenômeno, investigando suas causas, suas conseqüências e possíveis soluções.

2.2 ABANDONO E ASSISTÊNCIA DE CRIANÇAS NA EUROPA: SÉCULOS XIII A XVIII

O abandono de crianças traz, em sua trajetória histórica, diferentes formas e características que estiveram sempre sujeitas a diversas concepções de criança, no mundo e na sociedade, e a distintas situações econômicas, sociais e políticas.

Esse capítulo não tem a pretensão de mencionar toda a história da criança e do abandono de crianças, mas, sim, de referir parte dele que contenha um sentido diante da formação desta autora que, certamente exerce influência, priorizando algum aspecto. Ele servirá para promover uma contextualização do abandono e, a partir daí, entrar no tema proposto que é a investigação de alguns aspectos psicodinâmicos encontrados em crianças abrigadas. A intenção é situar o leitor em uma realidade por vezes distante do cotidiano das pessoas e de outros investigadores, despertando neles, o interesse pela temática aqui enfocada.

Os pontos aqui levantados não servirão, tampouco, para uma análise e discussão social ou histórica dos dados encontrados, pois, embora se saiba das implicações e influências sociais e econômicas para o desenvolvimento psicodinâmico de crianças e adolescentes, como pesquisadora a autora entende a necessidade de restringir-se a seus objetivos.

Não se pretende ainda, nesse trabalho, discorrer sobre diferentes culturas pela complexidade que traria um estudo dessa amplitude. Por isso, priorizou-se percorrer apenas alguns autores que estudaram sobre sociedades e exerceram sua influência no meio científico, fazendo uma reflexão sobre os costumes da época. Outros autores estudados contam a história do abandono e assistência, desde o Brasil Colônia até os dias atuais.

Dentro dos aspectos requeridos nessa pesquisa, toma-se o estudo de Ariés (1981) sobre a história social da criança e da família na França e na Itália dos séculos XIII a XVIII enfocando aspectos que configuram tipos de abandono e assistência da época; o estudo de Badinter (1985) sobre o amor materno; e o estudo de Del Priore (2000), entre outros.

Esses estudos são relevantes, pois se observam algumas similaridades na história das crianças de outros países com a história das crianças brasileiras, tanto que

[...] é possível hoje afirmar que o pensar a respeito da infância no Brasil até o final do século XIX, em muito se aproxima da descrição feita por Ariés e Badinter da situação da criança na França do Antigo Regime (TRINDADE, 2004, p. 4).

É interessante, por exemplo, verificar que, embora o trabalho de Badinter (1985) discuta a possibilidade da indiferença materna, para Del Priore (2000), nem sempre a separação entre mãe e filhos ocorria com indiferença. Segundo a última, existem relatos dos naufrágios da Carreira das Índias e relatos do envio de crianças para a Guerra do Paraguai os quais descrevem dolorosas separações entre pais e filhos. Para essa autora, as mães tinham demasiado zelo e preocupação com o destino de seus filhos, o que se comprova por testamentos deixados e por escritos de viajantes estrangeiros.

Nesse sentido, alerta-se para o fato de que a historiografia internacional pode servir de inspiração, mas não de bússola, para os estudos com crianças brasileiras (DEL PRIORE, 2000).

Voltando ao âmbito internacional, pode-se perceber que estudiosos, desde

o século XII até os dias de hoje, mostram que o abandono de crianças sempre existiu, seja porque os pais estavam ausentes por morte ou doença, por incapacidade destes ou porque isso fazia parte do costume de determinada época.

Segundo estudos de Ariés (1981), as crianças, até o século XVI, se conseguissem escapar da alta taxa de mortalidade infantil, após um desmame tardio, viviam misturadas com os adultos ou eram trocadas por outras crianças para aprender boas maneiras no seio de outras famílias. Com estas aprendiam e exerciam funções não condizentes com a idade que possuíam.

As crianças eram afastadas da família natural e colocadas em outras famílias, nas quais a convivência com os adultos deveria garantir a aprendizagem, ou seja, a transmissão de valores e conhecimento. Quanto às relações sociais afetivas, essas aconteciam em ambientes externos à família, onde a criança convivia com parentes, vizinhos, criados, mulheres e homens, crianças e velhos. As famílias viviam em coletividade; não havia espaço privativo onde a família pudesse ter uma relação mais estreita, mais afetiva.

Segundo Weber e Kossobudzki (1996, p. 16), “As crianças permaneciam em casas de outrem durante sete a nove anos e, quando voltavam à sua própria casa, eram totalmente estranhos à família”. A prática de mandar a criança para outras famílias, retirando-a do convívio da família inclusive da mãe, era uma forma sutil de abandono e desvalorização do mundo infantil.

No final do século XVII, surgem dois sentimentos sobre a infância que influenciaram as ações e coabitaram as mentalidades da sociedade desse século. O sentimento de “paparicação” e o da “exasperação”.

O primeiro surgiu no seio da família. A criança era vista como algo que proporcionava diversão e relaxamento, mas, que poderia desaparecer. Então, quando a criança morria, a família se comportava como se já esperasse isso, e, às vezes, nem comparecia ao enterro. O pensamento da época era que, logo após morrer, essa criança seria substituída por outra.

Historiadores do pensamento da época interpretavam que a aparente frieza dos pais e das mães, em particular, devia-se ao medo de perder o filho amado, idéia com a qual Badinter (1985), não concorda, pois, enquanto alguns estudiosos defendem a idéia de que o amor materno se divide em níveis de maior ou menor intensidade, mas sempre existiu, essa autora conclui, em seu estudo, que existem mães amantes e não amantes.

Nesse sentido,

[...] não é porque as crianças morriam como moscas que as mães se interessavam pouco por elas. Mas é em grande parte porque elas não se interessavam que as crianças morriam em tão grande número (BADINTER, 1985, p. 87).

O segundo sentimento surge da rejeição e das críticas dos moralistas, clérigos e educadores à “paparicação”. É o sentimento de “exasperação”. Surge no século XVII e inspira a educação até o século XX. “O apego à infância e à sua particularidade não se exprimia mais através da distração e brincadeira, mas através do interesse psicológico e da preocupação moral” (ARIÉS, 1981, p. 162). Para eles, as crianças eram criaturas frágeis de Deus, as quais era preciso cuidar e disciplinar.

Entre os teólogos e moralistas, as crianças eram vistas como seres imperfeitos que não mereciam nenhuma tolerância. Esse pensamento agostiniano justificava as ameaças, palmatórias e varas com que tentavam a redenção da infância, ou seja, a anulação de um estado negativo e corrompido (BADINTER, 1985).

Até a amamentação, que hoje se sabe, é tão importante para o desenvolvimento físico e psicológico da criança, era condenada pelas proposições do célebre pregador espanhol, Vivés (apud BADINTER, 1985, p. 56). Para ele, “[...] as delícias são o que mais debilita o corpo; por isso as mães perdem os filhos, quando os amamentam voluptuosamente”.

Observa-se que não era o ato de amamentar que incomodava, mas a voluptuosidade desse ato. Contraditoriamente, Vivés foi um dos defensores do aleitamento materno no final do século XVI.

Para Badinter (1985), uma nova filosofia, a de Descartes, viria desmontar o sistema de valores escolástico, no entanto as suas idéias não melhorariam muito as representações de criança que se tinham, até então.

Segundo Badinter (1985, p. 61), para a filosofia cartesiana, “A infância é, antes de mais nada, fraqueza do espírito, período da vida em que a faculdade de conhecer, o entendimento, está sob a total dependência do corpo”.

Assim, se para o pensamento escolástico “a infância é a ocasião do pecado”, para a filosofia cartesiana, a infância “é a ocasião do erro” (BADINTER, 1985).

As crianças pareciam ser consideradas um “estorvo”. A fragilidade delas exigia cuidados, atenção e fadiga, o que as mães da época não podiam suportar.

A entrega da criança a uma ama era prática corrente nos diferentes meios da sociedade. Conforme ressalta Badinter (1985), desde o século XIII havia, na França, em Paris, o hábito de contratar amas-de-leite e consta dessa época, a abertura da primeira agência de amas. Esse hábito era, quase com exclusividade, limitado às famílias aristocráticas.

As mães de classes mais abastadas viam, na possibilidade de amamentar o filho, um prejuízo físico e um aborrecimento e alguns maridos compartilhavam dessa recusa. Para Badinter (1985), a recusa ao aleitamento do filho é o principal indicador da rejeição materna.

Embora as amas fossem consideradas mercenárias – porque amamentavam por dinheiro – a situação da grande maioria era de extrema penúria. Quando eram alojadas nas casas de família, privavam seus próprios filhos da amamentação o que fazia elevar-se o número de vítimas do abandono materno. Isso significa que muitas crianças eram abandonadas por suas mães por diferentes razões.

Constata Badinter (1985), que o ato de enviar os filhos a uma ama, além de todas as justificativas, como situação econômica, fragilidade da mulher ou questões de moralidade, era moda que se iniciou na aristocracia e foi imitada pela nobreza e burguesia e, conseqüentemente, afetava as classes mais pobres.

Badinter (1985, p. 67) ressalta:

[...] foi no século XVII que o uso de deixar a criança na casa da ama-de-leite se generalizou entre a burguesia [...]. Mas é no século XVIII que o envio das crianças para a casa das amas se estende por todas as camadas da sociedade urbana. Dos mais pobres aos mais ricos, nas pequenas ou grandes cidades, a entrega dos filhos aos exclusivos cuidados de uma ama é um fenômeno generalizado.

Ao referir-se ao abandono moral e afetivo da criança nos séculos XVII e XVIII, Badinter (1985) ressalta que esse abandono é pontuado por três fases: a entrega do bebê a uma ama; o retorno da criança à sua casa, já com idade acima de seis a sete anos, e a entrega a uma governanta ou preceptor; e a partida dessa criança, já pré-adolescente, para um convento ou internato.

Ao que parece, o abandono, pelo menos o afetivo, tinha continuidade após a permanência das crianças com as amas. Se antes a criança, após o desmame, era abandonada emocionalmente por seus pais ao ser entregue a outra família, agora ela era abandonada em sua própria casa, entregue aos cuidados de um preceptor ou governanta até ir para um convento ou internato.

Aos filhos das famílias pobres destinava-se outro caminho quando saiam dos cuidados das amas,

[...] no século XIX, a alternativa para os filhos dos pobres não seria a educação, mas a sua transformação em cidadãos úteis e produtivos na lavoura, enquanto os filhos de uma pequena elite eram ensinados por professores particulares (DEL PRIORE, 2000, p. 10).

Dessa forma, a prática recorrente envolvia muitas crianças e adolescentes daquela época na privação de contato íntimo com seus pais, o que provocava

relações distantes e frias como as relações revisadas em histórias contadas em livros e filmes. Depreende-se que as relações afetivas eram relegadas a um plano inferior pelas famílias que colocavam na escola, nos tutores, amas ou nos cuidadores externos, a responsabilidade pelo cuidado. Os processos de formação do ego pela identificação com a mãe, com o pai e com a família pareciam ficar prejudicados.

A diferença entre os cuidados oferecidos pela classe social alta e a classe baixa também parece nítida no tratamento dado naquela época à infância e à adolescência.

Na historiografia, vimos que o abandono passa por diversas fases e assume várias formas onde a criança, o adolescente e, posteriormente, o adulto lutam pela sua sobrevivência física e psíquica.

2.3 ABANDONO E ASSISTÊNCIA DE CRIANÇAS E ADOLESCENTES NO BRASIL

O levantamento de alguns estudos sobre a história de abandono e assistência às crianças no Brasil torna-se agora propósito deste estudo, uma vez que se torna difícil dissociar ambos, pois, a história do abandono sempre remete à história da assistência.

Os estudos feitos sobre a criança e o abandono no Brasil foram prejudicados pelo não domínio da escrita, decorrente do alto índice de analfabetismo à época dos primeiros registros. Outro entrave foi a escassez de registros em fontes que apresentavam grandes lacunas.

Como já exposto, a história desse abandono, em alguns países da Europa, serviram de referencial para alguns dos estudos desenvolvidos sobre o abandono no Brasil, por alguma semelhança encontrada, embora com quase dois séculos de diferença.

Nos séculos XVI e XVII, no Brasil Colônia, o modelo familiar dominante,

apesar de suas variantes, era o patriarcal com famílias extensas, porém a diversidade provocada pela miscigenação, pela economia e pelas diferentes culturas vem, ao longo dos séculos, alterar os modelos de organização familiar (SAMARA, 2002).

As famílias de elite eram cercadas de escravos e dependentes. A mortalidade infantil, era devastadora, independentemente de classe, raça ou sexo. As crianças brancas, logo após o nascimento e até os seis anos de idade, eram entregues às amas-de-leite, geralmente escravas, que privavam do seu leite os próprios filhos. As amas, além do trabalho em regime de escravidão, amamentavam, ainda, os filhos de senhores; então, a sobrevivência dos pequenos escravos era quase impossível (TRINDADE, 2004).

A sociedade era basicamente assentada na produção da cana-de-açúcar. Com a descoberta das minas de ouro, em 1690, isso vai se modificando e vai ficando difícil de ser exercido um controle nos aspectos da moral e da saúde da população. A busca pelo enriquecimento e aventura aumenta o número de celibatários, a proliferação de concubinatos e, conseqüentemente, o nascimento de filhos ilegítimos (SAMARA, 2002).

Nesse contexto, algumas mulheres acabavam exercendo atividades econômicas fora do âmbito doméstico ocupando espaços deixados pelos homens que migravam e pela falta de escravos (SAMARA, 2002). A dissolução da família, independente dos motivos, e a ilegitimidade são apontadas por historiadores como possíveis causas do abandono efetivo de crianças, naquela época.

Venâncio (1995) faz uma análise da assistência à infância abandonada no Rio de Janeiro e em Salvador nos séculos XVIII e XIX e lança a hipótese de que, dentre os principais motivos encontrados para o abandono de crianças, estariam a miséria, a ilegitimidade e a orfandade pela dissolução da família, ocasionada principalmente por morte de um ou de ambos os pais.

Esses casos de abandono geraram um tipo de assistência de cunho filantrópico religioso que acontecia nas Santas Casas de Misericórdia.

As Santas Casas de Misericórdia possuíam uma caixa cilíndrica que girava sobre um eixo vertical e tinha a função de recolher alimentos, remédios e mensagens como oferendas dos penitentes. As mães que não podiam criar os seus filhos passaram a colocá-los nessa roda para que fossem recolhidos pelas irmãs de caridade, com a esperança de salvá-los da miserável condição em que seriam criados, se continuassem em seus lares.

A roda era também uma saída para as escravas, que, ao depositarem seus filhos nela, esperavam livrá-los da escravidão.

Esse hábito motivou a construção de uma roda especialmente criada para receber as crianças abandonadas. Essa ação caritativa partia do pressuposto que se impunha, na época, de que a proteção à criança era um dever moral e cristão. Se a proteção era uma incumbência da mãe e se esta não correspondia a esse dever, pessoas bem intencionadas deviam assumir, de alguma forma, esse papel. Entretanto, estudos têm demonstrado que a criação da roda, que passa a chamar-se Roda dos Expostos ou Enjeitados, instituiu e incentivou o abandono.

A história revela que algumas das mães que depositavam seus filhos na Roda inscreviam-se como amas-de-leite, para tê-los por perto e ainda, conseguir um salário pago pelos administradores dessas Rodas.

Trindade (2004) ressalta que as Santas Casas de Misericórdia expandiram-se durante os séculos XV e XVI acompanhando a expansão portuguesa e, no Brasil, suas atividades iniciaram-se por volta de 1550. A primeira Roda instalada com o fim de receber crianças foi utilizada em Roma, no ano de 1198, enquanto, no Brasil, só a partir do século XVIII.

Um aspecto importante observado quanto ao pensamento da época era o abandono mais freqüente de meninas. A menina representava custos porque não fazia parte do rol de trabalhadores produtivos. Não representava possibilidade de ganho nem de investimento. Além disso, quando se casasse tinha que levar o dote. Já o menino, representava “força de trabalho produtivo” e possibilidade de lucro no futuro, por isso, despertava interesse de parentes e produtores rurais.

“De qualquer forma, a partir dos dez anos de idade era difícil uma criança ficar desocupada” (TRINDADE, 2004, p. 9).

Segundo Venâncio (1995), autores das fontes por ele consultadas concordavam quanto à influência da miséria, da bastardia, da doença e morte dos pais como motivos para o recurso à assistência, mas discordavam quanto ao desamor atribuído às mães. Alguns escritos sugeriam que havia preocupação com o futuro dos filhos, por parte de algumas mães que deixavam bilhetes, conclamando por um bom tratamento, destacando a importância da vacinação, a necessidade de batizar a criança ou até indicando a ama-de-leite para a qual a criança deveria ser entregue.

Outra preocupação dos pais expressa nos bilhetes, era com a indicação do nome da criança. No Brasil dos séculos XVIII e XIX, a transmissão dos nomes de família ainda não era regulamentada. Por isso, os pais atribuíam sobrenomes religiosos aos filhos: “vai este menino que já é batizado, chama-se Antônio José de Deus” (VENÂNCIO, 1995, p. 158).

Para Venâncio (1995), os bilhetes traziam, em seu bojo, a impressão de que o abandono era uma atitude necessária, na medida em que expressavam a angústia e o sofrimento daqueles que abandonavam. Nesses bilhetes, também era mencionada a origem racial e religiosa dos pais, no intuito de prevenir que se escravizasse a criança ou que esta fosse sujeita à Inquisição Portuguesa, movimento contra os “novos cristãos”. Um dos bilhetes mencionados por Venâncio, de alguém que abandonou o filho, revela o quanto a sociedade da época era preconceituosa: “[...] por esmola e caridade me recebam este menino [...] porque é branco, legítimo e cristão velho” (VENÂNCIO, 1995, p. 159).

Esse pedido parecia indicar o desejo dos pais em salvaguardar a criança das discriminações e aponta certa preocupação com os filhos, a qual pode retratar um sentimento de culpa que, se não deixava de existir, era insuficiente para evitar que pessoas abastadas e, aparentemente sem motivos, também procedessem ao abandono de seus filhos.

Alguns desses escritos “[...] chegavam ao paradoxo de apresentar o abandono como uma forma de amor e a Casa dos Expostos como mera intermediária na contratação de amas-de-leite” (VENÂNCIO, 1995, p. 159).

A princípio, as Santas Casas de Misericórdia tinham como propósito, cuidar apenas de crianças encontradas pelos caminhos, em terrenos baldios ou em calçadas, mas a sociedade queria que o acolhimento se estendesse a toda criança cujos pais, por uma razão ou outra, não pudessem cuidá-las.

Não havia orfanatos para recém-nascidos e a Casa da Roda funcionou como uma instituição que exercia importante função a despeito da falta de reconhecimento de juristas, médicos e administradores da época. A assistência à criança órfã ou exposta, tinha por base a caridade e misericórdia predominando, assim, as instituições de cunho religioso.

Segundo Trindade (2004, p. 8), adotou-se, em 1805, um sistema que tinha o propósito de controlar o abandono. Passou-se a exigir, das pessoas que abandonavam crianças, informações precisas sobre o nascimento da criança. Esse sistema tolerava, como justificativa para o abandono, apenas casos de doença ou incapacidade para o aleitamento. No entanto, pais que não tinham intenção de reaver os filhos deixavam de obedecer a esses critérios, não oferecendo informações e, assim, deixando essas crianças passarem por ilegítimas ou por filhos de pais desconhecidos.

A institucionalização parecia ser uma saída para encobrir o abandono. No entanto, essas instituições não conseguiam atender a essa demanda.

Os juristas, médicos e administradores da época, diante desse quadro, gradualmente entenderam que o melhor era criar meios para a erradicação do abandono.

Buscaram-se, então, estratégias de conscientização e procurou-se cuidar melhor das mães, conclamando-as para a importância do aleitamento por elas mesmas e dos cuidados maternos.

Assim, a mulher do final do século XVIII e do século XIX aceita sua condição de mãe e, com a orientação de médicos higienistas, que apostavam na prevenção pelas práticas de saúde e higiene, permite que a criança conquiste seu lugar junto à família. A partir daí, “O bebê e a criança transformam-se nos objetos privilegiados da atenção materna” e “[...] o abandono passou então a ser considerado um ato de depravação dos costumes” (TRINDADE, 2004, p. 9).

Em meados do século XIX, ocorre uma crescente preocupação por parte dos políticos, médicos e juristas com a questão familiar e da criança. A partir da década de 1920, nesse século, a assistência caritativa, por não ter o aval da ciência, passa a ser questionada. A nova idéia de filantropia que se propaga tem sua base na higiene, que, além de ter como seu principal foco a prevenção, também se instala como uma estratégia de controle social.

A prevenção, nessa época, se fundamentava na teoria da Eugenia de Francis Galton (1822-1911), “[...] isto é, na idéia de que, purificando-se a raça, evitavam-se os caracteres psíquicos, físicos e culturais nocivos e presentes nas ‘raças inferiores’” (RIZZINI, 1993, p. 22). Esse objetivo deveria ser perseguido através da educação do povo orientando-o sobre os serviços de puericultura e de higiene.

A teoria da degenerência de Morel (1809-1873) também influenciava as novas propostas de prevenção. As degenerências seriam desvios transmitidos hereditariamente e que se originavam de intoxicações diversas que eram transmitidas de geração a geração, como, por exemplo, o alcoolismo (PORTOCARRERO, 1980 apud RIZZINI, 1993).

Diante da possibilidade da criança herdar os males dos pais, projetou-se uma intervenção preventiva através de palestras e de serviços dirigidos basicamente às mães e às crianças pobres (RIZZINI, 1993).

A intervenção médica nas famílias tinha uma finalidade investigativa a priori. Buscava-se conhecer as condições de vida, o tipo de alimentação que era oferecido aos filhos e qual o nível de moralidade das famílias para, então, se proceder à orientação das mães sobre higiene e educação.

Esse movimento coincide com o desenvolvimento da cafeicultura no sul do país e com as importantes modificações na política (Independência em 1822, República em 1889 e Abolição da Escravatura em 1888).

A crescente oportunidade de emprego para as mulheres permitia que a mulher ajudasse no orçamento doméstico e ainda pudesse combinar as atividades domésticas e as funções básicas de mãe para a qual vinham sendo preparadas (SAMARA, 2002).

2.4 ALGUNS PONTOS LEGAIS DA ASSISTÊNCIA A CRIANÇAS E ADOLESCENTES ABANDONADOS NO BRASIL, A PARTIR DO SÉCULO XX

Segundo Rizzini (1993), no início do século XX, as elites intelectuais denunciavam as mazelas das crianças pobres e seus impactos na ordem social.

Não só a mortalidade, mas a criminalidade, também, aquece as discussões em torno da necessidade de se criar propostas de ações para proteger as crianças, evitar que tragam perturbações à ordem e, ao mesmo tempo, para aliviar a culpa pela vergonha e pelo medo da ameaça que a presença dos desvalidos provocava.

À assistência propõe-se uma nova organização; é dirigida não mais só aos órfãos e expostos, mas também aos desvalidos, moralmente abandonados e aos delinqüentes. Para ela, esse novo modelo de proteção no Brasil atendia às diferentes situações de pobreza,

[...] seja porque não tinha família (abandonado); porque aquela não podia assumir funções de proteção (carente); porque não podia controlar os excessos da criança (de conduta anti-social); porque as ações e envolvimento da criança colocavam em risco sua segurança e a de terceiros (menor infrator); seja ainda porque a criança era dita portadora de algum desvio ou doença com a qual a família não podia lidar (deficiente físico, doente mental); seja porque necessitando contribuir para a renda familiar fazia da rua local de moradia e trabalho (meninos e meninas de rua); ou ainda porque sem um ofício e expulso/evadido da escola ou

fugitivo do lar, caminhava ocioso pelas ruas à cata de qualquer expediente (menor perambulante) (RIZZINI, 1993, p. 13).

Nesse sentido, a assistência passa a ser repensada como possibilidade de atender todos aqueles cuja vida corresse perigo e representasse perigo iminente à sociedade, no futuro. “A passagem da prevenção das doenças à prevenção das desordens e à prevenção da criminalidade é absorvida pela assistência, que começa a tomar corpo e a ter vida própria” (RIZZINI, 1993, p. 97).

Diferentemente das instituições de caridade que ofereciam aos internos preparo para o trabalho com o intuito de preveni-los da desagregação moral, este novo modelo de assistência tinha por objetivo torná-los ainda produtivos e cientes dos seus direitos e deveres (RIZZINI, 1993). Tinha assim, um cunho, não só moral, mas também econômico e político.

Foi a medicina que, nas três primeiras décadas do século XX, liderou um tipo de assistência preventiva com o objetivo de tratar a criança sem afastá-la do convívio social. Preconizou, então, uma rede assistencial extra-asilar com atendimento em creches, ambulatórios, escolas e até em visitas domiciliares.

O olhar sobre a criança abandonada, todavia, só era dirigido na ausência da família, ou seja, quando esta não existia ou não assumia a responsabilidade pela criança ou adolescente. O moralmente abandonado tinha, sob essa ótica, uma culpa prévia, era um perigo em potencial, “[...] tanto que ao menor abandonado e delinqüente estava reservado o espaço do asilo: o preventório e o reformatório” (RIZZINI, 1993, p. 25).

Segundo Passetti (2000, p. 354),

[...] com o decreto nº 16.272, de 20 de dezembro de 1923, surge o regulamento de proteção aos menores abandonados e delinqüentes reconhecendo a situação de pobreza como geradora de crianças abandonadas e de jovens delinqüentes.

Depreende-se que, aos filhos de famílias abastadas, a medicina se coloca como guardiã e propulsora de novas relações parentais e aos filhos das classes

populares é a administração pública que assume a guarda no sentido de proteger e lidar com o que vai se constituindo como desvio social: as crianças em abandono (assim como as prostitutas e as mulheres solteiras) (GUIRADO, 2004).

A partir dos anos 20, iniciou-se um tipo de assistência estatal provocada pela revolta de imigrantes que contestam o descaso governamental com os direitos dos cidadãos e dos trabalhadores. O processo de industrialização transcorria paralelamente a esses movimentos de mudança nos ideais de assistência à criança.

Em 12 de outubro de 1927, foi instituído o Código de Menores e teve lugar a criação de uma rede de estabelecimentos especiais nos quais se podia proceder à internação dos menores abandonados e delinqüentes (RIZZINI, 1993). Esse código viria responsabilizar o Estado pela situação de abandono com internações, dando proteção e assistência ao menor de 18 anos que fosse abandonado e/ou delinqüente.

A prevenção do futuro da criança pobre ainda era o principal objetivo. Mudaram-se as formas de intervenção. Era preciso integrá-la ao mercado de trabalho e ainda “educá-la com o intuito de inculcá-la a obediência”, “[...] para tal, escola e internato passam a ser fundamentais” (PASSETTI, 2000, p. 355).

Segundo Passeti (2000), durante a Ditadura Militar, com a Política Nacional do Bem-Estar do Menor (PNBM), em 1964, foi introduzida uma nova metodologia norteadora das ações, a qual teria uma base científica, não apenas com o olhar da medicina, mas também com uma abordagem interdisciplinar biopsicossocial.

Essa era uma tentativa de romper com a prática repressiva de até então. O objetivo não era mudar o comportamento dos menores pela reclusão, mas educá-los em reclusão, porém considerando “[...] as condições materiais de vida dos abandonados, carentes e infratores, seus traços de personalidade, o desempenho escolar, as deficiências potenciais e as de crescimento” (PASSETTI, 2000, p. 357).

O Código de Menores de 1979 atualizou a Política Nacional do Bem-Estar do Menor formalizando a abordagem biopsicossocial do abandono e da infração, reafirmou o estigma da criança pobre como “menor” e delinqüente potencial, com uma noção de “situação irregular”, expressa no seu artigo 2º:

Para os efeitos desse Código considera-se em situação irregular o menor: I. privado de condições essenciais à sua subsistência, saúde e instrução obrigatória, eventualmente em razão de: a) falta, ação ou omissão, dos pais ou responsável; manifesta impossibilidade dos pais ou responsável para provê-las; II. vítima de maus-tratos ou castigos imoderados impostos pelos pais ou responsáveis; III. em perigo moral, devido: a) encontrar-se de modo habitual, em ambiente contrário aos bons costumes; b) exploração em atividade contrária aos bons costumes; IV. privado de representação ou assistência legal, pela falta eventual dos pais ou responsável; V. com desvio de conduta em virtude de uma grave inadaptação familiar ou comunitária; VI. autor de infração penal (PASSETTI, 2000, p. 364).

Nesse sentido, a uma situação irregular do menor, correspondia uma suposta família desestruturada (RIZZINI, 1993). No entanto, os resultados de uma das pesquisas produzidas na década de 1980 sobre a situação da infância pobre no Brasil, revelaram que os menores abandonados, em sua maioria, têm família. Ao contrário do que se pensava, eles se originam de famílias pobres, mas não necessariamente desestruturadas (FAUSTO; CERVINI, 1996).

Por outro lado, Kreisler (1999, p. 219) aponta que famílias com condições sociais desfavoráveis aparecem maciçamente em seus estudos, porém,

[...] as condições sociais e socioculturais, que são fundamentais na prática devem, no plano da interpretação, ser compreendidas como elementos de facilitação e não como fatores etiológicos exclusivos.

Com a abertura política no regime militar, os vários segmentos da sociedade passam a exigir uma revisão do Código. Com a Constituição de 1988 e com a ratificação, pelo Brasil, da Convenção Internacional sobre Direitos da Criança, deixam as crianças de serem meros objetos passíveis de intervenção e tutela da família, do Estado e da sociedade e passam a ser consideradas sujeitos

de direito com “absoluta prioridade”. Os estigmas de “menor” e “situação irregular” vão ser abolidos, teoricamente, com a Lei n. 069/1990.

Essa lei dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente, cuja finalidade precípua é proteger a criança e o adolescente da família desestruturada e dos maus-tratos que venham a sofrer. Propõem-se, com ela, garantir educação, políticas sociais, alimentação e bases para o exercício da cidadania (PASSETTI, 2000).

Essa nova forma de filantropia amplia o número de participantes e envolvidos. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, em seu artigo 86:

A política de atendimento aos direitos da criança e do adolescente far-se-á através de um conjunto articulado de ações governamentais e não-governamentais, da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios (ESTATUTO..., 2000, p. 25).

Nesse sentido, o Estado estabelece novos vínculos com as organizações não-governamentais.

É o tempo de uma nova administração restrita a um patamar mínimo de atendimento estatal, norteadas por uma nova política de tributações facilitadora do investimento de impostos de empresas em organizações não-governamentais que se responsabilizam pelo atendimento a carentes, abandonados e vítimas de violência em geral (PASSETTI, 2000, p. 366).

O atendimento às crianças e adolescentes abandonados passa a ser descentralizado e feito em casas alugadas em diferentes pontos da cidade, porém como recurso último e de caráter temporário. Para os infratores não há alteração alguma a não ser o que recomenda o artigo 122 em seu § 2º: “em nenhuma hipótese será aplicada a internação, havendo outra medida adequada” (ESTATUTO..., 2000, p. 35).

Segundo a Lei n. 7.644 de 18 de dezembro de 1987, em seu artigo 17, “por menor abandonado entende-se para os efeitos dessa lei, ‘o menor em situação irregular’ pela morte ou abandono dos pais, ou ainda pela incapacidade destes”.

Conforme o artigo 131, é criado o Conselho Tutelar que deve funcionar em cada município como um “[...] órgão permanente e autônomo, não-jurisdicional, encarregado pela sociedade de zelar pelo cumprimento dos direitos da criança e do adolescente [...]” (ESTATUTO..., 2000, p. 35).

Nesse sentido, espera-se que a sociedade contribua, fiscalizando, denunciando, participando enfim, do cumprimento do Estatuto para a busca de um melhor desenvolvimento das crianças e adolescentes, posto que, como determina o artigo 5º do Estatuto da Criança e do Adolescente,

Nenhuma criança ou adolescente será objeto de qualquer forma de **negligência**, discriminação, exploração, violência, crueldade e opressão, punido na forma da lei qualquer atentado, por ação ou **omissão**, aos seus direitos fundamentais. (ESTATUTO..., 2000, p. 11, grifo da autora).

Nesse sentido, cabe ressaltar alguns preceitos legalmente constituídos:

Segundo a Constituição Federal, artigo 229 é dever dos pais: assistir, criar e educar seus filhos. Estão sujeitos ao Pátrio Poder, os filhos legítimos, legitimados, os legalmente reconhecidos e os adotados. Atualmente, substituiu-se o termo Destituição do Pátrio Poder pelo termo Destituição do Poder Familiar (Novo Código Civil). Quando os pais por maus tratos, abuso sexual ou negligência são destituídos do Poder Familiar, a criança ou adolescente são abrigados, até que haja reintegração na família, ou eles sejam colocados em família substituta.

A colocação em família substituta far-se-á mediante guarda, tutela ou adoção, nos termos da lei e só ocorrerá quando houver a Destituição do Poder Familiar dos pais. A guarda regulariza a posse de fato, confere à criança ou adolescente a condição de dependente para todos os fins de direito, inclusive previdenciário. A tutela pressupõe a prévia decretação da perda ou suspensão do poder familiar e implica necessariamente o dever de guarda.

Nos artigos 39 a 52 do Estatuto da Criança e do Adolescente estão dispostos os itens que tratam da legalidade da adoção. A adoção é a única forma admitida pela lei de uma pessoa assumir como filho, uma criança ou adolescente,

nascida de outra pessoa. As adoções nacionais e internacionais são realizadas por meio da 1ª Vara da Infância e da Juventude.

Existem outras formas de adoção. Quando a genitora entrega o filho direto aos adotantes, para depois recorrer à legalização, ocorre a chamada Adoção Pronta. Já a “Adoção à brasileira” é aquela pela qual alguém registra em seu nome, como seu filho biológico, a criança nascida de outra pessoa. Essa conduta é considerada crime (arts. 242 e 299 do Código Penal).

A reintegração familiar deve ser priorizada, pois, segundo o artigo 19 do Estatuto da Criança e do Adolescente, toda criança ou adolescente tem direito a ser criado e educado no seio de sua família e excepcionalmente, em família substituta, assegurada a convivência familiar e comunitária, em ambiente livre da presença de pessoas dependentes de substância entorpecente.

O artigo 21 determina o dever dos pais ao sustento, guarda e educação dos filhos menores. O artigo 23 diz que: “a falta ou carência de recursos materiais não constitui motivo suficiente para a perda ou a suspensão do pátrio poder”. Nessa perspectiva, não existindo outro motivo a criança permanecerá na família de origem, a qual será imediatamente incluída em programas de apoio.

Quando outros motivos, tais como violência, negligência ou omissão contra crianças e adolescentes, ocorrem, os pedidos de providências dizem respeito ao abrigo ou acompanhamento familiar. O Abrigo, segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente, no seu artigo 101, sobre as medidas de proteção, em seu parágrafo único determina: “O abrigo é uma medida **provisória e excepcional**, utilizável como forma de transição para a colocação em família substituta, não implicando privação de liberdade” (grifo da autora).

A provisoriedade do atendimento no abrigo pressupõe a reintegração da criança na família quando esta puder recuperar sua capacidade de proteção. Porém,

[...] quando a autoridade judiciária verifica que a família biológica está definitivamente impossibilitada para a educação e o cuidado

com seus filhos, poderá indicar a medida de colocação em família substituta (Inciso VIII) na forma de guarda, tutela ou adoção (GUARÁ et al., 1998, p. 24).

Ocorre que nem sempre a criança é colocada em família substituta, nem reintegrada à sua família, segundo Guará et al. (1998, p. 28),

[...] assim como existem crianças que terão uma permanência breve, que pode durar horas ou dias, outras crianças e adolescentes terão uma permanência continuada, que poderá durar meses ou anos. Embora o retorno da criança à família de origem ou a colocação da criança numa família substituta sejam uma prioridade de encaminhamento, o abrigo deverá ter condições para ficar o tempo que for necessário com aqueles que ainda não foram integrados a uma família.

No entanto, a lei não prevê o atendimento do jovem acima de 18 anos no abrigo, e, embora não sejam proibidos de manter os jovens por mais tempo, os abrigos não recebem verbas para isso.

2.5 CONSIDERAÇÕES A PARTIR DO COTIDIANO DE ALGUMAS INSTITUIÇÕES ABRIGADORAS

As crianças e adolescentes institucionalizados vivem rupturas quando acontece a separação da família. Essas crianças têm uma tendência a ficar vivendo a angústia e o medo de uma nova separação. Motta e Almeida (2004, p. 5) apontam que,

[...] a imprevisibilidade do meio, caracterizada pela variação e mudança dos cuidadores, diferenças técnicas no atendimento, a falta de consenso sobre o processo educacional, bem como a mudança da criança de uma instituição para outra, provocam alto nível de insegurança pessoal, medo e falta de confiança no outro.

A alta rotatividade de atores sociais que atuam no contexto destas instituições, aliada ao absenteísmo, dificulta a formação de vínculos estáveis. Assim,

Na medida em que o ambiente, sobretudo as relações com os adultos, é muito instável, o desenvolvimento emocional e da autonomia e a construção de identidade ficam comprometidos, colocando a criança em situação de risco e vulnerabilidade (CARVALHO; 2002 p. 30).

Thiers (apud Oliveira 1996, p. 38) refere que a possibilidade do indivíduo de poder reconhecer suas próprias sensações e emoções “[...] está diretamente relacionada com a capacidade criativa, a reconstrução da Identidade a partir das possibilidades de reparação sadia”. Essa autora completa:

Assim também a criança se torna pessoa somente na medida em que aprende a se localizar em seu mundo social, incorporando as universalidades simbólicas dos papéis fundamentais de seu ambiente familiar e, mais tarde, as normas de ação de grupos mais amplos. A identidade natural, acoplada a seu organismo, é substituída por uma outra, constituída por papéis e mediatizada simbolicamente (p. 38).

A possibilidade de reparação depois de um conflito entre uma criança ou adolescente e um dos cuidadores fica dificultada pelo rodízio de cuidadores. A criança ou o adolescente deve ser capaz de tolerar o sentimento de culpa e alterar esse estado de coisas através da reparação. Dessa forma, a constância do ambiente se faz muito importante.

Para que isto aconteça, a mãe (ou alguém que a substitua) deve estar lá, viva e alerta, durante o período em que durar a culpa. Para falar, grosso modo: uma criança institucionalizada pode ser muito bem cuidada por várias enfermeiras; mas, se a culpa proveniente das experiências da manhã atinge seu ponto de reparação à noite, quando há lá uma outra enfermeira, a reparação erra o alvo (WINNICOTT, 1993). Nesse sentido, há que se refletir sobre a possibilidade de assegurar, o máximo possível, pelo menos até a criança atingir a individuação, a presença constante de uma cuidadora.

Na institucionalização ou abrigamento, não só é comum a rotatividade dos cuidadores como também a rotatividade de alguns dos pares ou irmãos, que, sendo adotados, ou mudando de abrigos, deixam de fazer parte de suas vidas,

ocasionando novos rompimentos de vínculos. Isso também pode provocar instabilidade ante o futuro.

Uma outra questão é relevante na realidade de alguns abrigos. Uma rotina linear é imposta devido à necessidade de ordenação e regulação, próprias das instituições, que precisam dar conta das necessidades de seus usuários.

As observações que realizamos nos internatos mostram que existe uma intensa massificação de atitudes em todos os momentos numa instituição [...] isso [...] suprime o senso crítico, a criatividade e a capacidade de iniciativa das crianças (WEBER; KOSSOBUDZKI, 1996, p. 44).

Assim, não são resguardadas as diferenças individuais que incluem diferentes gostos, desejos de descoberta, possibilidades de risco ou erro pertencentes à iniciativa própria, que caracterizam a identidade em construção.

Destacam-se os estudos de Oliveira (1996, 1998) nessa área, sobre o desenvolvimento e reconstrução da Identidade Infantil em Instituições que abrigam menores de nível sócio-econômico baixo e sobre a Construção da Identidade Infantil em Crianças de Periferia.

Nesses estudos, encontra-se a contribuição da pesquisadora por meio do estudo de uma proposta de trabalho corporal, numa abordagem da Sociopsicomotricidade Romain-Thiers. Essa forma de intervenção “[...] promove a integração psíquica do indivíduo e o desenvolvimento da Identidade Infantil, considerando-se que o corpo atualiza no vivencial questões muitas vezes arcaicas [...]” (Oliveira, 1996, p. 132).

2.6 DIFERENTES OLHARES SOBRE O ABANDONO: DISCUSSÕES A PARTIR DA REALIDADE BRASILEIRA

Para elucidar um pouco da realidade brasileira, considerou-se estudo de alguns autores mais atuais sobre a institucionalização de crianças e adolescentes

abandonados e possíveis influências nos aspectos sociais e psicodinâmicos dos participantes envolvidos nessas pesquisas.

Guirado (1980), em seu estudo sobre as relações afetivas na instituição Febem, comenta as críticas de Rutter às proposições de Bowlby sobre a influência da privação materna no desenvolvimento da criança e do adolescente abrigados. Segundo Rutter (apud GUIRADO, 1980), as condições ambientais e institucionais teriam maior significado do que o abandono materno. Nessa linha de pensamento, Tizard (apud GUIRADO, 1980) verificou a importância da qualidade da instituição no favorecimento de um desenvolvimento saudável da criança e do adolescente.

Guirado (1986) propõe que se coloque em questão não só o que representa para a criança e para o adolescente a separação em relação à família, mas também as relações que vêm a viver na prática de uma instituição. Sendo que

[...] sua afetividade será então pensada enquanto o conjunto dessas significações que se constroem em seu vivido e nas quais se delineia um lugar para ela, em relação às pessoas no passado e no presente (GUIRADO, 1986, p. 29).

Oliveira (1996, p. 36), argumenta que:

A Identidade é também gerada pela socialização, na medida em que o sujeito, apropriando-se dos universos simbólicos, integra-se num sistema social. Mais tarde ela é garantida e desenvolvida pela individualização, quando esse sujeito vai adquirindo uma crescente independência em relação aos sistemas sociais.

Um dos estudos sobre o qual se refletiu neste trabalho, o de Anaf et al. (1998), observa que a sociedade espera da instituição, em parte, a substituição das funções familiares; porém, existe uma demarcação teórica de que os afetos, o vínculo e a preparação do futuro pertencem ao âmbito da família, e a co-educação e manutenção da integração social são reservadas à instituição.

Assim, a instituição não pode suprir seus atores dentro de um contexto

novo, mas só mantê-los vinculados a seu original, ou seja, se as teorias sobre o afeto delegam tão somente à família a responsabilidade pelo suprimento afetivo da criança ou adolescente, a instituição não se sente possuidora desse direito ou dever.

Ocorre que existem crianças e adolescentes que, colocados em abrigos, têm ali sua permanência definitiva, e outras são oriundas de família que não voltará a existir, a não ser em algum discurso imaginário da criança ou adolescente.

Nesses casos, esses autores parecem relativizar a importância da família, quando da sua ausência definitiva, sugerindo que a instituição possa suprir efetivamente a falta de vínculos, seja preservando-os ou resgatando-os, tentando fazer com que se preserve a história da criança e do adolescente com seus dados, relatórios, históricos, objetos; com que se busque chegar a um paralelo entre família e instituição (como lugar de permanência, de estabilização e de significação de vida). Ambas com um mesmo objetivo: o necessário cuidado e proteção à infância (ANAF et al., 1998).

Uma outra solução é apontada, em relação ao estudo sobre cuidado das crianças e adolescentes, Carvalho (2002, p. 40) concluiu que:

No caso das crianças institucionalizadas, as amizades com companheiros contribuem para o desenvolvimento da criança gerando a segurança e a percepção de pertencer a um grupo. Além disso, essa estrutura relacional servirá como modelo importante a ser usado na construção das futuras relações da criança.

Aposta, ainda, que a manutenção de crianças e adolescentes de diferentes idades convivendo juntos num mesmo ambiente e de maiores ajudando a cuidar das menores, se constitui em “[...] aspecto positivo que deveria ser mantido nas instituições de cuidado total, uma vez que tem sido suportiva e estimuladora para as crianças que nelas convivem” (CARVALHO; 2002 p. 41).

Esses autores, a partir de estudos sobre as relações afetivas em uma determinada instituição, constataram que, quando a relação da criança e adolescente com adultos foi prejudicada, existe possibilidade de vinculação entre aqueles e seus pares, embora, mesmo com o suporte dos pares, continuem ainda, carentes do carinho e atenção dos adultos.

Lembrando Freud, Toledo (2003, p. 26) diz:

O princípio básico da teoria freudiana é o de que os conteúdos mentais formam-se na infância, o qual desempenhou papel revolucionário no campo científico. Ele mostrou que a mente não é algo previamente dado, mas sim uma estrutura construída na infância, por meio de um longo processo de constituição da personalidade e de estabelecimento de vínculos afetivos e emocionais, que ocorrem dentro da estrutura familiar.

Sabe-se que é necessário encontrar alternativas de suprimentos materiais e afetivos em substituição à família, no entanto, é preciso que se encontrem soluções para que a criança possa crescer e desenvolver-se no aconchego de seu próprio lar sempre que isso for possível.

2.7 ASSISTÊNCIA À CRIANÇA E AO ADOLESCENTE ABANDONADO EM CAMPO GRANDE-MS

Em observância ao Estatuto da Criança e do Adolescente, o Poder Judiciário atua em Campo Grande, por intermédio da 1ª Vara da Infância e da Juventude, órgão responsável pela guarda das crianças e adolescentes que tenham os seus direitos fundamentais (de que trata a Lei n. 069/1990) desrespeitados.

Esse órgão possui um núcleo no qual atua uma equipe interdisciplinar composta de psicólogos e assistentes sociais. É atribuída, a esse núcleo, a função de elaboração de estudo psicossocial em processos de pedidos de suspensão ou destituição do poder familiar e pedidos de providências nos casos de: crianças vítimas de violência doméstica; tutela; guarda judicial; adoção

nacional; adoção internacional; habilitação para adoção. Essa mesma equipe atua no Núcleo de Orientação e Fiscalização de Entidades (NOFE).

As instituições abrigadoras são vinculadas ao Poder Judiciário e atendem crianças e adolescentes, com idades variando entre zero e dezoito anos, em consonância com o Estatuto da Criança e do Adolescente.

Existem, atualmente, em Campo Grande, 11 instituições abrigadoras que assistem a uma média de 140 crianças e adolescentes. Dez desses abrigos são de permanência, onde as crianças e os adolescentes estão sob ordem judicial com processo em tramitação (APÊNDICE D).

O outro é o SOS Abrigo cuja característica é a alta rotatividade, onde a criança e do adolescente têm permanência de apenas setenta e duas horas, atendendo casos como fuga das crianças e adolescentes da casa dos pais, denúncias de maus-tratos e outros. Esses casos podem virar processos judiciais ou não. Dependendo da complexidade e não resolução, as crianças e adolescentes poderão ir para as casas de permanência descritas acima, tornando-se casos processuais.

O dia a dia dessas crianças está sujeito a regras próprias de cada abrigo. As crianças e adolescentes freqüentam escolas da rede municipal e estadual, exceto aqueles que têm bolsa. Participam de projetos de esporte, educação, cultura e lazer. Recebem tratamentos: médico, odontológico e psicológico nos serviços da Rede Municipal e Estadual de Saúde.

Segundo informações da coordenadora do núcleo referido acima, a maioria de assistidos é de meninas o que pode denotar que as meninas continuam sendo as mais abandonadas. No entanto, os casos de adoção revelam ainda, que as meninas são as preferidas, segundo alegação dos interessados na adoção, porque são mais dóceis (de acordo com informações colhidas junto à Coordenadora do Núcleo).

Dois importantes projetos são desenvolvidos na 1ª Vara da Infância e da Juventude em Campo Grande: o Projeto Adotar e o Projeto Padrinho. O primeiro relaciona-se aos processos de adoção e correm em sigilo, preservando as famílias envolvidas. O Projeto Padrinho recebe contribuições de pessoas com relação à prestação de serviços por profissionais de diferentes áreas, ajuda financeira e afetiva.

No apadrinhamento afetivo, a criança e o adolescente participam de algumas atividades sociais ou recreativas e do convívio de uma família que se proponha a proporcionar-lhe afeto, atenção, lazer e a oportunidade de ampliar seu mundo externo e interno. O projeto procura diminuir as restrições a que crianças e adolescentes são submetidos pela separação da família, uma vez que, além de terem seu universo familiar, parental e comunitário alterado, sofrerem entraves porque perdem parâmetros de reconhecimento, filiação e pertencimento, ainda se deparam, mais tarde, com a ameaça de um futuro incerto e desconhecido.

O abrigo se constitui, assim, na solução possível até que essas crianças e adolescentes reencontrem a sua própria ou uma nova família, ou ainda, que possam atingir a maioridade e emancipação civil, sendo encaminhados à sua nova condição de cidadãos.

A busca por conhecer alguns aspectos legais configurou-se como uma necessidade desta pesquisadora em compreender como são assegurados os direitos de crianças e adolescentes envolvidos no processo de abandono e institucionalização e, ainda, como se dá a colocação em família substituta.

Procurou-se, com esse percurso, pela história do abandono e as formas de assistência, conhecer e contextualizar essa realidade que ainda hoje, assola muitas de nossas crianças.

Observa-se que, a despeito das preocupações em relação à criança abandonada, pelos religiosos, pelos órgãos governamentais e não-governamentais, as crianças continuam vítimas dos diferentes tipos de abandono.

Essa breve incursão pela história do abandono e assistência e sobre alguns pontos da realidade dos abrigos, incitou à reflexão a partir de alguns estudos que destacam a importância da provisão de afeto para a criança e o adolescente, o que parece, vem sendo objeto de estudos, desde o século passado. É do que se trata, então, no próximo capítulo.

3 ASPECTOS PSICODINÂMICOS DA RELAÇÃO AFETIVA

No capítulo anterior buscou-se percorrer alguns aspectos histórico-sociais e legais do abandono com o intuito de compreender-se o fenômeno contextualizando-o até chegar-se à realidade presente de nossos participantes: o abrigo destes com suas peculiaridades.

Este capítulo aborda aspectos mais relevantes de alguns pressupostos psicodinâmicos existentes que buscam explicar a importância da provisão de cuidados e afetos oferecidos pela mãe desde a vida intra-uterina, estendendo-se pelos primeiros anos e anos subsequentes.

A criança ou adolescente abandonado, geralmente, foi uma criança desprovida de cuidados e afetos em períodos críticos do seu desenvolvimento. Muito do seu “vir a ser” parece estar condicionado às suas primeiras experiências infantis, seja durante a gestação, na lactância, durante os primeiros anos de vida ou até mais tarde que isso.

Tem-se em Winnicott (1983, p. 63), que:

O desenvolvimento emocional ocorre na criança se se provêem condições suficientemente boas, vindo o impulso para o desenvolvimento de dentro da própria criança. As forças no sentido da vida, da integração da personalidade e da independência são tremendamente fortes, e com condições suficientemente boas a criança progride [...].

Entende-se, então, que há uma condição inata, biológica, no ser humano, a qual o impulsiona, a partir da concepção, a crescer, desenvolver-se e perseguir a independência. Porém, não só essas tendências inatas, mas também as condições ambientais em que o ser humano é recebido ou mantido, aceito ou

rejeitado, quando vem ao mundo, poderão interferir significativamente na construção de sua personalidade e na forma como percebe e lida com esse mundo.

Nessa perspectiva, propôs-se fazer breves incursões em teorias psicodinâmicas que têm contribuído para elucidar e compreender a importância da provisão afetiva, em consonância com os objetivos desta pesquisa, cujos sujeitos possuem a idade entre nove e quatorze anos.

3.1 A GESTAÇÃO: UM PERÍODO ESPECIAL

Qualquer estudo que privilegie a infância e a adolescência nos seus aspectos psicodinâmicos não pode deixar de contemplar o período da gestação. Falar da gestação é uma necessidade que se impõe, obviamente por tratar-se do período em que o ser humano ao desenvolver-se no útero de sua mãe, já é um ser vivo. Nesse sentido,

A história de um ser humano não começa aos cinco anos, nem aos dois, nem aos seis meses, mas ao nascer – e antes de nascer, se assim se preferir; e cada bebê é desde o começo uma pessoa, necessitando ser conhecida por alguém (WINNICOTT, 1982, p. 96).

O desenvolvimento de uma criança está intimamente ligado ao atendimento de suas necessidades de cuidados, alimentação, higiene e principalmente afeto. Segundo Spitz (1993, p. 63), “[...] é o afeto que abre caminho para o desenvolvimento”. A experiência do afeto pode ocorrer durante a gravidez. Quando a mãe e/ou o pai afagam o ventre, conversam com o feto, e atribuem-lhe características de personalidade, já há indubitavelmente evidências de uma percepção do feto pelos pais, como algo concreto e amado. Também é uma fase em que os pais podem rejeitar o feto. Nos estudos sobre crianças abandonadas foi verificado que grande parte das mães que abandonaram seus filhos já os rejeitava antes, na gravidez.

A gestação é um período especial porque é a partir dela que a vida de um indivíduo se inicia. Para Manfro, Maltz e Isolan (2001, p. 73), além da ligação orgânica entre a mãe e o feto, porque ele “[...] está ligado em derivação com a circulação sangüínea materna, existindo alterações por intermediários químicos e neurosimpáticos”, há uma outra ligação. A vida imaginária da mãe, seus afetos, suas experiências de vida e suas relações parentais introjetadas têm influência significativa na qualidade da relação que a mãe terá com o seu bebê, durante a gravidez e no futuro.

Nessa primeira comunicação, tanto fisiológica como emocional, que acontece unicamente entre mãe e filho antes do nascimento, é que vão se constituindo os laços que formarão a base de uma íntima relação.

Estudos mostram que as interações fisiológicas podem ser afetadas pelo estado emocional da mãe, de modo que, um trauma súbito vivido pela mãe pode desencadear uma superexcitação motora no feto. Segundo Winnicott (1982, p. 20), ainda no ventre da mãe o “[...] bebê já é um ser humano, distinto de qualquer outro ser humano e, no momento em que nasce já teve uma grande soma de experiências, tanto agradáveis como desagradáveis”.

Dolto e Hamad (1998, p. 6) asseveram que,

Uma criança já tem, mesmo ao nascer, uma longa história: a da sua vida fetal. Mas a história da sua vida fetal também é a de sua relação dinâmica profunda com sua mãe e seu pai, assim como da deles (ao mesmo tempo consciente e inconsciente) com ela, e a relação dinâmica de sua sensorialidade in útero com percepções provenientes do mundo exterior.

Segundo Manfro, Maltz e Isolan (2001), a gravidez é um momento único, cada vez que ocorre. As representações que as mães têm da gestação, de suas alterações metabólicas e hormonais, que ocasionam mudanças físicas, psicológicas e sociais, influenciam o estado em que ela atravessará essa fase.

Para as mães psicologicamente abertas para a gravidez, e principalmente as que desejaram a sua gravidez, a gestação se constitui em realização ou

plenitude, o que, porém, não prescinde de certa ansiedade e preocupação com relação ao futuro que não será mais o mesmo. A chegada de um novo ser que precisará de atenção e cuidados, visto que os bebês humanos são totalmente dependentes e indefesos, pode desencadear, na mãe, sentimentos de medo e insegurança.

Segundo Winnicott (1993, p. 21), desde a constatação da gravidez, a mãe sente uma identificação muito forte com o filho que carrega em seu ventre. Passa a associá-lo com a idéia de um “objeto interno”. Seu desejo principal seria o de desviar para o bebê o interesse de seu próprio *self*. Num período próximo do final da gravidez que se estenderia por algumas semanas após o nascimento do bebê, a mãe desenvolveria uma atitude denominada por esse autor, de “preocupação materna primária”.

Esse aspecto da atitude da mãe seria denominado “preocupação materna primária” e se situaria num período próximo ao final da gravidez e se estenderia. Para esse mesmo autor, nem toda mãe é capaz de desenvolver essa preocupação, porém, se essa mãe estiver em ambiente seguro, pode, após um breve tempo de rejeição à criança, adaptar-se às exigências do bebê pela experiência de necessidade que ela mesma teve nessa fase.

Nesse sentido, um ambiente seguro significaria, “[...] se sentir amada em sua relação com o pai da criança e com a própria família; e sentir-se aceita nos círculos cada vez mais amplos que circundam a família e constituem a sociedade” (WINNICOTT, 1993, p. 4). A necessidade de segurança persiste durante toda a nossa vida. Os seres humanos em qualquer idade são “[...] mais felizes e mais capazes [...] quando estão seguros de que, por trás deles, existem uma ou mais pessoas que virão em sua ajuda caso surjam dificuldades” (BOWLBY, 1997, p. 139).

Para Freud, S. (1914-1988), essa identificação da mãe com o filho seria uma necessidade narcísica em atender as suas próprias demandas infantis que ficaram para trás; um desejo de privilegiar essa criança com aquilo que lhe fora porventura negado. Nesse sentido, a criança

[...] será mais uma vez realmente o centro e o âmago da criação – ‘Sua Majestade o Bebê’, como outrora nós mesmos nos imaginávamos [...] o amor dos pais [...] nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido [...] (FREUD, S., 1914-1988, p. 108).

Nessa perspectiva, para Winnicott (1983), a experiência da mãe com as suas necessidades do passado infantil, permitem-lhe superar a inicial dificuldade em prover as exigências do bebê. Já para Freud, S. (1914-1988), as primeiras experiências frustrantes da mãe a conduzem para a busca de satisfação reatualizada nesse novo bebê.

A identificação da mãe com o bebê propicia o atendimento de suas necessidades vitais, e

Tudo isso facilita os estágios iniciais das tendências integrativas do lactente e o começo da estruturação do ego. Pode-se dizer que a mãe torna o fraco ego do bebê em um forte, porque está lá, reforçando tudo [...] (WINNICOTT, 1983, p. 67).

Para Dolto (1989), a concepção é fruto de um desejo que permaneceu em um estado de desejo infantil de ter uma criança, que existe no menino e na menina desde a sua própria concepção. Assim quando um casal deseja conceber um filho, isso é uma fantasia do passado. O que é atual é a vida em sentimentos e afetos. Para ela, não se pode dizer nada do desejo que a mãe sente em relação ao bebê até que este nasça. Depois disso é que podem ser analisadas as emoções que surgem com a vinda do bebê e como esse fato repercute na mãe.

Parece claro, segundo essa perspectiva, que a mãe só deseja o filho real e pode amá-lo, quando o conhece, porque o filho idealizado é outro. É o filho da fantasia primitiva ou infantil.

Para Violante (1994, p. 21), “[...] o desejo materno - de modo prevalente - assim como o paterno, de ter filhos e por cada um dos filhos é o suporte de toda dimensão identificatória”.

O desejo paterno pelo filho também é importante, porque além de propiciar segurança à futura mamãe, que sente o apoio do seu companheiro, também insere o pai na relação triangular desde a gestação.

Muitas mães, quando crianças, observavam suas próprias mães cuidarem delas e dos irmãos e reeditam nos cuidados com os filhos, os cuidados recebidos. Nas brincadeiras das meninas com bonecas, observa-se que algumas meninas as tratam como se fossem suas próprias filhas. Os

[...] desejos experimentados na infância persistem na idade adulta e contribuem grandemente para a força do amor que a mulher grávida experimenta pela criança que se desenvolve em seu ventre, e depois pelo bebê a que deu à luz (KLEIN, 1975b, p. 108).

Klein (1975b) diz que esse brinquedo não é somente a realização de um desejo, mas encerra uma angústia das mais antigas, ligada às primeiras situações de angústia. Além do mais, ao alimentar e vestir as bonecas, com as quais se identifica, a criança tem a percepção de ser amada pela mãe, e isso diminui seu medo de ser abandonada e ficar ao desamparo, sem lar e sem sua mãe.

Assim, é possível que crianças ou adolescentes abandonados que não vivenciaram situação semelhante possam, quando adultos, ter dificuldades de prover seus filhos dos cuidados necessários.

Diferentes teorias abordam esse momento especial, às vezes conflitante, outras vezes exultante, de espera agradável ou de angustiante incerteza, porém, têm-se constatado que a mulher possui um dom inato para cuidar satisfatoriamente do seu bebê.

No caso de mães que rejeitam seus filhos, algo acontece no curso do desenvolvimento dela ou de sua vida, que sobrepuja esse dom inato, modificando-o. Provavelmente a rejeição seja fruto de condições adversas, falta de segurança e apoio, imaturidade psíquica ou falta de identificação com a gravidez.

Viu-se que nos séculos anteriores as mães abandonavam porque temiam perder o seu filho devido à alta taxa de mortalidade e também porque, não contar com a criança enquanto esta não sobrevivesse, parecia ser um costume da época.

Quando o bebê nasce, começa a experiência de uma vida que se inicia com a fragilidade peculiar aos seres humanos e que modifica a rotina da mãe porque, daquele instante em diante, um novo ser dependerá inteiramente de seus cuidados.

3.2 O RECÉM-NASCIDO E A PERCEPÇÃO SENSORIAL DO AFETO

O recém-nascido sofre os primeiros impactos do nascimento ao ser retirado do calor do ventre da mãe. Os momentos seguintes são críticos e ele precisa gradualmente se adaptar ao mundo. Não só a forma como é aguardado, mas também a forma como é recepcionado e acolhido após o nascimento é importante para o seu desenvolvimento.

Muitas vezes, o primeiro contato entre a mãe e o bebê é pele a pele se, ou quando pela primeira vez, o bebê é colocado sobre o abdômen da mãe. Esse contato inicial conforta e tranqüiliza tanto a mãe quanto o bebê. A qualidade da interação mãe-bebê ao longo do tempo é alterada se houver oportunidade de um contato próximo entre eles. Nas primeiras horas que o bebê e a mãe passam juntos,

[...] começa a ter lugar uma série de eventos sensoriais, hormonais, fisiológicos, imunológicos e comportamentais, muitos dos quais, provavelmente, contribuem para a ligação da mãe ao bebê, gradualmente unindo-os e garantindo o posterior desenvolvimento de seu relacionamento (KLAUS; KENNEL; KLAUS, 2000, p. 81).

Segundo Klaus, Kennell e Klaus (2000, p. 76), estudiosos que investigaram o período sensível pós-parto revelaram comportamentos maternos significativamente mais afetivos nos primeiros dias e semanas de vida, quando a

mãe tinha um tempo adicional para o contato precoce e prolongado com seu bebê. Em decorrência disso, quando uma mãe queria amamentar e era permitido o contato precoce com o bebê, essa mãe

[...] obtinha sucesso no início da amamentação e era capaz de amamentar por um período maior do que as mães que não haviam tido um contato precoce de amamentação com seus bebês (KLAUS; KENNEL; KLAUS, 2000, p. 74).

Para Klein e Riviere (1975, p. 21),

[...] na realidade, o bebê não reconhece a existência de mais ninguém a não ser a de si mesmo (o seio da mãe representa para ele simplesmente uma parte de si mesmo – apenas uma sensação no início), e ele espera que todos os seus desejos sejam satisfeitos.

Nesse sentido, a experiência sensorial auxilia o amadurecimento das relações objetais que, a princípio, caracterizam-se apenas pelas necessidades, impulsos e fantasias do bebê.

Ao entregar seus filhos às amas, as mães mencionadas no capítulo dois deste trabalho, suprimiam de sua relação com o filho esse momento especial que propicia o estabelecimento das relações de objeto.

Após as primeiras horas de contato entre a mãe e o bebê, ocorre uma forma de comunicação e uma tentativa de maior proximidade das mães com seus bebês através do contato olho a olho. Para Spitz (1993, p. 53), “[...] o seio é realmente, o primeiro percepto, mas não é um percepto visual; é um percepto de contato - mais especificamente, é um percepto de contato oral”.

Gradativamente o bebê aprende a olhar para a mãe durante as mamadas. A mudança “[...] da percepção tátil para a visual tem fundamental significado para o desenvolvimento do bebê” (SPITZ, 1993, p. 49).

Para Spitz (1993), mesmo quando o bebê perde o contato com o bico do seio (oral, tátil) e depois o recupera, o contato visual permanece inalterado o que

significaria as primeiras origens da constância objetal e da formação de objeto. Assim,

A partir deste modesto início, as relações objetais, tanto conscientes como inconscientes, desenvolvem-se progressivamente nos meses e anos seguintes, envolvendo não apenas as outras modalidades de percepção, mas também a grande variedade de funções psicológicas (SPITZ, 1993, p. 50).

Outro aspecto importante no desenvolvimento do bebê, observável nas primeiras horas após o nascimento, é o reconhecimento da voz da mãe, pelo bebê. Nos estudos de Klaus, Kennell e Klaus (2000, p. 84) encontramos que “[...] uma mãe pode identificar a voz do seu próprio bebê um dia ou dois depois de seu nascimento, mas não tão rapidamente quanto o bebê consegue identificar a dela”. Para esses mesmos estudiosos, o tato e o olfato representam outra forma pela qual a mãe também identifica o seu bebê “[...] é curioso que a mãe reconheça o cheiro de seu bebê e sinta a sua pele, antes de lembrar-se do som de seu choro ou de ver uma foto sua” (KLAUS; KENNEL; KLAUS, 2000, p. 86).

Durante a amamentação, as percepções sensoriais vão sendo registradas. “A visão, o olfato, o paladar registram-se algures e, passado algum tempo, o bebê poderá estar criando algo semelhante ao próprio seio que a mãe tem para oferecer” (WINNICOTT, 1982, p. 101).

A criança não só espera o alimento que a mãe lhe proporciona como também deseja o seu amor e compreensão que são expressos pelos cuidados que a mãe tem para com ela. “A sensação que a criancinha experimenta de estar sendo compreendida fundamenta o primeiro relacionamento básico de sua vida – a relação com a mãe” (KLEIN, 1975a, p. 4).

Um ambiente favorável ao bebê teria, segundo Winnicott (1975), três funções: o segurar, o manejar e a apresentação do objeto (seio). Para que o bebê possa sentir a sua onipotência, possa usar o objeto e sentir que este é uma criação sua, ele precisa ser bem segurado, manejado satisfatoriamente e apresentado ao objeto. Dessa forma, ele aprenderá a conhecer o mundo por meio da mãe.

Embora o objeto tenha que ser apresentado ao bebê, ele tem a ilusão de que o seio da mãe, outros objetos e fenômenos que vai encontrando, são criações suas. Nesse sentido, há um movimento que o bebê vivencia de encontrar e criar, essencial para a construção de um mundo real com diferentes sentidos de realidade, objetiva e subjetiva. As vivências de ilusão são frutos dos primeiros contatos entre o bebê e os cuidados maternos. O meio e seus efeitos permanecem ao longo da vida como uma possibilidade aberta para outras experiências.

O processo amoroso de amamentar, que inclui alguns eventos sensoriais e afetivos e promove “[...] uma relação primitiva satisfatória com a mãe [...], não está necessariamente baseado na amamentação ao seio, de vez que a mamadeira também pode simbolicamente representá-lo [...]” (KLEIN, 1975a, p. 134).

A esse respeito Winnicott (1982, p. 103) argumenta:

É óbvio que um bebê pode progredir fisicamente com a alimentação por mamadeira, ministrada com razoável perícia, e a mãe cujo leite falte poderá fazer quase tudo o necessário, no decorrer da alimentação por mamadeira. Todavia, mantém-se o princípio de que o desenvolvimento emocional de um bebê, no início, só pode ser bem consolidado na base das relações com uma pessoa que, idealmente, deveria ser a mãe. Quem mais sentirá e fornecerá o que é preciso?

Nesse sentido, parece claro que o seio provedor pode ser substituído pela mamadeira, porém o ideal seria a mãe nunca ser substituída.

Segundo Kusnetzoff (1982), mesmo uma mãe que amamente naturalmente seu filho pode não possuir os requisitos psicológicos que propiciarão os processos sensório-perceptivos na idéia convencional de mãe boa ou bom objeto. No entanto, um homem que alimente seu bebê mesmo de maneira artificial poderá atender a demanda com atenção e profunda intimidade sensório-perceptiva, favorecendo a esse bebê uma adequada formação do ego.

Esse homem geralmente o pai, pode compartilhar das experiências

sensório-perceptivas com o bebê, como a mãe. Segundo Grubits (1998, p. 57), “O pai, desde cedo, exerce um papel na vida da criança, e passa a fazer parte do seu mundo interno”.

O cuidado com um bebê, seja para alimentá-lo, seja para vesti-lo, propicia que o rosto humano apareça no seu campo visual, inúmeras vezes, sempre que são satisfeitas algumas de suas necessidades. Nesse sentido, o rosto humano “[...] se torna associado à supressão do desprazer assim como à experiência do prazer” (SPITZ, 1993, p. 38).

Winnicott (1975) postula que, nas primeiras fases do desenvolvimento do bebê humano, o bebê ainda não separou o eu do não-eu, e o meio ambiente tem, nessa separação gradativa, um papel vital. A separação entre o não-eu e o eu ocorre quando a ausência da mãe pode ser objetivamente percebida como uma alteração do aspecto ambiental; mas, se não existe ali uma mãe ou alguém que a substitua, há prejuízo no processo de desenvolvimento desse bebê.

Para Klein e Riviere (1975, p. 85) “O bebê que experimenta um desejo intenso do seio materno, quando este não está presente, pode imaginá-lo presente, isto é, pode imaginar a satisfação que dele deriva”. Nesse sentido, na ausência da mãe, nutrido de sua onipotência e ilusão, o bebê pode reconstruir o objeto e constituir o próprio ego.

A mãe funciona para o bebê como um espelho. Ao olhar para a mãe, ele vê a si mesmo, e esse olhar, se correspondido satisfatoriamente, permite ao bebê estabelecer uma troca na qual a mãe lhe devolve o seu próprio eu que o faz ir, naturalmente, se situando como pessoa diferente de sua mãe (WINNICOTT, 1975).

A situação de alimentação é quando acontece a experiência de percepção por contato. Mas, para Spitz (1993), na quarta semana, de vida o bebê segue com o olhar, à distância, o adulto, cujo rosto é o primeiro objeto de percepção visual. A amamentação é, assim, não só uma experiência de satisfação e contato, como também dá início a um processo de transição para o distanciamento do objeto.

Depois que o bebê aprende, por volta dos dois meses, a seguir com os olhos o rosto adulto, aparece uma nova resposta, que é específica da espécie humana. Com o avanço da maturação física e psicológica, o bebê de aproximadamente três meses tem pronto o equipamento somático necessário para outra experiência psicológica: o sorriso.

Para Spitz (1993), o sorriso é a primeira manifestação comportamental, ativa, dirigida e intencional, o primeiro indicador da transição de completa passividade do bebê para o início do comportamento ativo que, de agora em diante, desempenhará um papel cada vez mais importante.

3.3 PRIMEIROS ANOS DE VIDA E ANOS SUBSEQÜENTES

A progressão do ser humano é tributária de suas primeiras relações com seus semelhantes. Estes exercem uma função estruturante.

As características da presença materna influenciam as possibilidades e os limites desse desenvolvimento, bem como os recursos para lidar ao longo da vida com os conflitos e com suas experiências de prazer ou de frustração (VOLLICH, 2000, p. 13).

E, ainda, não é somente o bebê ou a criança pequena que necessita de um ambiente provedor. Em relação a isso, Winnicott (1975, p. 188) argumenta que:

A independência não se torna absoluta e o indivíduo visto como unidade autônoma nunca de fato, é independente do meio ambiente [...] meio ambiente facilitante e suficientemente bom, que no início do crescimento, constitui um *sine qua non*.

A provisão de cuidados e atenção é vital e absolutamente necessária para o bebê. Para Winnicott (1983, p. 65), “ainda assim é necessária provisão suficientemente boa [...] de forma relativa em estágios posteriores, no estágio do complexo de Édipo, no período de latência e também na adolescência”. Nesse sentido, a continuidade das trocas afetivas satisfatórias, estendendo-se da infância até a vida adulta, constitui-se em suprimento indispensável para relações futuras.

Para Klein e Riviere (1975), as necessidades iniciais do bebê estão basicamente relacionadas com a fome. Se essa necessidade do bebê é suprida satisfatoriamente, ele terá a mãe como um objeto bom que satisfaz os seus desejos, o seio bom. Mas, quando o afastamento do seio da mãe é sentido pelo bebê e ele é dominado pela fome e raiva, tem o bebê a fantasia inconsciente e onipotente de que, com sua raiva, poderá destruir esse seio – o seio mau – que o frustra.

Nesse sentido, o relacionamento da mãe com o bebê no processo da amamentação mobiliza, no bebê, sentimentos de amor e gratidão, o que o faz crer num mundo bom. Por outro lado, mobiliza sentimentos de ódio e destruição (posição esquizo-paranoide). Além das gratificações e frustrações vividas pelo bebê, na relação com sua mãe real, dois processos mentais – a introjeção e a projeção – interferem nessa relação. Os impulsos de amor são projetados pelo bebê, ao seio gratificador, e os seus impulsos agressivos atribuídos ao seio frustrador.

Os processos de introjeção e projeção funcionam, desde o nascimento, como uma das atividades mais primitivas do ego, mas não são processos infantis apenas:

A introjeção significa que o mundo externo, seu impacto, as situações que a criancinha vive, e os objetos que ela encontra, são experimentados não só como externos, mas são recebidos dentro do eu e se tornam parte da vida interna dela [...]. A projeção que ocorre simultaneamente, implica que existe uma capacidade na criança de atribuir a outras pessoas em torno dela sentimentos de várias espécies, predominantemente o amor e o ódio (KLEIN, 1975a, p. 67).

Os sentimentos de ódio que a criança experimenta ao vivenciar a frustração, a fazem sentir culpa e sofrimento pela fantasia de ter destruído o seu objeto de amor. Pelo medo de perder o objeto ocorre um desejo de repará-lo (posição depressiva). Esses sentimentos novos tornam-se parte inerente ao amor.

Se o bebê, em suas fantasias agressivas, chegou a danificar a mãe, mordendo-a ou despedaçando-a, é possível que em breve

construa fantasias de que está juntando novamente os pedaços e restaurando-a (KLEIN; RIVIERE, 1975, p. 86).

Os sentimentos do bebê são ampliados e ele sente que os seus impulsos são dirigidos ao objeto amado. Em Grubits (1998, p. 58), tem-se que “[...] processos idênticos se dão em relação ao pai e outras pessoas da família”.

A reparação é um movimento importante para a integração do ego da criança.

A mãe que cuida de seu filho está sempre mais ou menos por perto, e reconhece os impulsos espontâneos de construção e reparação. Ela é capaz de esperar que surjam, e os reconhece quando aparecem (WINNICOTT, 1993, p. 38).

E é nesse fluxo de introjeções e projeções que vão se constituindo os objetos bons e maus que acompanharão a criança ao longo do seu desenvolvimento e, que,

[...] prosseguem pela vida afora e se modificam no curso da maturação; mas nunca perdem sua importância na relação do indivíduo para com o mundo que o cerca. Mesmo no adulto, portanto, o julgamento de realidade jamais está inteiramente isento da influência de seu mundo interno (KLEIN; RIVIERE, 1975, p. 7).

A gratificação que o bebê experimenta quando é amamentado lhe dá uma sensação provisória de que está seguro. Essa sensação de segurança aplica-se não só ao bebê, mas também ao adulto, e,

[...] às formas mais simples do amor e às suas manifestações mais elaboradas [...] pelo fato de ter sido nossa mãe a satisfazer em primeiro lugar nossas necessidades de auto-preservação e os nossos desejos sensuais e a nos infundir segurança, o papel por ela desempenhado em nossas mentes é duradouro [...] (KLEIN; RIVIERE, 1975, p. 84).

No tocante à segurança, propiciada pelo ambiente externo à criança,

[...] é o ambiente circundante que torna possível o crescimento de

cada criança; sem uma confiabilidade ambiental mínima, o crescimento pessoal da criança não pode se desenrolar, ou desenrola-se com distorções (WINNICOTT, 1993, p. 45).

Segundo Bowlby (1990), os tipos diferentes de comportamento do bebê e das crianças no primeiro ano de vida medeiam o comportamento do apego. Dentre eles, os mais óbvios são os de chorar e mamar, agarrar-se, balbuciar e sorrir, locomover-se, etc. Desde o início do desenvolvimento, a proximidade da mãe é essencial para que cada um desses comportamentos ocorra, e o comportamento de apego se inicia quando o bebê tende a manter essa proximidade com a mãe.

Essa relação inicial do bebê com a mãe estabelece, segundo Bowlby (1990), um modo de funcionamento que ele chama de Modelo Funcional Interno através do qual o indivíduo verá o mundo. Assim, seguramente apegados a essa relação, crianças e adolescentes, cujo Modelo Funcional Interno seja adequadamente estabelecido, têm relações positivas e melhor funcionalidade acadêmica e social.

Ao funcionar como espelho para o bebê, a mãe ou alguém que a substitua, continua importante para a criança e para a família. Aos poucos, de forma natural,

[...] à medida que a criança se desenvolve e os processos de amadurecimento se tornam mais apurados, e as identificações se multiplicam, a criança se torna cada vez menos dependente de obter de volta o eu (*self*) dos rostos da mãe e do pai, e dos rostos de outras pessoas com quem se encontra em relacionamento fraterno ou parental (WINNICOTT, 1975, p. 161).

Outros estímulos do ambiente solapam a atenção antes dirigida apenas ao objeto de amor do bebê. Ele já pode desviar a atenção do objeto porque já está mais seguro de que ele pode ir e vir. Para Spitz (1993, p. 90).

A maneira como determinado ego se estrutura e se organiza é determinada pela maneira como são dominados os estímulos ambientais e internos. Nesse sentido, ao ocorrer uma [...] diminuição progressiva do limiar perceptivo, os [...] estímulos vindos de fora começam agora a modificar essa organização rudimentar da personalidade. Eles a forçam a reagir e a iniciar um processo formativo.

A experiência de prazer e desprazer são as principais experiências de afeto na primeira infância. Isso diz respeito às proposições de Freud (apud SPITZ, 1993, p. 106) donde, “[...] os afetos são os resultados finais percebidos de processos de descarga”. A reação do sorriso é o prenúncio da redução de tensão no bebê e quando a mãe se ausenta e o bebê chora, esse é um indicador afetivo da expectativa de tensão em elevação. Essas mudanças na economia da pulsão associados aos dados situacionais externos constituem os traços de memória do bebê (SPITZ, 1993).

Segundo Freud, S. (1924-1980a, p. 200), nem sempre a redução da tensão é boa e a evolução da tensão é algo ruim. Assim ele argumenta a respeito:

Parece que na série de sensações de tensão temos um sentido imediato do aumento e diminuição das quantidades de estímulo, e não se pode duvidar que há tensões prazerosas e relaxamentos desprazerosos de tensão. O estado de excitação sexual constitui o exemplo mais notável de um aumento prazeroso de estímulo desse tipo, mas certamente não é o único.

A frustração decorrente do desprazer tem um papel tão importante no desenvolvimento emocional da criança, quanto à satisfação do prazer. O próprio desmame é necessário para que o ser humano atinja um maior grau de autonomia.

[...] uma vez estabelecida, a função psicológica será governada, por algum tempo, pela regra do princípio de prazer-desprazer, até que o princípio de prazer seja por sua vez atenuado, embora nunca completamente, pelos mecanismos reguladores do princípio de realidade (SPITZ, 1993, p. 30).

Segundo Spitz (1993), sem um grau de frustração que ele chama de adequado à idade, o ego não se desenvolve satisfatoriamente. Nos seis meses subseqüentes, o bebê vai se deparar com inúmeras frustrações e, em contato com elas, desenvolverá um grau crescente de independência podendo tornar-se gradualmente mais ativo nas suas relações com o mundo exterior.

Para Bowlby (1990), aos seis meses, o comportamento de apego já está nitidamente presente; avança dos seis aos nove meses mais forte e consolidado e

continua durante o trimestre final do primeiro ano até o segundo ano. Nesse sentido, se existir qualidade na presença da mãe, ela desenvolverá no bebê um padrão de apego seguro, de forma que o bebê seja capaz de se ocupar de algumas descobertas e buscar novas fontes de distração ou satisfação, o brinquedo, por exemplo.

O comportamento de apego é exibido regularmente até perto do final do terceiro ano. Após o terceiro aniversário, as crianças mostram-se mais aptas a se sentirem seguras com figuras subordinadas de apego, por exemplo, uma pessoa da família ou uma professora da escola. Depois do quarto ano, o comportamento de apego persiste ao longo dos primeiros anos escolares (BOWLBY, 1990).

Spitz (1993) estabeleceu três organizadores do psiquismo humano. O primeiro organizador seria o sorriso recíproco que ele considera o sintoma visível de que as diferentes correntes de desenvolvimento no aparelho psíquico estão integradas e organizadas de tal forma, que irão funcionar daí em diante como uma unidade separada no sistema psíquico.

O segundo organizador se refere ao medo que a criança, por volta dos oito meses, sente quando da aproximação de alguém estranho. Esse desprazer está relacionado com o medo de perder a mãe, o seu objeto libidinal, que ele prefere a qualquer outro rosto. O rosto humano presente no sistema de memória da criança, assinala o primeiro passo principal no sentido do desenvolvimento das relações objetais (SPITZ, 1993).

As relações objetais que antes eram baseadas na proximidade entre a díade mãe-filho, ganham nova configuração com a possibilidade de locomoção da criança. Os perigos advindos da progressiva autonomia que o andar propicia à criança e a natural curiosidade e necessidade de atividade provocam um distanciamento entre eles e uma necessidade de usar mais o gesto e a palavra (SPITZ, 1993).

Segundo Erikson (1987), com a sofisticação do sistema de locomoção, do controle dos esfíncteres e do desenvolvimento da fala, a criança ganha

autonomia, e a ansiedade da separação diminui. No entanto ela buscará pela mãe sempre que precisar.

Esse mesmo autor, analogamente à teoria do apego, postula a confiança básica que seria um estado que implica que o bebê

[...] não só aprendeu a confiar na uniformidade e continuidade dos provedores externos, mas também em si próprio e na capacidade dos próprios órgãos para fazer frente aos impulsos e anseios; que está apto a considerar-se suficientemente idôneo para que os provedores não precisem estar em guarda ou que o abandonem (ERIKSON, 1987, p. 102).

A busca pela criança de uma maior autonomia e satisfação da sua natural curiosidade implica proibições. As proibições expressas pela mãe, através do meneio negativo da cabeça acompanhado da palavra “não”, são investidas de uma carga afetiva que frustra a criança e provoca um impulso agressivo do id. Com medo de perder o objeto amado, a criança luta entre o desejo e a proibição e decide recorrer a uma solução propiciada por um mecanismo de defesa que está emergindo justamente nesse estágio: o da identificação (SPITZ, 1993).

A identificação é um dos mecanismos de defesa e tem uma importância crucial no desenvolvimento do ego. Quando a identificação é com o objeto amado, pode servir de defesa contra a dor da separação, da ameaça desta, ou da perda do objeto. Se for uma identificação por culpa, a pessoa identifica-se com a finalidade de autopunição, com uma qualidade ou sintoma da pessoa que é fonte dos sentimentos de culpa (KAPLAN, 1997).

Nesse sentido, a criança incorpora a proibição, ao seu ego, como traço de memória. Dessa forma, o terceiro organizador é inaugurado e a criança adquire a primeira capacidade de julgamento e negação.

As inúmeras experiências de desprazer investem de catexia agressiva o “Não” que fica apropriado para,

[...] expressar a agressão, e é por isso que o NÃO é usado no mecanismo de defesa de identificação com o agressor e é voltado

contra o objeto libidinal. Uma vez que esse passo tenha sido completado, pode começar a fase da teimosia (com a qual estamos familiarizados no segundo ano de vida) (SPITZ, 1993, p. 140).

Viu-se que o “não” é o terceiro organizador postulado por Spitz (1993), e, ele é essencial para o desenvolvimento. Porém,

Em seu avanço para a independência e autoconfiança, a criança aceita a inicial atitude, gratificadora ou frustradora, da mãe como um modelo que imitará e recriará em seu próprio ego. Quando a mãe compreende, respeita e satisfaz os desejos da criança, até onde for possível, há boas probabilidades de que o ego infantil mostre igual tolerância. Quando a mãe protela, nega e negligencia, desnecessariamente, a satisfação de desejos da criança, o ego desta desenvolve mais a chamada “hostilidade contra o id”, isto é, uma propensão para o conflito interno, que é um dos requisitos prévios do desenvolvimento neurótico (FREUD, A., 1971, p. 140).

Quando a criança vivencia muitos ‘nãos’ desnecessários e punitivos e os introjeta, além ainda, das reprovações externas, agressões sofridas na sua experiência de vida, ela pode ficar identificada com a pessoa que a agrediu e repetir as mesmas agressões, dirigindo-as para alguém do meio externo. Nesse caso, o que ocorre é uma identificação com o agressor e a formação de um superego rígido e castrador.

Segundo Freud Anna (apud GOLSE, 1998, p. 50),

[...] a identificação com o agressor desempenha um papel importante na formação do Superego, pois implica a introjeção das reprovações exteriores e o retorno dessas reprovações sobre o meio, antes que a criança seja capaz de dirigi-los contra si mesma a formação de um superego rígido e castrador.

O superego vai se formando quando o ego que faz a mediação entre o id e o meio externo, se põe contra exigências exageradas dos dois e toma

[...] as decisões a partir de um princípio de prazer modificado - essa representação, de fato, aplica-se ao ego até o fim do primeiro período da infância, até aproximadamente a idade de cinco anos (FREUD, S., 1940-1980b, p. 235).

Quando a criança é acostumada a ter os seus instintos satisfeitos e se depara com um perigo real, tem que decidir: renuncia ao seu desejo se curvando à proibição ou rejeita a realidade convencendo-se de que não existe razão para ter medo, conservando a satisfação. “Existe assim um conflito entre a exigência por parte do instinto e a proibição por parte da realidade” (FREUD, S., 1940-1980b, p. 235).

Freud, A. (1971) adverte sobre as diferenças de reações de desprazer de uma criança para outra e assevera que a saúde mental da criança está relacionada à forma como ela lida com os seus desejos insatisfeitos. Desde a situação da amamentação, algumas crianças toleram mais, e outras, menos, a insatisfação. As crianças com baixa tolerância à frustração reagem com manifestações de cólera e impaciência e não aceitam satisfações substitutas. Outras com um grande potencial para a sublimação suportam a mesma quantidade de frustração, aceitando gratificações substitutas. Nesse sentido,

Obviamente, as primeiras crianças são as que se encontram em perigo. As quantidades inalteráveis de tensão e ansiedade com que seus egos têm de arrostar são mantidas sob controle muito precário por intermédio de defesas primitivas, tais como a negação e a projeção, ou sofrem uma descarga periódica, na forma de caóticas explosões de temperamento. O caminho é muito curto entre esses recursos e a patologia, isto é, a produção de sintomas neuróticos, delinquentes ou perversos (FREUD, A., 1971, p. 120).

Os estudos sobre a influência da qualidade das relações objetais têm correlação à Teoria do Apego, descrita por Bowlby. Ainsworth (apud BOWLBY, 1998) classifica como seguramente apegado um bebê que, mesmo ficando aflito com a ausência temporária da mãe, é capaz de enfrentar breves períodos dessa ausência sem se perturbar. Já os bebês inseguramente apegados ficam desamparados e desorientados na ausência da mãe. Esses bebês podem ter dois tipos de apego: inseguro esquivo, quando demonstram um aparente desinteresse pelo regresso da mãe ou a evitam; e inseguro resistente, quando oscilam entre querer a proximidade e contato com a mãe e resistir ao contato e à interação com ela.

Estendendo-se pela adolescência e vida adulta, os tipos de apego que a criança desenvolve em relação à mãe, e posteriormente a outras figuras de ligação, remontam à primeira infância. Para Erikson (1987, p. 103),

o montante de confiança derivado da mais remota experiência infantil não parece depender das quantidades absolutas de alimento ou de demonstrações de amor, mas, outrossim, da qualidade das relações maternas.

Um padrão de apego seguro na infância pode favorecer uma adolescência saudável, facilitando o processo de escolhas próprias da idade, como a escolha profissional, do grupo de amigos, enfim, daquelas que dizem respeito à estabilidade.

Ainda Bowlby (1997) designa como Teoria de Ligação o estudo dos mesmos fenômenos tratados em termos de “necessidade de dependência”, “relações com o objeto”, ou “simbiose e individuação”. Segundo esse autor, a Teoria de Ligação, é

[...] um modo de conceituar a propensão dos seres humanos a estabelecerem fortes vínculos afetivos com alguns outros, e de explicar as múltiplas formas de consternação emocional e perturbação da personalidade, incluindo ansiedade, raiva, depressão e desligamento emocional, a que a separação e perda involuntárias dão origem (BOWLBY, 1997, p. 168).

A ligação como padrão comportamental de cada indivíduo depende em parte do sexo, da idade em que se encontra, e das circunstâncias com as quais o indivíduo tem se deparado e, ainda, das experiências que teve com suas primeiras figuras de ligação. Nesse sentido, o “[...] comportamento de ligação caracteriza os seres humanos do berço à sepultura” (BOWLBY, 1997, p. 171).

O adolescente, a partir da experiência com suas primeiras figuras de ligação, pode sair em busca de maior autonomia, auto-afirmação e construção de sua identidade. Para isso, precisa da base segura, obtida através dos primeiros vínculos, ampliada, para além das figuras parentais (pessoas da mesma idade, professores, etc.).

Para Oliveira (1996, p. 34),

[...] a cooperação se estabelece sobre a base dos papéis diferenciados, acentuando a heterogeneidade que devem apresentar dentro do âmbito de um grupo familiar [...] a família, portanto, converte-se no lugar da aprendizagem de papéis biológicos e funções sociais, e conseqüentemente, na base do desenvolvimento da identidade.

A construção da identidade da criança e do adolescente fica prejudicada quando não há, na sua história, uma vida em família ou em comunidade, pois

As mães geram um sentimento de confiança em seus filhos mediante [...] a assistência sensível às necessidades individuais do bebê e um firme sentimento de idoneidade pessoal, dentro da estrutura digna de crédito do estilo de vida da comunidade a que pertencem (ERIKSON, 1987, p. 103-104).

A criança ou o adolescente precisa pertencer a um grupo no qual sua identidade seja preservada, porém, construída a partir de modelos por ela (e) sentidos como confiáveis. Essa confiança forma a própria base, na criança e no adolescente,

para um componente do sentido de identidade que mais tarde combinará os sentimentos de estar certo, de ser uma pessoa distinta e de se tornar o que outras pessoas confiam que ele (a) virá a ser (ERIKSON, 1987, p. 104).

O comportamento de ligação e a construção da identidade sofrem perturbações quando acontecem separação e perdas involuntárias. Assim, crianças abandonadas, podem não ter tido comportamentos de ligação adequados (com a mãe ou substitutos), ou podem ser privadas dessas primeiras figuras, pela separação do abandono; ou ainda, numa situação de abrigo, ou família substituta, ser privada do afeto necessário ao seu desenvolvimento.

As crianças e adolescentes institucionalizados devem ser assistidos por projetos que favoreçam não só a construção da identidade como também da cidadania. Na falta da instituição familiar, a instituição abrigadora deve propiciar

espaços onde, na interação com o outro, essas crianças e adolescentes possam pensar sobre suas vivências e perspectivas de futuro.

Este estudo fez com que se refletisse sobre a influência significativa da privação afetiva no funcionamento psicodinâmico das crianças e adolescentes abandonados, cuja trajetória de vida com seus objetos parentais foi interrompida em seu curso. Para melhor entendimento das conseqüências dessa privação, propôs-se, então, percorrer alguns estudos que contemplam o tema.

4 A PRIVAÇÃO AFETIVA

No primeiro capítulo, viu-se a importância dos contatos afetivos vivenciados pelos indivíduos desde a gestação até a adolescência. Decorre daí que, para a fundamentação desta pesquisa, serão percorridos construtos teóricos e estudos sobre os efeitos da privação dos afetos.

4.1 ALGUMAS FORMAS DE PRIVAÇÃO AFETIVA

Segundo Bowlby (1988), o desenvolvimento do indivíduo pode ser alterado, na vida antes do nascimento, por fatores hereditários que são responsáveis pelas diferenças de comportamento humano. Infecções, intoxicações, ou doenças, dependendo da natureza do dano, da estrutura e em razão da maturidade do tecido afetado, também podem prejudicar o feto.

As experiências emocionais pelas quais passa a mulher grávida sugerem que a gestação é um momento de intensa mobilização interna das mães. Os sentimentos que advêm dessa fase temporária e única norteiam a relação intra-uterina entre a mãe e o bebê. As experiências vividas pela mãe durante esse período estão diretamente relacionadas com o desejo, recusa ou indiferença pela maternidade.

Uma classificação etiológica de doenças psicogênicas feita por Spitz (1993) descreve que o recém-nascido pode se tornar comatoso, com palidez extrema, sensibilidade reduzida e dispnéia podendo vir a óbito quando a gravidez não é aceita pela mãe. Denominou essa síndrome de “rejeição primária manifesta”, que pode ser ativa ou passiva. Ativa quando a mãe rejeita a gravidez e a criança; passiva quando a mãe rejeita a gravidez e não a criança como indivíduo.

Violante (1994, p. 22), em seu estudo sobre a criança mal amada, argumenta que “a criança não-desejada é aquela que não pôde ser imaginada, pré-anunciada e pré-vestida pela libido materna como um ser novo, um ser autônomo”.

Segundo Kreisler (1999), o modo do recém nascido se expressar logo após o nascimento, como em casos de insônia, cólicas e gritos, seria hipoteticamente fruto de uma gestação marcada pela angústia. Argumenta que a qualidade e a intensidade dessa angústia seriam ainda maiores que as inquietações da mãe gestante.

Nesse sentido,

Os bebês dessas gestações conflitivas nascem com disposições de sensibilidade particulares e que são identificáveis: a hipertonia, o excesso de vigilância, a grande receptividade aos estímulos externos e às excitações (KREISLER, 1999, p. 380-381).

Aspectos da maternidade, como idade, maturidade, planejamento, qualidade das relações parentais e com o pai da criança; representações da responsabilidade que a maternidade acarreta; e medos de não conseguir ser uma boa mãe, de ter um filho com problemas de saúde e das adversidades passíveis de serem enfrentadas pelo bebê no futuro, podem gerar, na gestante, sentimentos diversos que influenciarão significativamente o desenvolvimento desse bebê.

A criança que é privada de uma interação satisfatória com a mãe logo nos seus primeiros dias de vida é vítima de uma situação que pode perpetuar-se, causando danos irreparáveis, com repercussões na sua adolescência e, às vezes até na sua vida adulta.

Após o nascimento, conforme Bowlby (1988), o essencial à saúde mental é que, nesse período inicial de vida, e nos primeiros anos de vida, o bebê e a criança tenham uma vivência amorosa e contínua com a mãe, ou outra pessoa que a substitua, de forma regular e permanente e que ambas sintam prazer e satisfação nesse convívio.

A privação do afeto logo após o nascimento e nas primeiras semanas é marcada, segundo Spitz (1993), por relações inadequadas entre mãe e filho (fator qualitativo) e relações insuficientes (fator quantitativo). Para esse autor, isso caracteriza um distúrbio das relações objetais.

Nesses tipos de relação, a mãe é incapaz de prover satisfatoriamente, as necessidades do seu bebê. Spitz (1993) define alguns padrões de comportamentos maternos inadequados (fator qualitativo) que ocasionam o que ele denominou de doenças psicotóxicas da primeira infância: Rejeição primária manifesta (rejeição à gravidez), superpermissividade ansiosa primária (solicitude exagerada), hostilidade disfarçada em ansiedade (mães que privam o bebê do contato cutâneo), oscilação entre mimo e hostilidade (mães sem controle de suas emoções, que alternam explosões de amor e fúria), oscilações cíclicas de humor da mãe (extrema rejeição ou extrema solicitude), hostilidade materna conscientemente compensada (mãe narcisista e exibicionista).

Todos esses tipos de comportamentos maternos podem desencadear doenças nas crianças e privá-las de um desenvolvimento adequado.

Nesses padrões de comportamentos maternos inadequados, a mãe está viva, presente. Nas doenças de carência afetiva do bebê, a mãe está ausente por doença, morte, hospitalização, ou abandono. Spitz (1993) descreve como fator quantitativo o dano que sofre a criança privada de sua mãe (porque é proporcional à duração da privação), e distingue duas categorias: privação afetiva parcial (depressão anaclítica) e privação afetiva total (hospitalismo).

O termo depressão anaclítica postulado por Spitz (1993) refere-se a uma depressão infantil ocasionada pela separação da criança e sua mãe – por um período de até cinco meses ininterruptos – com quem teve relações anteriores satisfatórias ou muito boas. Nesse tipo de depressão, a recuperação é rápida, se o objeto de amor retorna logo para a criança, num período de três a cinco meses. Esse distúrbio tem como origem a perda do objeto de amor.

Spitz (1993) descobriu que crianças cujas relações com as mães tinham

sido más, sofriam de uma depressão que ele classificou de suave, porque, obviamente, uma relação insatisfatória é muito mais fácil de ser substituída.

O fato de esse autor denominar esse tipo de depressão como suave, não o impediu de reconhecer que existia nessas crianças, dada a influência pelo relacionamento impróprio com suas mães, uma variedade de distúrbios psicotóxicos. Segundo Spitz (1993, p. 207), “[...] tais distúrbios [...] não eram devido à perda do objeto, mas desenvolviam-se como resultado do relacionamento que precedia a separação da mãe.”

Um bebê que tenha obtido a satisfação de suas necessidades (das pulsões), e a libidinização, pela mãe que a toca, durante a identificação primária, pode mais tarde dispor de mecanismos que possibilitem a diferenciação entre ele e a mãe, pode formar as identificações secundárias e preparar o terreno para a autonomia e independência (SPITZ, 1993).

Não só o toque é fundamental na relação mãe-bebê. O olhar tem importância significativa para a diferenciação entre um e outro. O bebê precisa dessa comunicação, sem a qual ele não se encontra, pois é a mãe que o presentifica com o seu eu.

Viu-se que o rosto da mãe pode funcionar como um espelho para o bebê. Quando esses bebês olham para a mãe e não se vêem, podem atrofiar sua capacidade criativa ou procurar no ambiente, outros meios de ver algo de seu ou apenas a aprender a prever o humor materno deixando de ser beneficiado com o que poderia ser uma troca significativa com o mundo (WINNICOTT, 1975).

Quando a mãe fornece uma base segura ao bebê ou criança ao estar presente ou ao ter o seu paradeiro conhecido, essa criança pode abandonar temporariamente o seu comportamento de ligação, explorar o ambiente e regressar quando se cansar.

Esse padrão pode se repetir quando, adolescente ou já adulta, a pessoa se afastar de sua família cada vez mais e por maiores espaços de tempo, retornando de vez em quando, a esse convívio mais próximo.

A base a partir de onde um adulto opera será a sua família de origem, ou então uma nova base que ele criou para si mesmo. Qualquer indivíduo que não possua tal base é um ser sem raízes e intensamente solitário (BOWLBY, 1997, p. 175).

Assim, no encontro entre o bebê e sua mãe é que começa a formação do sentimento de identidade a partir da confiança e do reconhecimento mútuos.

A necessidade de ser reconhecido permanece fundamental no homem, tanto que, a ausência ou deterioração desse sentimento de identidade limita consideravelmente a capacidade de o adolescente sentir-se idêntico quando recebe a incumbência de ser adulto e buscar seus próprios amores e incentivos escolhidos (ERIKSON, 1987, p. 105).

4.2 CONSIDERAÇÕES DE ALGUNS AUTORES SOBRE OS EFEITOS DA PRIVAÇÃO AFETIVA

A mãe, nos primeiros anos de vida da criança, funciona como um ego auxiliar ou como sua personalidade e consciência. A criança que não teve a oportunidade de estabelecer uma relação com uma figura materna claramente definida, terá dificuldade para completar a primeira fase do desenvolvimento e poderá receber cada mudança com indiferença total.

No caso em que teve boas relações com a mãe nos dois primeiros anos e depois sofre privação da presença materna, a criança tem afetada a segunda fase, e algumas “[...] em tais circunstâncias [...], freqüentemente regridem a formas mais infantis de pensar e de se comportar, encontrando muita dificuldade para crescer novamente” (BOWLBY, 1988, p. 62). Outra, embora cresça e se desenvolva, ainda buscará segurança e auxílio na mãe,

A menos que sua perplexidade seja esclarecida e suas lealdades respeitadas, a criança se manterá agarrada a um passado insatisfatório, tentando incessantemente encontrar sua mãe [...] para uma criança que teve a oportunidade de estabelecer relações não é tão fácil esquecer suas lealdades [...] a criança pode ter sofrido tanto com o fato de estabelecer relações e perdê-las, que reluta em entregar novamente seu coração a alguém por medo de que ele seja novamente ferido (BOWLBY, 1988, p. 64).

Alguns indivíduos passam pela vida infantil e adolescente sem conseguir estabelecer relações satisfatórias ou duradouras porque perderam seus objetos de amor e, quando adultos, podem passar a

[...] perseguir seus objetivos sem considerar as outras pessoas. Seu amor reprimido pode ser dirigido para sentimentos de vingança, relações sexuais promíscuas, furtos e atos anti-sociais, por vezes, violentos (BOWLBY, 1988, p. 63).

A falta da presença materna ou de alguém que a substitua suficientemente pode causar danos nos diferentes funcionamentos da criança. Para Erikson (1987), pode, ainda, resultar numa depressão aguda ou num estado moderado, mas permanente ou crônico, de pesar, instaurando um matiz depressivo que pode se estender pelo resto da vida do indivíduo. “Na ausência de um investimento adequado, esses funcionamentos correm o risco de se perpetuar na independência anárquica primeira” (KREISLER, 1999, p. 350).

Sem a identificação primária que caracteriza o período em que o bebê na sua onipotência é cuidado, amamentado e libidinizado pela mãe, fica difícil o caminho que essa criança e depois adolescente terá que percorrer para atingir a independência. Spitz (1993), ao desenvolver o conceito de Mahler, do processo de separação-indivuação, assevera que o caminho para a individuação se faz, através das identificações secundárias (quando superada a identificação primária), durante as quais a criança vai adquirindo técnicas e mecanismos que lhe permitem conseguir a independência em relação à mãe. A independência em relação à mãe está relacionada a um apego seguro ou à possibilidade de um abandono temporário do comportamento de ligação, entre a mãe e a criança.

Como visto anteriormente, o apego ou vinculação (e a qualidade destes) da criança, a seus pais ou cuidadores é fundamental para o seu desenvolvimento. O CID-10, mencionado por Grunspun (1999), categoriza alguns Transtornos de Funcionamento Mental. Dentre eles, o Transtorno de Vinculação, que inclui crianças que sofrem muito e têm prejuízos de ordem social, como resultado de apegos anormais que viveram.

Cita ainda, esse mesmo autor, o Transtorno Reativo de Vinculação (Apego) na infância, que tem como causa, provavelmente, negligência parental grave, abuso ou sérios maus-tratos, tendo como conseqüências: medo, hipervigilância, auto e hetero-agressão e interação insatisfatória com companheiros.

Parece claro que a causa desse transtorno impele a criança a desenvolver mecanismos de ataque e defesa constantes, os quais a impedem de confiar nas pessoas e em decorrência disso, não lhe permitem estabelecer vínculos.

O Transtorno de Vinculação (Apego) com Desinibição na infância é um transtorno ocasionado por carência afetiva e mudanças múltiplas no arranjo familiar. Caracteriza-se por

[...] padrão de funcionamento social anormal nos primeiros cinco anos de vida com grau incomum de difusão dos vínculos seletivos com comportamento aderente, indiscriminadamente amigável e de chamar a atenção (GRUNSPUN, 1999, p. 152).

No postulado sobre privação afetiva total, Spitz (1993) descreve seu estudo feito com crianças abandonadas, cujas mães, às vezes, as amamentavam até os três meses e se separavam delas. Quando a separação ultrapassava cinco meses, o relacionamento anterior dessas crianças com suas mães não tinha muito efeito no curso de doenças, ou seja, não impedia que os sintomas aparecessem e a doença se instalasse.

Verificou o autor que os atrasos físicos e cognitivos, os distúrbios psicológicos, as doenças orgânicas dessas crianças, o marasmo e morte ali registrados, não eram decorrentes, em si mesmos, da institucionalização, mas da falta de um quantum de afeto que seria comum entre mãe e filho; afeto que não poderia ser propiciado por uma enfermeira ou cuidadora, ocupada com até doze crianças, embora não lhes faltasse “[...] alimentação, higiene, cuidados médicos e medicação” (SPITZ, 1993, p. 208). Assim sem um cuidado individualizado, porque esse cuidado tinha de ser repartido entre muitas crianças, o bebê ficava suscetível às doenças.

Sabe-se que tanto a criança quanto o adolescente podem funcionar física

ou psiquicamente segundo o investimento ou desinvestimento das relações afetivas primeiras.

Se as grandes funções orgânicas não estiverem enraizadas no investimento objetal, se não estiverem enquadradas por uma gestão adequada, se estiverem privadas de um apoio, correm o risco de cair no circuito repetitivo de alto risco de automatismo, como ocorre na insônia e na anorexia primárias graves (KREISLER, 1999, p. 350).

Na sua obra, Kreisler (1999) fala sobre a Síndrome do Comportamento Vazio, cuja causa principal, entre outras, são as deficiências concernentes à relação objetal. A esta, podem ser acrescentadas outras ligadas às circunstâncias e, em particular, à idade.

Crianças e adolescentes podem manifestar um vazio relacional, uma aparente apatia e indiferença pelo meio circundante e pelas pessoas, essas “[...] características interativas das inorganizações estruturais severas são as de insuficiência crônica do vínculo, acrescido de uma descontinuidade” (KREISLER, 1999, p. 205).

Na sua teoria sobre os cuidados infantis, Winnicott (1975, p. 191) ressalta:

[...] a continuidade do cuidado tornou-se característica central do conceito de meio ambiente facilitante e observamos que, através dessa continuidade de provisão ambiental, e somente através dela, o novo bebê em dependência pode ter continuidade na linha de sua vida [...].

Nessa perspectiva, o afeto é fundamental para a saúde mental e física da criança e do adolescente. Mesmo a criança ou adolescente institucionalizado, tem minimizados os efeitos do abandono e privação da mãe, quando alguém quer e pode disponibilizar-se internamente para acolhê-la com afeto. Isso significa contato, diálogo, atenção e cuidados.

Nesse sentido, uma criança que não teve suas relações objetais bem desenvolvidas, ainda assim, poderá ser beneficiada, caso consiga alguém que funcione como objeto amoroso. Segundo Bowlby (1988, p. 25),

[...] existem provas experimentais de que, mesmo quando uma criança permanece na instituição, os efeitos prejudiciais podem ser diminuídos através dos cuidados maternos extras, prestados por uma substituta.

Nessa perspectiva, o estudo dos sentidos subjetivos e seus processos de significação, dada a sua complexidade, pressupõe que o conhecimento e as reflexões feitas apresentem um resultado aproximado. A definição do objeto e dos pressupostos significa delimitar a área de interesse específica e o rumo ou caminho provável a ser seguido.

Alguns pressupostos foram utilizados nesta pesquisa:

- a) o abandono com suas implicações interferem no curso do desenvolvimento psicodinâmico infantil;
- b) o abandono implica alterações da situação familiar e institui a situação de abrigo com as características inerentes a essa realidade.

No próximo capítulo, serão apresentados os objetivos e o método utilizados nesta pesquisa.

5 OBJETIVOS

5.1 OBJETIVO GERAL

Discutir aspectos psicodinâmicos ligados ao abandono, realizando um estudo de casos com criança e pré-adolescentes abrigados.

5.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Identificar a imagem de família internalizada e expressa pelos participantes da pesquisa.

Discutir a percepção e expressão do afeto na criança e adolescentes estudados.

Refletir sobre a percepção do abandono sofrido.

Identificar as percepções desses indivíduos sobre o ambiente abrigador.

Levantar algumas expectativas dos participantes frente ao futuro.

6 MÉTODO

Para se iniciar um trabalho de investigação com caráter de cientificidade deve-se levar em conta, primeiramente, o método, em consonância com o problema que vai ser estudado, e a abordagem que melhor contemple o processo de pesquisa.

O método científico que mensura e quantifica tem produzido resultados extraordinários nas ciências físicas, porém, “[...] no sujeito vivo, e particularmente no homem, afetos, agora e sempre, servem para explicar comportamentos e acontecimentos psicológicos. E os afetos até hoje têm desafiado a mensuração” (SPITZ, 1993, p. 64).

Nesse sentido, ao se propor estudar alguns aspectos psicodinâmicos ligados ao abandono, a pesquisa qualitativa se reveste da maior importância pela sua característica relativizadora. Portanto, o método escolhido foi o da pesquisa qualitativa de estudo de caso por estar em consonância com o fenômeno estudado.

Levando em conta a faixa etária estudada, optou-se pelo desenho como técnica principal. Assim, utilizaram-se técnicas projetivas, como a do desenho com histórias, o teste HTP (casa-árvore-pessoa) e o desenho da família.

Dentre os procedimentos e instrumentos utilizados, a entrevista semi-estruturada propiciou o conhecimento de alguns significados contidos na fala dos participantes. A observação participante foi a técnica coadjuvante utilizada durante as entrevistas.

A leitura dos processos judiciais completou o método utilizado, ampliando os dados coletados.

Para a análise dos resultados, optou-se pela interpretação hermenêutica e análise simbólica dos dados, segundo o referencial psicodinâmico (CALIL; ARRUDA, 2004).

6.1 O MÉTODO DA PESQUISA

Fazer ciência pressupõe escolher uma metodologia adequada ao fenômeno estudado. Para Minayo (1996, p. 22), o uso do método “[...] inclui as concepções teóricas de abordagem, o conjunto de técnicas que possibilitam a apreensão da realidade e também o potencial criativo do pesquisador”.

A pesquisa bem sucedida não pode prescindir de nenhum desses aspectos que a ela são inerentes e a consolidam.

A ciência e a metodologia caminham juntas, porém as técnicas têm importância secundária às concepções teóricas, embora sejam fundamentais “[...] enquanto cuidado metódico de trabalho” (MINAYO, 1996, p. 23).

Na pesquisa, o papel principal é o do pesquisador, o qual deve ser capaz de desenvolver o seu trabalho com criatividade. Nesse sentido, “[...] a capacidade criadora e a experiência do pesquisador [...], verdadeiro artesanato intelectual que traz a marca do autor, nenhuma técnica ou teoria pode suprir” (MINAYO, 1996, p. 23).

A especificação do que é o método na Pesquisa Social, implica um debate polêmico e inconclusivo que envolve a problemática das diferenças entre os métodos específicos das ciências sociais e das físico-naturais e biológicas.

As ciências físico-naturais e biológicas buscam verdades fixas, a constância nas estruturas de relação, certezas e previsões absolutas. Esse método de fazer ciência foi questionado

[...] pelas pesquisas que se empenham em mostrar a complexidade e as contradições de fenômenos singulares, a imprevisibilidade e a originalidade criadora das relações interpessoais e sociais (CHIZZOTTI, 2001, p. 78).

Dentre os pontos que distinguem as Ciências Sociais das outras ciências temos que

[...] o objeto das Ciências Sociais é essencialmente qualitativo [...] o que implica considerar sujeito de estudo: *gente, em determinada condição social, pertencente a determinado grupo social ou classe com suas crenças, valores e significados* (MINAYO, 1996, p. 21-22, grifo nosso).

A prática da pesquisa é fundamental para a produção do conhecimento, porém, um estudo que entenda ser ciência apenas “[...] a atividade ‘objetiva’, capaz de traçar as leis que regem os fenômenos, menosprezando os aspectos chamados ‘subjetivos’, impossíveis de serem sintetizados em dados estatísticos [...]” (MINAYO, 1996, p. 10), não atenderia a perspectiva de compreender os fenômenos com os quais pretende-se trabalhar.

Nesse sentido, trabalha-se neste estudo em oposição ao positivismo sociológico, e na ótica da Sociologia Compreensiva, sobre a qual a autora citada fala que:

[...] como o próprio nome indica, coloca como tarefa das Ciências Sociais a compreensão da realidade humana vivida socialmente e totalmente diversa do mundo das ciências naturais [...] o significado é o conceito central para a análise sociológica [...] propõe a subjetividade como fundante do sentido [...] não se preocupa de quantificar, mas de lograr explicar os meandros das relações sociais consideradas essência e resultado da atividade humana criadora, afetiva e racional que pode ser apreendida através do cotidiano, da vivência, e da explicação do senso comum (MINAYO, 1996, p. 11).

Este é um aspecto marcante da pesquisa qualitativa, que se entende como “[...] a relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, uma interdependência viva entre o sujeito e o objeto, um vínculo indissociável entre o mundo objetivo e a subjetividade do sujeito” (CHIZZOTTI, 2001, p. 79).

Nesse sentido,

[...] em se tratando de pesquisa qualitativa, as “coisas” são as

peessoas, em sua fala e em seu comportamento. E mais: é sempre no “setting” natural que ocorre o estudo, e nunca em um ambiente reprodutor de situações (laboratórios, gabinetes, etc.) (GRUBITS; DARRAULT-HARRIS, 2004, p. 42).

Para González Rey (2002, p. 48),

A abordagem qualitativa no estudo da subjetividade volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivos a predição, a descrição e o controle.

Para esse autor,

[...] o estudo dos determinantes qualitativos na psicologia se define pela busca e explicação dos processos que não são acessíveis à experiência, os quais existem em inter-relações complexas e dinâmicas que, para serem compreendidas, exigem o seu estudo integral e não sua fragmentação em variáveis (p. 50).

Em relação à pesquisa qualitativa, Turato (2003), propõe uma particularização e refinamento da metodologia qualitativa genérica, que ele denomina de metodologia clínico-qualitativa. Ele a concebe como:

[...] o estudo e a construção dos limites epistemológicos de certo método qualitativo particularizado em *settings* de Saúde, bem como abarca a discussão sobre um conjunto de técnicas e procedimentos adequados para descrever e compreender as relações de sentidos e significados dos fenômenos humanos referidos nesse campo (p. 240).

A seguir estaremos enfocando como foram desenvolvidos os trabalhos inerentes à pesquisa realizada.

O desenho como técnica projetiva e expressiva foi a base para a pesquisa, propiciando a livre expressão de conteúdos latentes e inconscientes do participante.

6.1.1 Desenho

A projeção, como conceito psicanalítico, foi desenvolvida, em 1896, por Freud. “A projeção é um processo psíquico ‘primário’, da mesma forma que a realização alucinatória do desejo no sonho, ou a transferência psicanalítica” (ANZIEU, 1978, p. 22). Desse conceito decorrem, as técnicas projetivas.

Nas técnicas projetivas, nas suas diferentes formas, o participante fica livre para expressar aquilo que está contido no seu mundo interno. Para Ocampo e Arzeno (1999, p. 406), “a utilização das técnicas projetivas pode contribuir para o esclarecimento de cada caso, desde que sejam utilizadas acompanhadas de um estudo exaustivo do histórico [...]”.

O desenho como uma das técnicas projetivas é uma expressão gráfica na qual é possível o participante colocar as suas produções internas, de forma projetiva, espontaneamente. É uma forma de se comunicar utilizando-se, não da palavra, mas de expressões livres. Segundo Trinca (1987), o desenho livre tem essa designação porque, ao ter o sentido de não-dirigido, permite que o participante de todas as idades, tenha a liberdade de executar e escolher o tema.

No método clínico do estudo de casos, o desenho enriquece a análise, servindo de técnica que complementa a entrevista, ou mesmo sozinho, quando o participante sujeito tem um impedimento maturacional, funcional ou psicológico. Os desenhos são excelentes provocadores de associações. Outro aspecto que vários autores reconhecem é a importância do desenho como expressão de características de personalidade (TRINCA, 1987).

As representações do mundo mental da criança são reveladas nessa técnica. Segundo proposição de Ferro (1995, p. 43), pode-se “[...] considerar o desenho como representação do tipo de relações presentes no mundo emocional da criança, numa certa medida aproximando-se também da realidade externa”.

O desenho projetivo permite à criança a expressão inconsciente de medos, desejos, imagens, etc. Assim,

[...] é possível considerar o desenho como uma brecha no mundo interno da criança, capaz de fazer visualizar o que esteja acontecendo com ele, conforme os movimentos de transferência do hic et nunc (FERRO, 1995, p. 44).

Nesta pesquisa optou-se por utilizar o Teste do Desenho Livre com Estórias onde o participante é solicitado a desenhar espontaneamente e a contar a história do seu desenho.

A outra técnica utilizada foi o Teste HTP (House, Tree, Person), numa bateria organizada na seguinte seqüência: desenho de uma casa; desenho de uma árvore; desenho de uma pessoa; desenho de uma pessoa do sexo feminino e outra do sexo masculino. O Teste HTP, foi ampliado com o desenho da Família na seguinte seqüência: desenho de uma família qualquer, desenho da sua família e da família que o participante gostaria de ter.

Permitiu-se nos dois testes projetivos utilizados que o participante optasse por fazer os seus desenhos, em preto e branco ou em cores.

Em Hammer (1958 apud CAMPOS, 1981, p. 19),

O Desenho, técnica basicamente não-verbal, tem óbvia vantagem de ter maior aplicabilidade a crianças mais jovens [...] além do que [...] as crianças acham muito mais fácil expressar-se através de desenhos do que de palavras.

Uma das técnicas complementares ao desenho é a entrevista com a observação participante.

6.1.2 Entrevista psicológica

Algumas técnicas são coadjuvantes à pesquisa qualitativa, na tarefa de descobrir os fenômenos latentes na fala dos participantes pesquisados. Dentre elas, é imprescindível a entrevista psicológica.

A entrevista se constitui num instrumento valioso para a pesquisa científica. Nesse sentido,

[...] a entrevista é um instrumento fundamental do método clínico e é, portanto, uma técnica de investigação científica em psicologia [...] identifica ou faz coexistir no psicólogo as funções de investigador e de profissional [...] (BLEGER, 1995, p. 9).

Ela pode ser usada em diferentes tipos de pesquisa e com variados objetivos. A entrevista pode ser de dois tipos: fechada e aberta. Na entrevista fechada, o entrevistador formula perguntas objetivas numa ordem e previsibilidade inalteráveis. Já na entrevista aberta, o pesquisador tem liberdade para, no decorrer dela, fazer perguntas e intervenções.

A entrevista psicológica é uma técnica que favorece o contato direto com o sujeito da pesquisa e permite a interação entre participante e pesquisador. Nesse sentido,

[...] a entrevista psicológica tenta o estudo e a utilização do comportamento total do indivíduo em todo o curso da relação estabelecida com o técnico, durante o tempo que essa relação durar (BLEGER, 1995, p. 12).

Para González Rey (2002), a entrevista, na pesquisa qualitativa, deve favorecer a livre expressão do sujeito, como num diálogo, em que as suas informações digam respeito não só ao seu mundo real, mas também, às suas concepções dessa realidade.

Na entrevista psicológica, lembra Minayo (1996, p. 113), “[...] ao mesmo tempo em que os modelos culturais interiorizados são revelados numa entrevista, eles refletem o caráter histórico e específico das relações sociais”. Dessa forma, os depoimentos têm que ser colocados num contexto de classe e também de pertinência a uma geração, a um sexo, a filiações diferenciadas etc.

O indivíduo, na entrevista, se expressa de acordo com “[...] sua personalidade sistematizada em uma série de pautas ou em um conjunto ou repertório de possibilidades, e são estas que esperamos que atuem e se exteriorizem durante a entrevista” (BLEGER, 1995, p. 15).

Nesse sentido, a forma de comunicação do participante não se restringe ao

que ele diz ou responde. Na entrevista, o entrevistador deve estar atento a aspectos importantes do participante entrevistado, como, “[...] sua linguagem corporal, suas roupas, seus gestos, sua maneira peculiar de ficar quieto ou de mover-se, seu semblante [...] considerar o que, como e quando verbaliza e com que ritmo” (OCAMPO; ARZENO, 1999, p. 25).

Também Ludke e André (1986, p. 36) a esse respeito argumentam:

O entrevistador precisa estar atento não apenas (e não rigidamente, sobretudo) ao roteiro preestabelecido e às respostas verbais que vai obtendo ao longo da interação. Há toda uma gama de gestos, expressões, entonações, sinais não-verbais, hesitações, alterações de ritmo, enfim toda uma comunicação não verbal cuja captação é muito importante para a compreensão e a validação do que foi efetivamente dito.

Segundo Minayo (1996, p. 109),

[...] as diferentes formas de entrevista se resumem em “estruturada” e “não-estruturada” entre as quais há várias modalidades que se diferenciam em maior ou menor grau pelo fato de serem mais ou menos dirigidas.

Na perspectiva deste trabalho escolheu-se a entrevista semi-estruturada por ser a forma de entrevista que mais se relacionava com os objetivos propostos. Nela o pesquisador pode combinar perguntas fechadas e abertas.

Nesse tipo de entrevista, é permitido que a fala dos participantes flua naturalmente, além disso,

[...] o entrevistador se libera de formulações prefixadas, para introduzir perguntas ou fazer intervenções que visam a abrir o campo de explanação do entrevistado ou a aprofundar o nível de informações ou opiniões (MINAYO, 1996, p. 122).

Segundo Ludke e André (1986, p. 33),

[...] nas entrevistas não totalmente estruturadas, onde não há imposição de uma ordem rígida de questões, o entrevistado discorre sobre o tema proposto com base nas informações que ele

detém e que no fundo são a verdadeira razão da entrevista. Essa [...] liberdade de percurso está [...] associada especialmente à entrevista não estruturada ou não padronizada.

As entrevistas semi-estruturadas ou não-estruturadas nas quais se pode incluir a história de vida e as discussões em grupo, segundo Minayo (1996, p. 121), “[...] incluem a presença ou interação direta entre o pesquisador e os atores sociais e são complementadas por uma prática de observação participante”.

6.1.3 Observação participante

A observação participante ocupa um lugar privilegiado na pesquisa qualitativa. Pressupõe o contato direto com o sujeito da pesquisa, por isso se constitui em um valioso instrumento para a pesquisa, além disso, permite a verificação de um fenômeno no momento de sua ocorrência. Para Ludke e André (1986, p. 26), quando

[...] o observador acompanha in loco as experiências diárias dos sujeitos, pode tentar apreender a sua visão de mundo, isto é, o significado que eles atribuem à realidade que os cerca e às suas próprias ações. [grifo do autor].

Como instrumento auxiliar à entrevista, a observação tem um papel importante, na medida em que, para Bleger (1995, p. 21),

A chave fundamental da entrevista está na investigação que se realiza durante o seu transcurso. As observações são sempre registradas em função de hipóteses que o observador vai emitindo.

Os dados obtidos na observação participante se referem às ações dos sujeitos em seu cotidiano, a partir de suas perspectivas e concepções. Para Chizzotti (2001, p. 90),

A observação direta pode visar uma descrição fina dos componentes de uma situação: os sujeitos em seus aspectos pessoais e particulares, o local e suas circunstâncias, os conflitos

e a sintonia de relações interpessoais e sociais, e as atitudes e os comportamentos diante da realidade.

Dentre as modalidades de observação participante, a modalidade de maior identificação foi a de observador como participante. Essa modalidade, “[...] é empregada freqüentemente como estratégia complementar ao uso de entrevistas, nas relações com os ‘atores’. Trata-se de uma observação quase formal, em curto espaço de tempo [...]” (MINAYO, 1996, p. 142, grifo do autor).

As observações feitas devem ser descritas segundo,

[...] as formas de participação do pesquisador (intensidade, freqüência etc.), as circunstâncias da participação (tensões, mudanças e decisões) e os diversos instrumentos (fotografia, filmagem, anotações de campo) que deverão ser reduzidos ao registro das observações (CHIZZOTTI, 2001, p. 91).

Ainda para esse mesmo autor, o registro das observações,

[...] deve conter todas as informações sobre as técnicas, os dados, o desenrolar do cotidiano da pesquisa, as reflexões de campo e as situações vividas (percepções, hesitações, interferências, conflitos, empatias etc.) que ocorreram no curso da pesquisa (p. 91).

O desenho como técnica projetiva e os outros instrumentos utilizados na pesquisa propiciam a coleta de dados para o estudo de casos.

6.1.4 Estudo de caso

O estudo de caso é uma modalidade que permite a investigação de aspectos particulares a cada indivíduo e designa uma variedade de pesquisas em que os dados coletados reunidos servem para a interpretação e análise de um caso ou de vários casos, a fim de retratar uma realidade, situação ou sujeito, cujo propósito seja “[...] tomar decisões a seu respeito ou propor uma ação transformadora” (CHIZZOTTI, 2001, p. 102).

No estudo de caso, aparece a subjetivação individual e social do sujeito. Para González Rey (2002, p. 158),

[...] é por meio dele que se expressa a tensão permanente entre o individual e o social, momento essencial para a produção de conhecimentos sobre ambos os níveis de constituição da subjetividade.

O estudo de casos se reveste de importância na medida em que constrói cada unidade, de tal forma que ela se torna imprescindível para o todo.

É considerado também como um marco de referência de complexas condições socioculturais que envolvem uma situação e tanto retrata uma realidade quanto revela a multiplicidade de aspectos globais, presentes em uma dada situação (CHIZZOTTI, 2001, p. 102).

Para ser possível estudar os casos de cada sujeito, submeteu-se este estudo à apreciação do Comitê de Ética em Pesquisa.

6.2 ASPECTOS ÉTICOS DA PESQUISA

Por tratar-se de uma pesquisa com seres humanos, fez-se necessário atentar para os cuidados éticos pertinentes, visando salvaguardar a integridade dos sujeitos pesquisados. Obedeceu-se aos critérios estabelecidos pelo Conselho Federal de Psicologia, na sua Resolução n. 016/2000, que normatiza a pesquisa com seres humanos na área de Psicologia, bem como ao Conselho Nacional de Saúde, na Resolução n. 196/1996. Assim, realizaram-se os procedimentos relativos aos cuidados éticos, por meio dos seguintes documentos:

- a) Protocolo de pesquisa, elaborado com parte do projeto, a ser submetido à apreciação do Comitê de Ética da Universidade, com o intuito de resguardar a ética e cientificidade da pesquisa; esse protocolo também foi enviado ao CNS-CONEP;
- b) Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, elaborado pelo

pesquisador, de forma clara e objetiva, com o intuito de informar os objetivos da pesquisa e seus procedimentos e cuidados éticos (APÊNDICE A).

6.3 SELEÇÃO DOS PARTICIPANTES

Os participantes da pesquisa foram selecionados dentre crianças e adolescentes que vivem em abrigos porque foram vítimas de negligência parental sob a forma de abandono. A partir de visitas à equipe de psicólogos e assistentes sociais que atuam junto à Vara da Infância e da Juventude recebeu-se a indicação de dois abrigos cujas crianças atenderiam aos critérios então estabelecidos.

A seleção dos participantes obedeceu ao seguinte critério: serem crianças e pré-adolescentes, com idades entre nove e quatorze anos e com tempo significativo de abrigamento. Assim, optou-se por crianças com, no mínimo, quatro anos de instituição. Esses critérios foram assim estabelecidos por entender-se que crianças e adolescentes nessa faixa etária e com esse período de institucionalização, ao mesmo tempo em que configurariam o abandono numa fase ainda precoce, permitiriam colher dados complementares, pois estariam em uma idade em que já poderiam falar sobre si mesmas, o que depois seria confrontado com os dados documentais colhidos.

Os participantes desta pesquisa são crianças e adolescentes que não foram reintegrados à família de origem nem foram colocados em família substituta. São, portanto, crianças de permanência continuada no abrigo.

Fez-se uma primeira reunião com algumas crianças e adolescentes e obteve-se o aceite de três crianças e três adolescentes para a realização da pesquisa.

Após a primeira entrevista, um dos adolescentes desistiu e contou-se com cinco participantes, três crianças e dois adolescentes. No decorrer da pesquisa,

uma criança desistiu e outra se tornou adolescente ao completar doze anos. Ainda, antes do término da pesquisa, um dos adolescentes foi para a guarda de uma família substituta. Portanto, chegou-se ao final de um ano de trabalho, seguindo o cronograma, com uma criança e dois adolescentes.

6.4 LOCAL DA PESQUISA

A pesquisa foi realizada em dois abrigos diferentes: uma Organização Não Governamental e uma instituição vinculada à Prefeitura Municipal de Campo Grande. A pesquisa precisou ser desenvolvida em duas instituições, porque apenas uma instituição não contemplava os critérios estabelecidos pela pesquisadora quanto à idade, tempo de permanência e disponibilidade interna das crianças.

Cada uma dessas instituições determinou o horário em que esta pesquisadora poderia fazer as entrevistas, portanto, a observação restringiu-se apenas aos horários concomitantes com a entrevista e somente sobre esses momentos é que se discorrerá.

Uma das instituições onde se deu a pesquisa foi a Casa da Criança Peniel. Essa casa foi aberta no dia 17 de janeiro de 1994. É mantida através de doações de pessoas físicas e jurídicas e tem um cunho filantrópico. Seu objetivo é atender integralmente crianças e adolescentes órfãos ou vítimas de abandono e violência de qualquer natureza, até serem adotadas ou reintegradas a sua família de origem. Essa instituição tem parceria com a Secretaria de Assistência Social (SAS). As entrevistas foram realizadas ora na salinha de recepção, de portas fechadas, ora no quintal da casa-abrigo, tomando-se sempre as precauções no sentido da preservação do sigilo das informações.

O horário permitido para entrevista nessa instituição era de uma hora, a partir das catorze horas, horário em que os participantes já tinham ido à escola no período matutino e estavam livres.

Essa instituição tem a capacidade de atendimento de aproximadamente vinte crianças e adolescentes de ambos os sexos, com idades que variam de zero a dezessete anos, porém já está sendo desmembrada. No mesmo terreno foi construída uma outra casa que abrigará as crianças de zero a dez anos, ficando na primeira casa, os maiores de dez anos.

O terreno onde essa casa está construída é grande, mas, ela tem o tamanho de uma residência familiar. Sua localização é boa, em bairro asfaltado e próximo ao centro de Campo Grande. Tem um portão com interfone para a identificação de quem chega, garantindo a segurança das crianças e adolescentes que lá residem.

Possui um parquinho, no quintal, com escorregador, balanço, e gangorra, onde as crianças brincam. Cada criança possui sua cama. Para crianças menores tem alguns berços. Na rotina está incluída a sesta depois do almoço, horário em que todos se recolhem para descansar após o almoço. Depois da sesta as crianças acordam, fazem os deveres escolares, brincam e alguns saem para ir fazer consultas ou algum tratamento. No meio da tarde é servido um lanche.

As cuidadoras não se disponibilizaram a falar sobre as crianças. Isso é norma da instituição, no intuito de resguardar o que sabem sobre elas. Nesse abrigo a mudança de turno de cuidadores faz parte da rotina.

As crianças vão à escola, em diferentes horários. Quando é preciso, são atendidas nos órgãos de saúde, municipais e estaduais e algumas fazem tratamento psicológico.

A outra instituição denomina-se Casa Abrigo e tem como público alvo crianças e adolescentes que estão aguardando reinserção na família de origem ou em família substituta. A sua capacidade de atendimento é de, aproximadamente, vinte crianças e adolescentes de ambos os sexos, na faixa etária de quatro a dezessete anos, por vinte e quatro horas ininterruptas.

Como recursos financeiros, a Casa Abrigo conta com a Prefeitura Municipal de Campo Grande, MS, Secretaria de Estado de Trabalho, Assistência Social e

Economia Solidária e Ministério do Desenvolvimento Social de Combate à Fome. Os recursos humanos que atuam na Casa Abrigo são: um coordenador, um assistente social, um psicólogo, uma cozinheira, um auxiliar de serviços diversos e oito educadores.

Essa instituição se encontra bem localizada, numa rua tranqüila. O imóvel é alugado e possui quatro quartos, duas salas, três banheiros, uma área de serviço, uma varanda e quintal. Nessa instituição o muro é alto e o portão tem um interfone para identificação de quem chega. No fundo do quintal a casa tem uma edícula onde ficam os meninos maiores. Ao lado fica uma piscina que, em razão do horário, talvez, não se pode presenciar o seu uso pelos participantes.

O horário disponibilizado para as entrevistas e realização dos testes projetivos, foi de aproximadamente uma hora, sempre após as dezessete horas. Nesse horário estavam todas as crianças e adolescentes em casa.

As crianças têm horários para as refeições diárias, e para fazer as tarefas escolares, para tanto, usam mesas grandes e compridas que ficam na varanda.

Nesse horário algumas crianças e adolescentes faziam seus deveres enquanto outros assistiam à televisão. Alguns brincavam, outros iam tomar seu banho. Era um momento de muito movimento no abrigo, mas as crianças se mostravam comportadas e relativamente silenciosas apesar desse movimento.

Nesse abrigo, o espaço cedido para as entrevistas, foi uma parte de varanda com mesa e cadeiras, e tinha-se o cuidado de evitar aproximações ou interferências das outras crianças.

Essas foram as informações que se pode colher sobre as instituições e que nos permitiram caracterizá-las.

6.5 PROCEDIMENTOS

Este estudo teve como requisito, a procura de crianças que fossem institucionalizadas, residentes em abrigos da cidade de Campo Grande, MS, Brasil. O primeiro contato, ainda informal, foi com uma das psicólogas da 1ª Vara da Infância e da Juventude.

Os contatos seguintes se estenderam à equipe de psicólogos que aprovaram a idéia da pesquisa e se dispuseram a indicar os abrigos onde as crianças e adolescentes abrigados atendessem os critérios de escolha dos participantes, quanto à idade e tempo de abrigamento.

O próximo contato foi com a Juíza da 1ª Vara da Infância e da Juventude, com o intuito de pedir-lhe permissão para entrevistar as crianças que estão sob a guarda da justiça e obter acesso à leitura dos processos, o que foi concedido.

A proposição da tarefa desta pesquisadora implicou a aceitação de entraves e solicitações no decorrer dos contatos feitos com diretores, funcionários e/ou cuidadores das crianças em regime de abrigo institucional. No contato com algumas cuidadoras dos abrigos escolhidos, pôde-se notar algum sentimento de desconfiança com relação ao material coletado e ao cuidado em expor as crianças, dificuldades quanto ao horário disponível, o que é perfeitamente compreensível e até esperado. Em outras, se percebeu maior disponibilidade para contribuir com o trabalho.

Dentre os abrigos indicados, esta pesquisadora escolheu aleatoriamente um, mas, esse abrigo escolhido não contemplava o número de participantes previstos e recorreu-se à outro abrigo. As crianças e adolescentes que se propuseram a participar da pesquisa mostraram-se interessados, o que contribuiu grandemente para o desenvolvimento do estudo.

Após o primeiro contato feito com as crianças e tendo obtido o aceite destas para desenvolver a pesquisa, foi feito um cronograma de visitas, respeitando-se os horários úteis das crianças. As visitas, durante as quais se

realizou as entrevistas e os testes projetivos, tinham a duração de aproximadamente uma hora e foram feitas de acordo com o tempo disponível das crianças e segundo as normas da instituição.

Manter-se na pesquisa foi uma determinação que se impôs a despeito de possíveis dificuldades apresentadas no início. Objetivos claros e bem definidos permitiram desmistificar a idéia de que visitas, nessas instituições, têm sempre um propósito assistencialista ou caritativo. Assim, ultrapassados os primeiros obstáculos e resistências, que dependeram do desempenho ético, científico e social da pesquisadora, a pesquisa pode chegar a seu termo.

6.6 ANÁLISE HERMENÊUTICA

A análise hermenêutica foi o tipo de análise que se propôs fazer. A hermenêutica provém da filosofia hermenêutica e, como tal está ligada às ciências sociais e humanas. Segundo Minayo (1996), a hermenêutica não se reduz ao simples tratamento de dados, mas é capaz de fazer uma reflexão fundamental, sem separar-se da práxis.

O pesquisador, na análise hermenêutica, deve procurar ter como verdade presente, o conteúdo que o sujeito expressa. De outra forma, não é possível compreendê-lo, dar significado à sua fala.

A hermenêutica, segundo Minayo (1996), propõe, no exercício da compreensão, que o pesquisador não tenha como parâmetro, apenas o paradigma do mundo natural e filosófico ou teológico, mas que também se aproxime da práxis. Nesse sentido, “Esse mundo da cotidianidade é o horizonte, o parâmetro do processo de entendimento do texto [...]” (MINAYO, 1996, p. 222).

No sentido que tem para os sujeitos, a comunicação intersubjetiva com o outro, é que a hermenêutica se insere. Dessa forma,

[...] a hermenêutica traz para o primeiro plano, no tratamento dos dados, as condições cotidianas da vida e promove o

esclarecimento sobre as estruturas profundas desse mundo do dia a dia [...] a compreensão do sentido orienta-se por um consenso possível entre o sujeito agente e aquele que busca compreender (MINAYO, 1996, p. 221).

Nesse sentido, os resultados colhidos, apresentados a seguir, terão como parâmetro as proposições da análise hermenêutica.

7 RESULTADOS

Neste capítulo, apresenta-se a descrição dos casos de cada participante. Cada caso será descrito com nomes fictícios a partir dos dados coletados das entrevistas os quais se encontram na íntegra, no Apêndice B. Esses dados foram enriquecidos e fundamentados por meio de coleta em fontes documentais e serão submetidos apenas à Banca Examinadora para proteger as crianças e os adolescentes em termos de seus direitos relativos ao sigilo.

Serão colocados, ainda, neste capítulo, os resultados referentes aos desenhos feitos pelos participantes da pesquisa. Esses desenhos foram aplicados e coletados em entrevistas realizadas para esse fim: desenhos livres com estórias (TRINCA, 1987), Teste HTP e Desenho da Família (Campos, 1981), sendo utilizada, para sua interpretação, as formas clínicas propostas por Ferro (1995), e Ocampo e Arzeno (1999). Além disso, utilizou-se supervisão clínica com apoio da interpretação psicodinâmica dos dados.

7.1 DADOS COLETADOS POR CASO

A seguir serão apresentadas as histórias, dos casos estudados, os desenhos realizados e seus respectivos inquéritos.

7.1.1 Júlia

A história

Júlia tem 12 anos e vive no abrigo com um irmão de nove anos há,

aproximadamente, cinco anos, e outras duas irmãs suas, uma de 11 anos – na época da adoção – e a outra de seis, foram adotadas. Júlia já teve oportunidade de ser adotada, mas diz não querer. Nunca menciona os pais. A sua história é de abandono por negligência dos cuidados familiares e se trata de um caso de destituição do poder familiar. Foi recolhida na rua e juntamente seus irmãos pelo SOS-Criança². Ela tem uma tia e uma avó que aparecem no seu relato. Foi morar com a avó por um tempo, mas a avó, alegando não ter condições de arcar sozinha com a responsabilidade, a entregou de volta aos cuidados do Juizado. Segundo seu relato e os dados das fontes documentais, a avó tinha uma condição de vida econômica difícil. Júlia não sabe informar nada sobre seus pais, pois refere não se lembrar e diz que, quem sabe sobre eles é a irmã mais velha que foi adotada. Segundo Júlia, a irmã não gosta de falar sobre isso, mas denota em, sua fala, que não gostaria de saber o que aconteceu antes do seu recolhimento nos abrigos. Conta que morou em outros dois abrigos, dos quais não tem saudade. Revela que a avó a ensinou a orar quando era pequena. Diz que sua vida é chata, que não quer sua família nem quer ser adotada. Parece ser uma criança cordata hoje – que não oferece riscos à tranquilidade do abrigo – o que contradiz com um relatório psicológico quando do primeiro abrigamento, no qual consta que Júlia era uma menina irrequieta e rebelde. Mostrou-se receptiva às entrevistas, embora, demonstrasse alheamento em alguns momentos. Durante a realização dos desenhos revelou que gosta de cantar e desenhar. Demonstrou, algumas vezes, retraimento ao falar de sua história dando evidências de que esta a incomoda muito. Júlia cursa o ensino fundamental.

Os desenhos

² O SOS Criança, unidade em Campo Grande, recebe e registra por telefone ou pessoalmente, denúncias de maus tratos físicos, psicológicos, negligência, abuso e exploração sexual contra crianças e adolescentes. É coordenado pela Secretaria de Estado e Economia Solidária e está articulado com outros órgãos governamentais e não-governamentais.

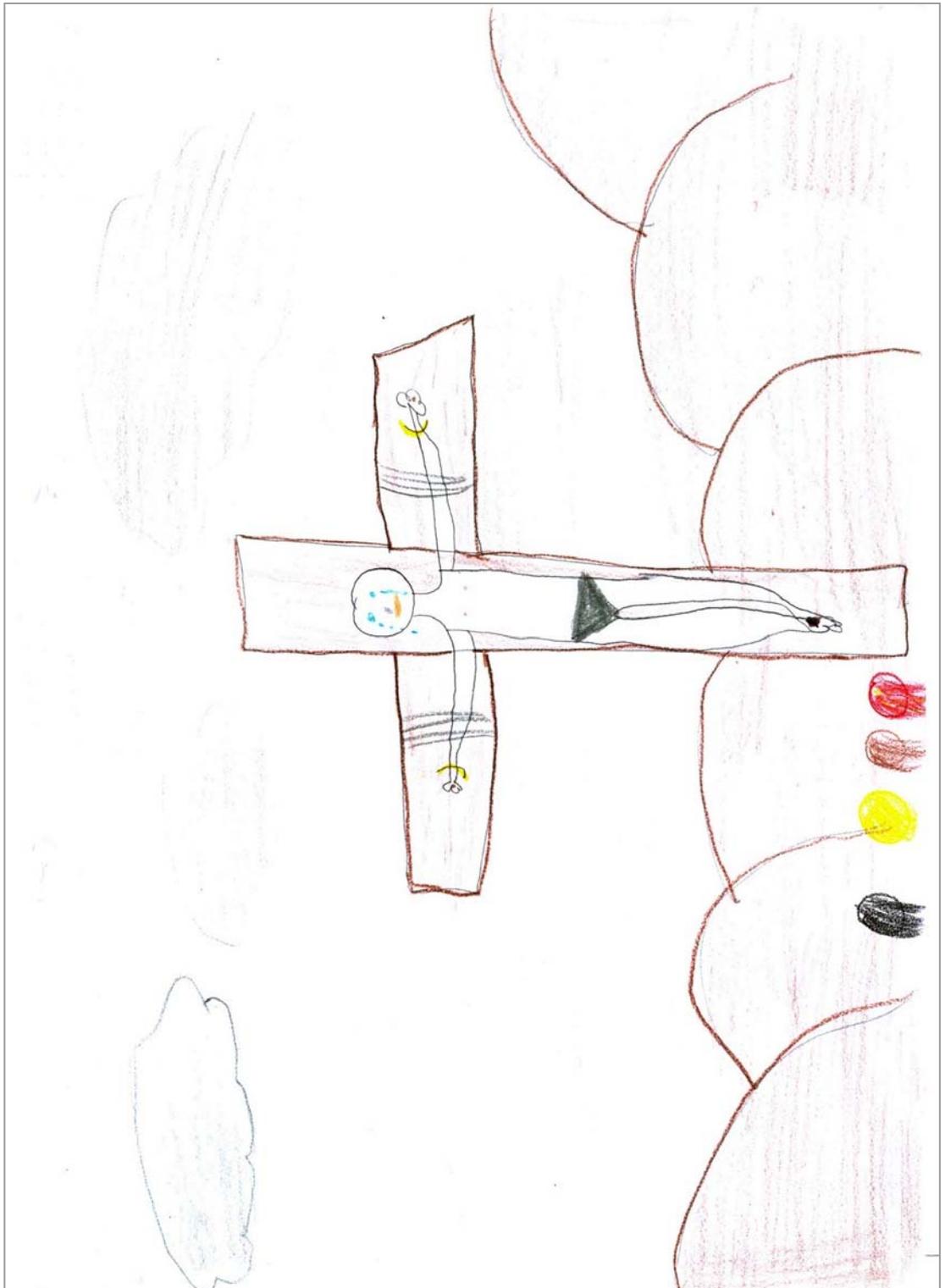
a) desenhos livres com estórias (desenhos e inquéritos):

Primeiro desenho

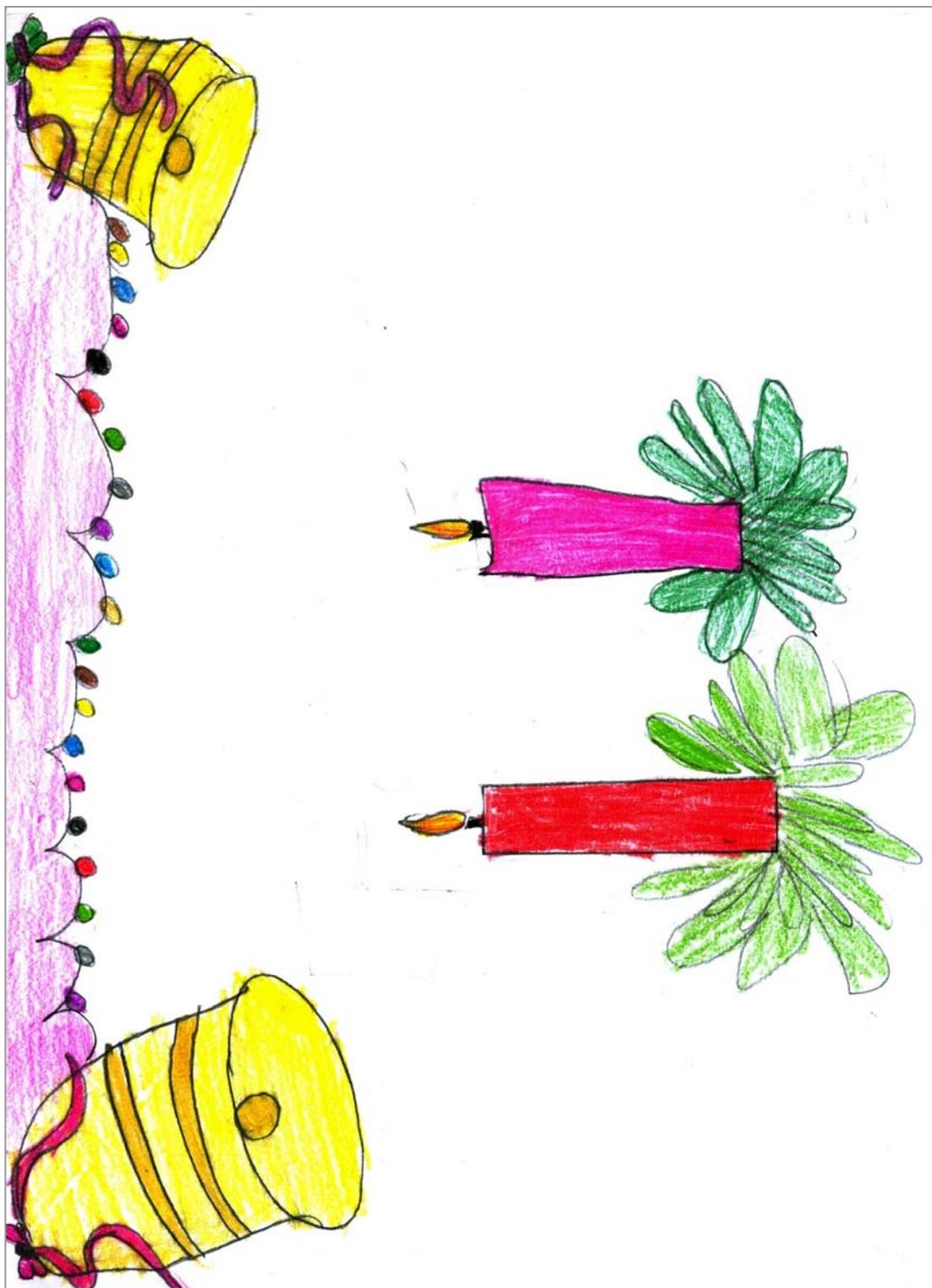




Terceiro desenho







Júlia chega para a entrevista, ofegante. Parece disposta a fazer o teste. Ela é morena e magra. Parece um pouco tímida. Pergunta se só tenho aquelas cores e eu respondo que devemos usar somente elas, porque faz parte do trabalho.

Primeiro desenho:

Inicia o primeiro desenho já contando a história dele: *Era uma um pequeno indiozinho estava brincando, e entardeceu cedo e um enorme pôr-do-sol apareceu no céu. O indiozinho fez uma enorme oca e pos fogo, naquela oca. Ele fez um jantar bem chique para ele e sua família.* Pedi que comentasse o desenho. Ela disse que o sol significava a luz que ilumina o sol da manhã e que gostava do sol porque era muito bonito. Explicou que a parte de baixo é o rio e o reflexo do sol. Falou das matas e disse que é “*onde caem as folhas para nós respirá*”. Perguntada por que o céu tinha aquelas cores, respondeu que eram as cores do pôr-do-sol. Perguntada sobre onde estaria o indiozinho, ela responde que está na mata. Júlia começa a pintar e ri. Depois pinta o desenho cantando. Faz questão de escrever de próprio punho a história.

Título: *Pôr-do-sol.*

Segundo desenho:

No segundo desenho, Júlia parece um pouco distante e conta: *São todos indiozinhos que estão indo pra praia para pescar peixes para comer e alimentar as suas famílias. Vão matar o tamanduá e comer.* Perguntada sobre o que fazem os índios e quantos são ela responde que não sabe bem o que fazem e que são quatorze índios.

Título: *Índios à pesca.*

Terceiro desenho:

Estória: *Era uma vez, Judas traiu Jesus e o Rei Pilatos pegou e mandou matar Jesus e Judas Eucariotes recebeu dinheiro. Daí os soldados bateram em Jesus, deram murro nele, pauladas nele, daí deram chibatadas e mandaram*

Jesus carregar uma cruz que é a cruz que ele ia ser morto, daí, os soldados pegaram pregos grossos e martelos. Deitaram Jesus na cruz e pregaram pregos nele. Amarraram ele na cruz e martelou a mão dele. Isso. Júlia faz o desenho de Cristo pregado na cruz. Conta que ele ressuscitou e que as pessoas em volta dele são: a mãe, o pai e outras pessoas que queriam vê-lo. Perguntada, diz que Jesus não chora e que o que está escorrendo em seu rosto é suor. Diz que ele sente dor, mas não chora e ela não sabe por quê. Diz que ele representa a salvação. Júlia parece feliz. Desenha cantando os hinos que aprendeu na igreja. Percebo que quer caprichar no desenho, querendo agradar. Usa borracha e régua e conta que fez aula de pintura.

Título: *Ressurreição de Jesus.*

Quarto desenho:

Júlia faz o desenho cantando. Agora canta músicas infantis. Comenta sobre as cores: que a cor rosa é cor de morango, o vermelho cor de cereja.

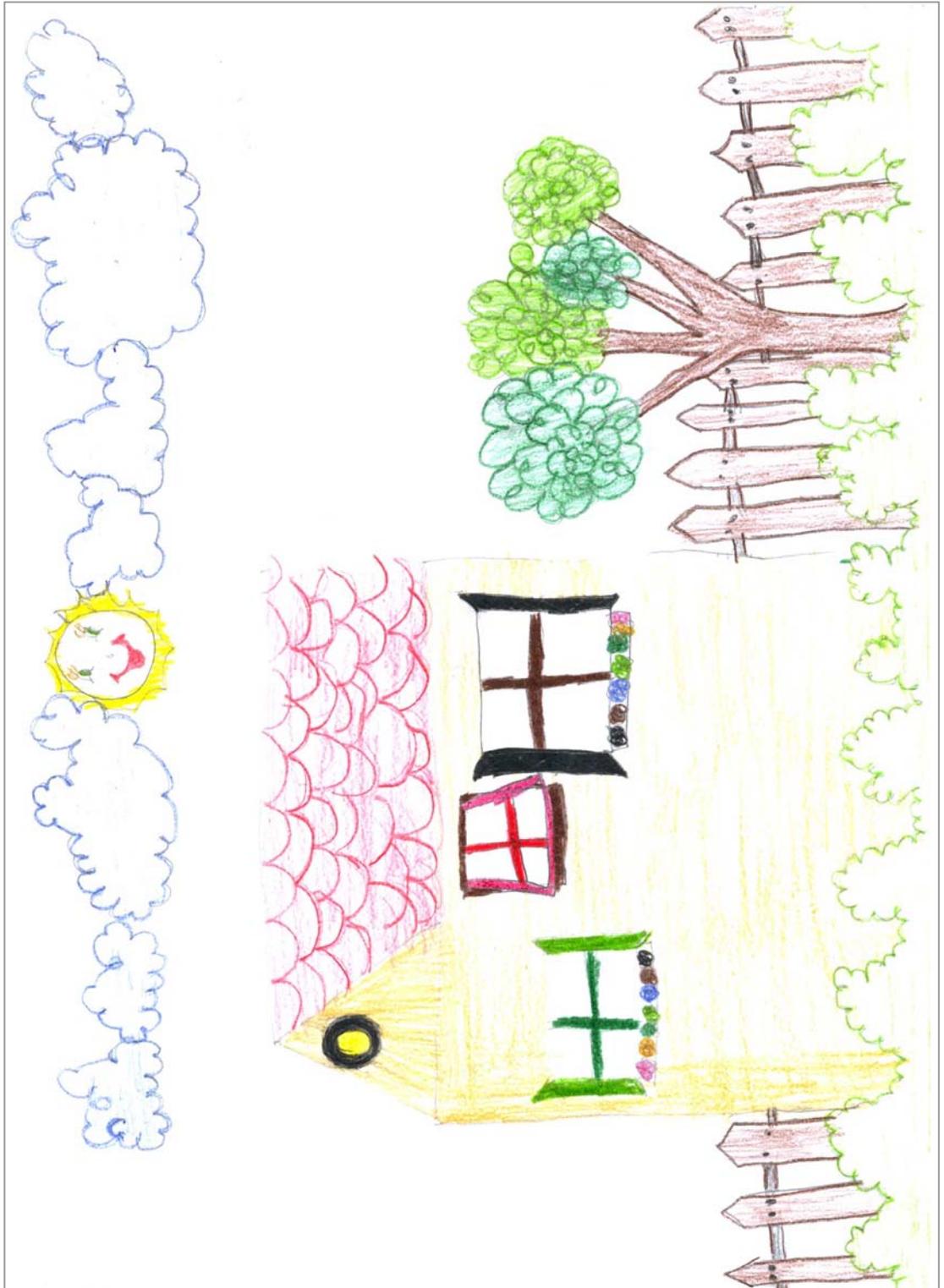
Estória: *Era uma vez uma mesa exposta para um grande príncipe, com frutas e vinhos. O príncipe ficou “alegrado” com a mesa exposta. Sentou e “mandou bala para a barriga” e deixou só os caroços.* Júlia conta que o príncipe não quer se casar porque todas as moças que o pedem em namoro são feias, então ele prefere ficar sozinho em sua casa e diz que quem arrumou a mesa do jantar foi a sua empregada. Percebe-se que Júlia gosta de suas produções e que essa tarefa da pesquisa é bem mais aceita por ela.

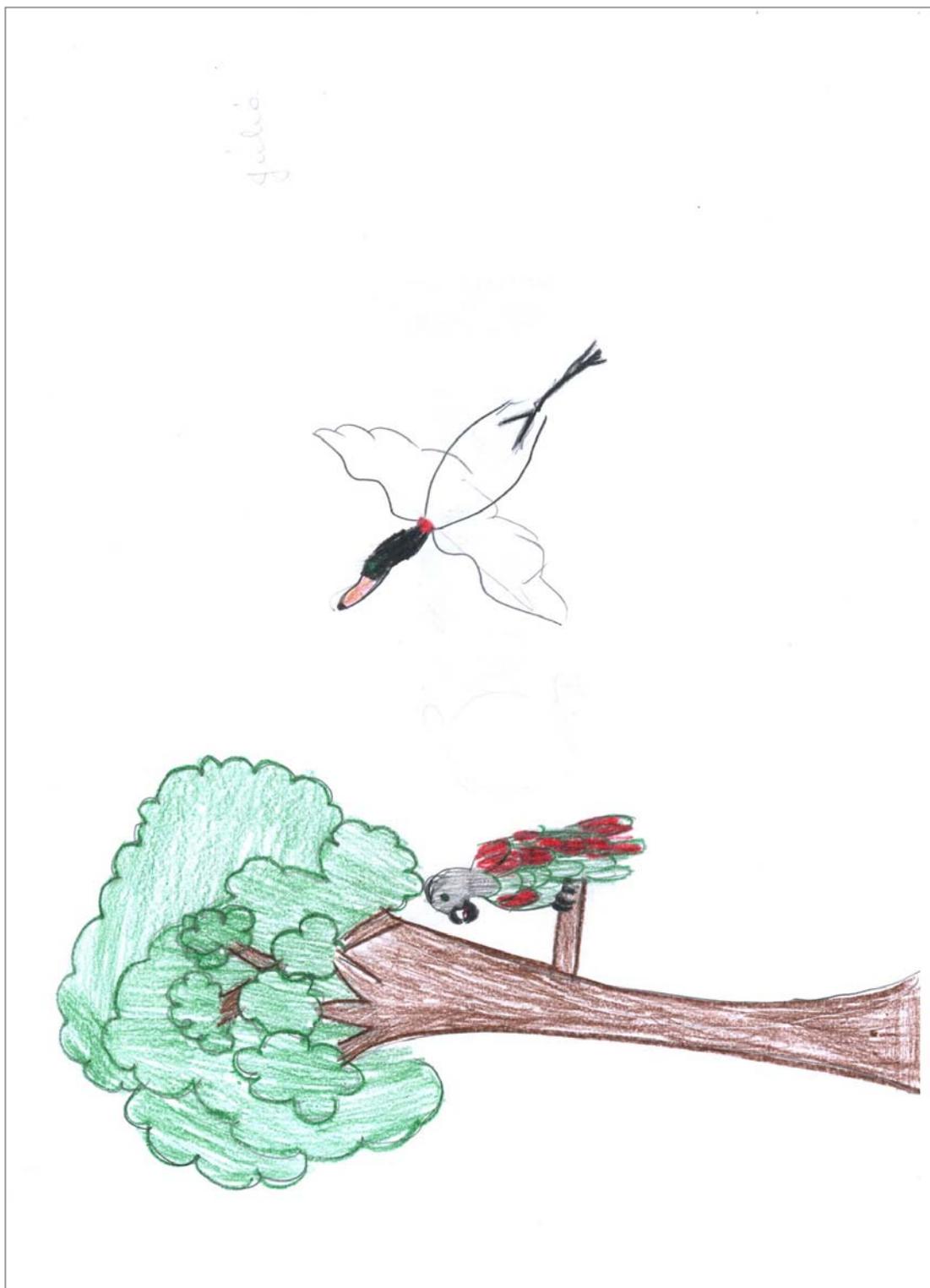
Quinto desenho:

Estória: *Era uma vez uma noite de natal. Um homem e uma mulher acenderam duas velas maravilhosas. Uma com cheiro de morango e outra com cheiro de canela.* Pedi que ela comentasse o desenho e Júlia disse que esse casal gostava um do outro e que a noite de Natal significava prá eles dia de alegria, de festejar. Perguntada sobre as velas, disse que elas serviam para iluminar e fazer uma *enorme janta*. Disse que a noite de Natal foi muito feliz.

b) Teste da Casa-Árvore-Pessoa (HTP) (desenhos e inquéritos)

A casa









A casa:

Júlia quando me vê não demonstra aparentemente nenhum sentimento. Cumprimento-a e explico sua nova tarefa. Pergunto sobre coisas como escola, novidades e consigo que ela diga sorrindo: *tudo igual*. Júlia passa a desenhar compenetrada, sem dizer uma palavra, procurando as cores preferidas. Desenha uma casa “inventada”, que diz não ser sua, mas onde gostaria de morar porque é bonita. Escolheria o quarto da direita porque é mais claro. Perguntada sobre com moraria nessa casa disse que gostaria de morar com uma amiga do abrigo, porque *seria mais divertido... Duas pessoas numa casa é mais calmo*. Perguntada sobre se falta alguma coisa nessa casa diz: *Tá faltando outras casas, pessoas passando por perto, passarinho, um cachorro*. Outra vez denota a ambivalência entre o desejo de exclusividade (duas pessoas é mais calmo, é mais divertido) e atenção e o desejo de estar no meio de mais pessoas. Perguntada sobre onde estava a porta da casa disse que estava na parte de trás da casa.

A árvore:

Percebe-se que Júlia gosta de pintar sem que a interrompam. Observo que a pintura a torna absorta na tarefa, sem se preocupar com nada. Diz que a árvore que está pintando é uma árvore do Pantanal, que está numa floresta junto com outras e que não gostaria de ficar sozinha. Perguntada se é uma árvore viva ou morta, do sexo feminino ou masculino, responde que é viva e do sexo masculino. Diz que estão faltando rios perto da árvore. Perguntada sobre o que esse desenho da árvore lhe sugere, ela diz que faz lembrar que é preciso preservar a natureza.

As pessoas:

Primeira pessoa:

Quando cheguei ao abrigo Júlia estava dormindo. Ao acordar foi avisada de que eu a aguardava. Aproximou-se e perguntou o que tinha de fazer. Respondi a ela e então ela começou a desenhar em silêncio, como se eu não estivesse ali.

Fez primeiramente uma pessoa do sexo feminino e depois uma pessoa do sexo masculino. Desenhou com visível esmero. Faço perguntas sobre essa pessoa e ela diz que se trata de uma menina de três anos, mais ou menos, que tem a aparência de felicidade, mas, às vezes fica triste e necessita de carinho. Essa menina pensa em ser uma boa menina, gosta de fazer amigos, mas, briga com as outras crianças. Perguntada sobre qual personagem essa menina gostaria de representar numa novela ela diz que é de uma menina alegre. Pergunto o que o seu desenho sugere, ela diz: nada.

Segunda pessoa:

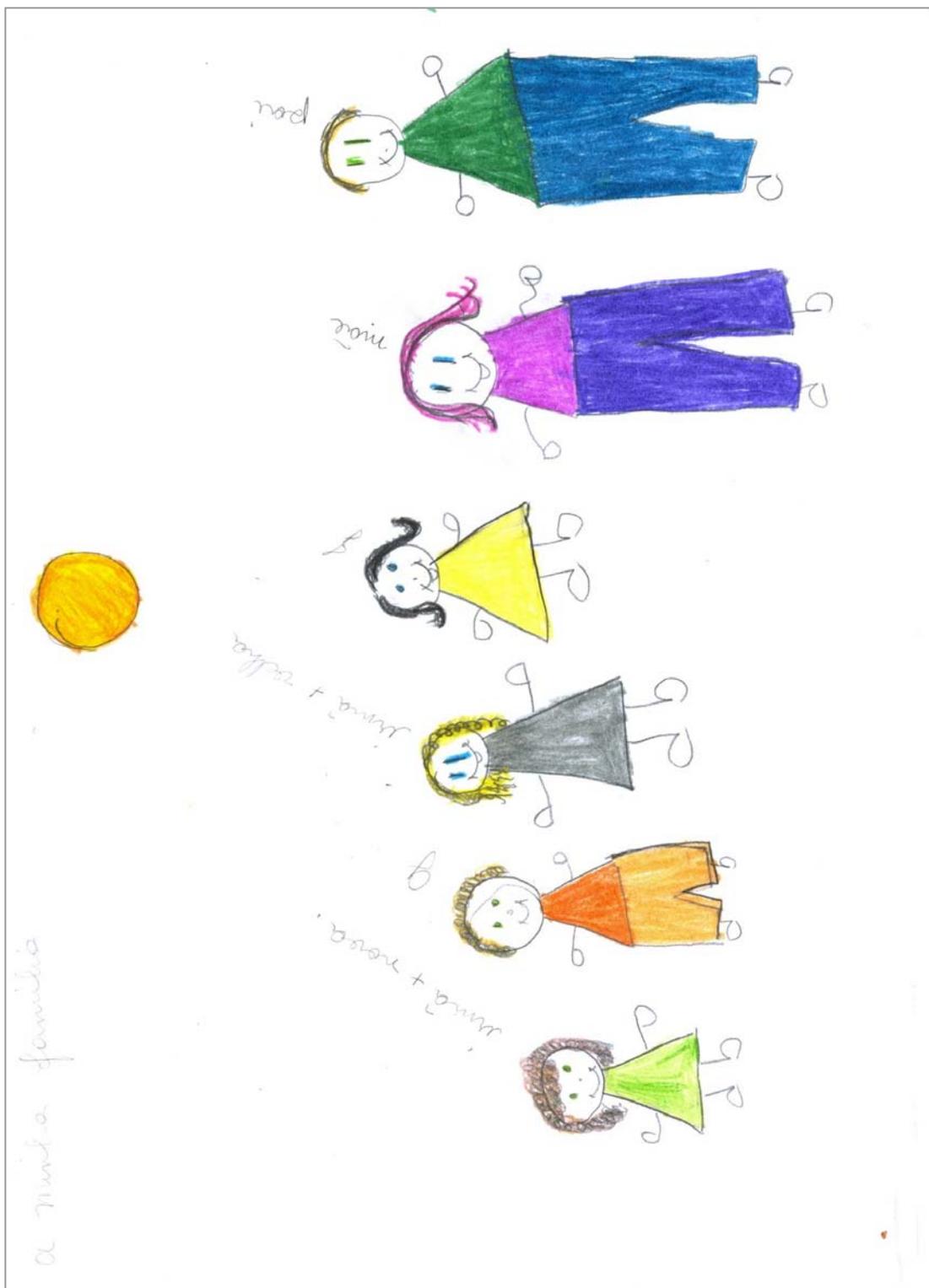
Júlia desenha a segunda pessoa e diz que é do sexo masculino e tem quatro anos. Diz que essa pessoa tem uma aparência feliz, se sente responsável e pensa em ser cantor. Ela acha que ele necessita emagrecer porque está muito gordinho. Perguntada sobre, diz que essa pessoa não tem defeitos e que sua qualidade é ser sonhador; que se essa pessoa fosse ser personagem de uma novela representaria bem, um roqueiro.

Neste teste os traços os traços de Júlia denotam segurança, inteligência. A disposição do desenho denota organização mental: tudo parece estar no seu lugar (até os parafusos da cerca e as flores na janela da casa). No entanto prefere o quarto da direita por ser mais claro, o que chama a atenção para a cizão: direita e esquerda; claro e escuro; desejado e não desejado. A criança permanece dividida entre opostos: quer e não quer o vínculo. E Júlia, no relacionamento com esta pesquisadora, demonstra essa cizão, não se permitindo fazer vínculo, talvez por saber que o nosso contato é de trabalho e temporário, não querendo sofrer mais pela separação.

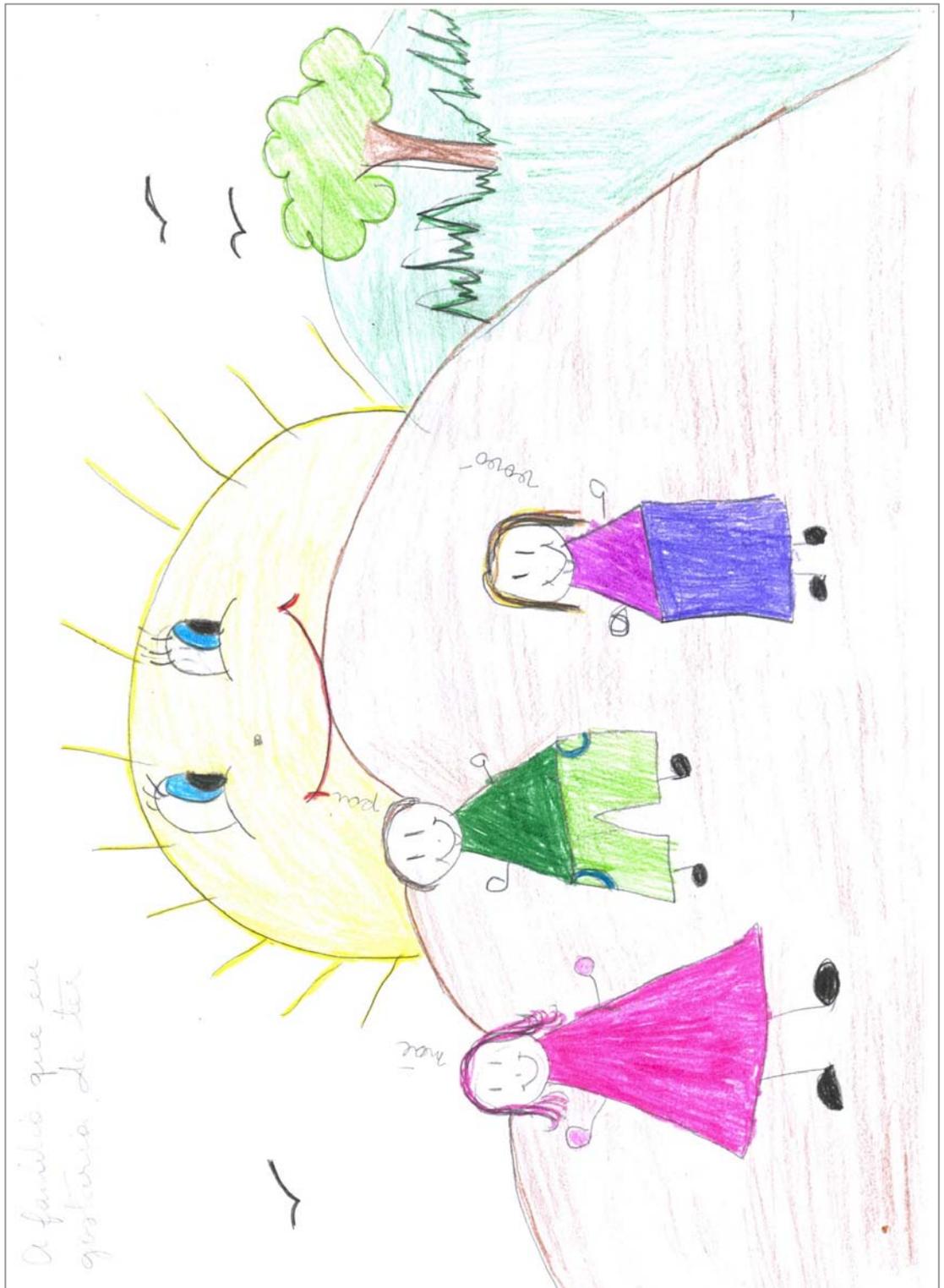
c) Teste da Família (desenhos e inquérito):

Uma família qualquer





Família que ela gostaria de ter



Uma família qualquer:

Assim que soube que eu cheguei Júlia veio ao meu encontro, porém bastante séria. Perguntou o que era para fazer naquele dia demonstrando um pouco de curiosidade. Quando pedi para desenhar uma “família qualquer”, imediatamente ela começou a desenhar, tranqüilamente. Desenhou o pai e a mãe, um ao lado do outro e um menino e uma menina, ambos ao lado da mãe, sendo que o menino num patamar acima da menina e abaixo da mãe, que se encontra num patamar acima de todos. Perguntada sobre quem é essa família e como é a relação entre eles, disse que não conhece, mas que a relação é de obediência. Diz que são felizes e unidos.guardo que ela diga mais alguma coisa, mas, ela nada diz.

A sua família:

Quando pedi que desenhasse a “sua família”, ela disse: *minha família?*. Eu disse que sim. Ela resmungou relutante, mas começou a desenhar. Demorou um pouco mais do que nos outros desenhos e disse que não queria pintar hoje. Eu disse que estava bem. Que ela poderia pintar na próxima vez. Júlia termina o desenho eu pergunto quem são eles. Júlia explica quem é cada um deles.

No desenho da sua família Júlia desenha o pai e a mãe, juntos e se coloca ao lado da mãe. A irmã mais velha à sua direita, depois seu irmão e ao lado dele a sua irmã mais nova. Perguntada se está faltando alguém na família e como se relacionam, ela responde que estão todos. Diz que essa família se relaciona bem. Faço um comentário sobre a proximidade dela com a mãe e ela diz que não sabe por que a desenhou do seu lado. Diz que é uma família feliz.

A família que ela gostaria de ter:

No desenho da “família ideal”, Júlia desenha o pai, a mãe, e a avó. O pai foi colocado no centro entre as duas mulheres. O cenário é um grande sol sorridente, por detrás de uma montanha onde eles estão. Perguntada sobre quem são as pessoas no desenho, responde que são o pai, a mãe e a avó. Perguntada

se está faltando alguém no desenho, ela pára, olha, pensa e responde: *não quis me colocar aí*. Pergunto por que e ela ri e diz que não sabe. Fala que a família é *bem de vida*, que as pessoas se relacionam bem e são felizes.

Fez todos os desenhos da família sem pintá-los. Quando terminou, quis pintá-los e pediu o da “família ideal”. Pintou com esmero e pediu o outro “uma família qualquer” e também o pintou. Depois disse que o outro, ela pintaria na próxima vez. Percebi que o desenho da sua família ela não estava em condições de pintar naquele momento. Na visita seguinte, Júlia disse: *hoje eu quero pintar aquele desenho*. E pintou o desenho da “sua família”.

7.1.2 Gabriel

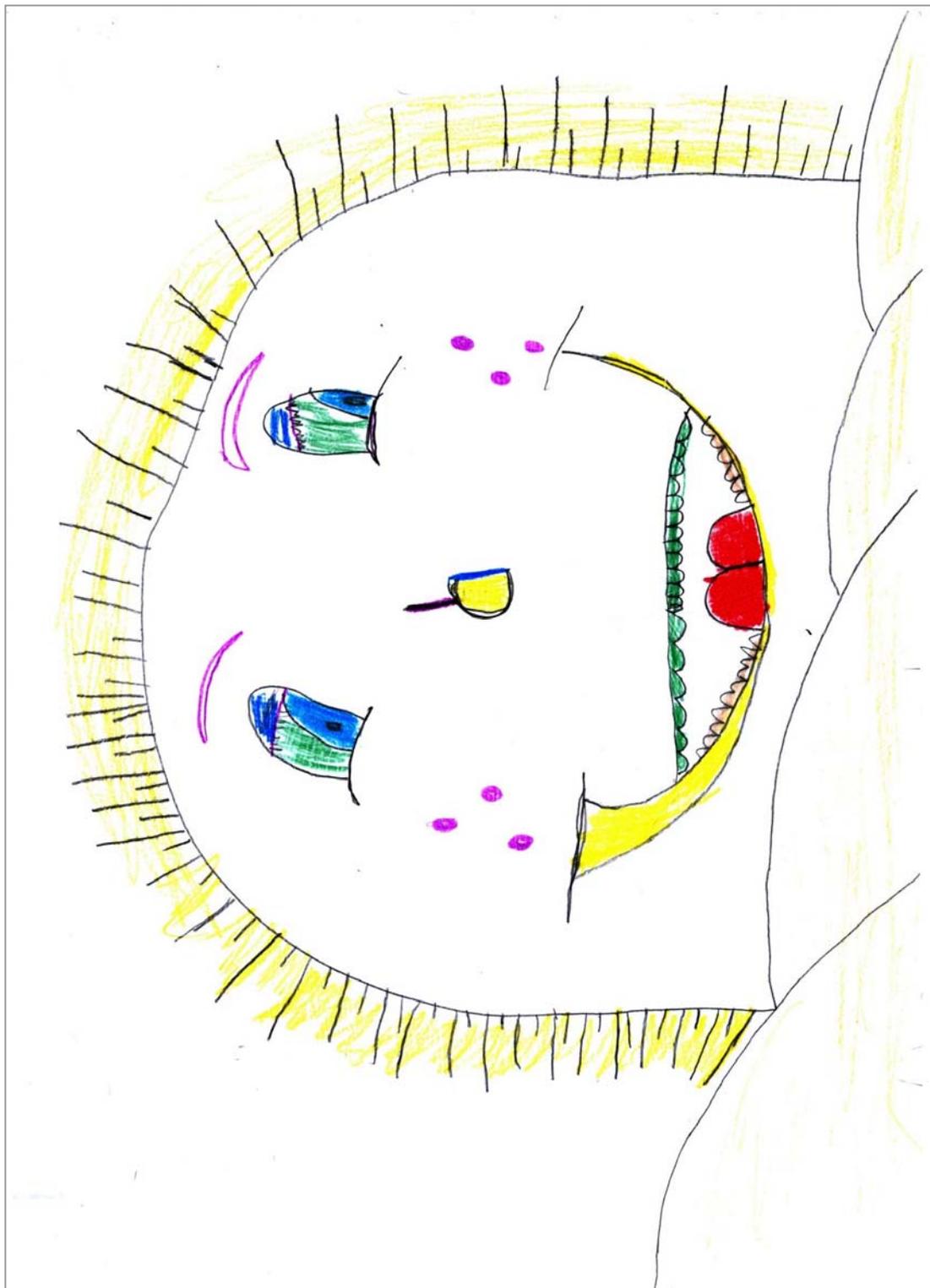
A história

Gabriel tem dez anos e é irmão de Júlia. É o terceiro do grupo de quatro irmãos. A história de abandono é a mesma de Júlia, porém Gabriel a verbaliza com maior detalhamento. Revela um leve atraso cognitivo, troca letras e pronuncia mal algumas palavras. Com dez anos, ainda cursa a 1ª série e apresenta imaturidade nas atitudes observadas. Conta que o SOS o recolheu e às irmãs, da rua, mas que a mãe não foi atrás. Revela que ia fugir do abrigo, mas não sabia para onde ir. Refere que a mãe brigava muito, mas não batia e que ele não quis voltar, porque não chorou e não sentiu falta. Diz que não se lembra de que a mãe ou pai tenham sido carinhosos com ele. Fala na avó e lembra de uma noite de Natal que ela o deixou brincar na rua e ele foi a uma festa de Natal quando viu o Papai Noel e ganhou roupa e comida. Lembra que uma diretora da escola o levava para casa (devia ser sua madrinha afetiva), dava presentes e que ele parou de ir porque ela mudou de cidade e não podia levá-lo. Espera que a mãe adotiva das irmãs mais velhas também adote a ele e Júlia. Disse que não sabe onde a mãe está e que se pudesse voltar a morar com ela, não ia querer, porque não se lembra dela. Conta que bateu em outro menino na escola. Durante a entrevista ele se mostra inquieto em alguns momentos e, em outros, parece se desligar e ficar distante. Nas entrevistas, ao mesmo tempo em que manifestava impaciência, parecia não querer que elas acabassem, por isso, interrompia ou adiava sempre o encontro para esse fim, denotando atitude ambivalente e necessidade de vínculo.

Os desenhos

a) desenhos livres com estórias (desenhos e inquéritos):

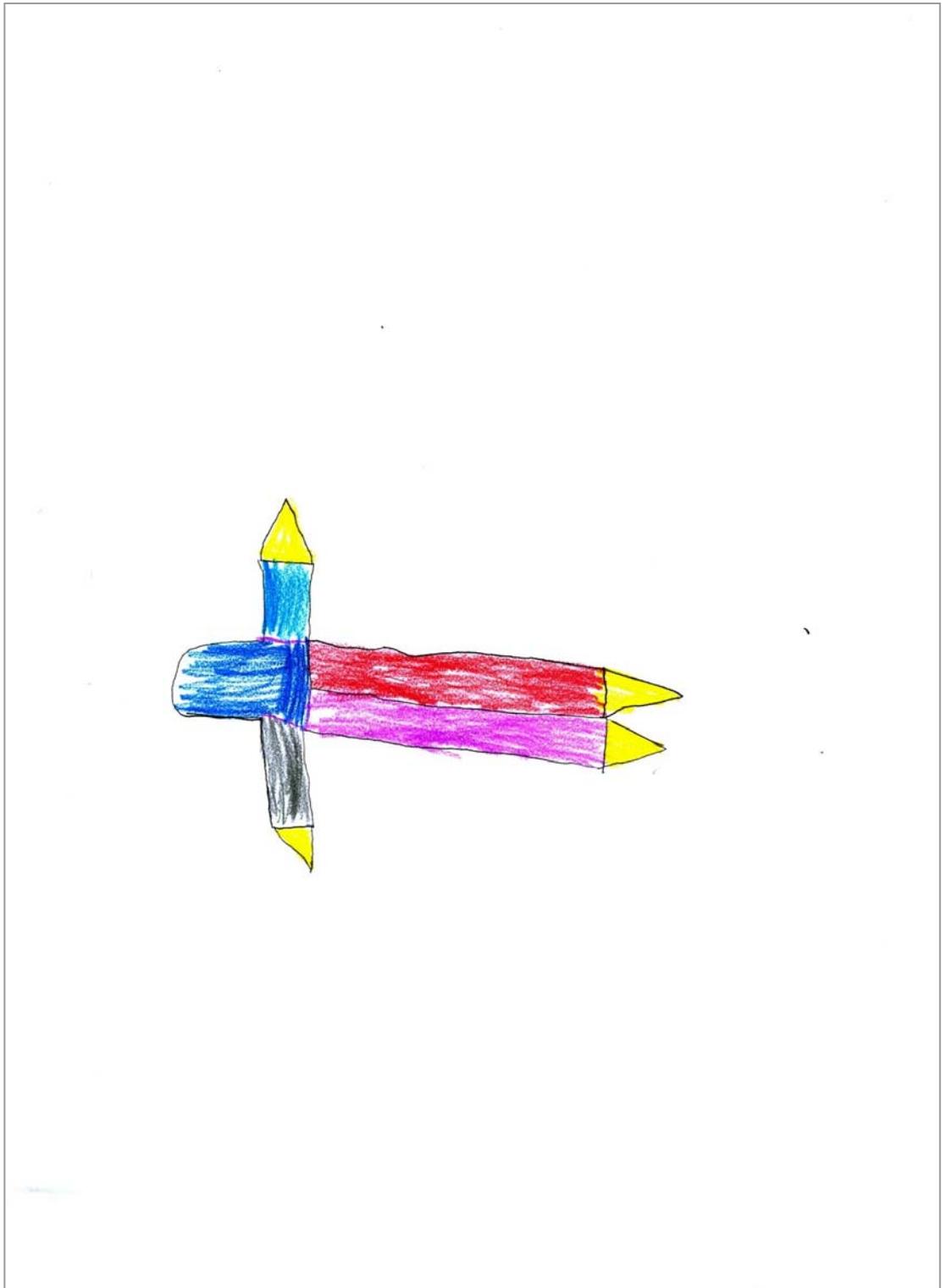
Primeiro desenho

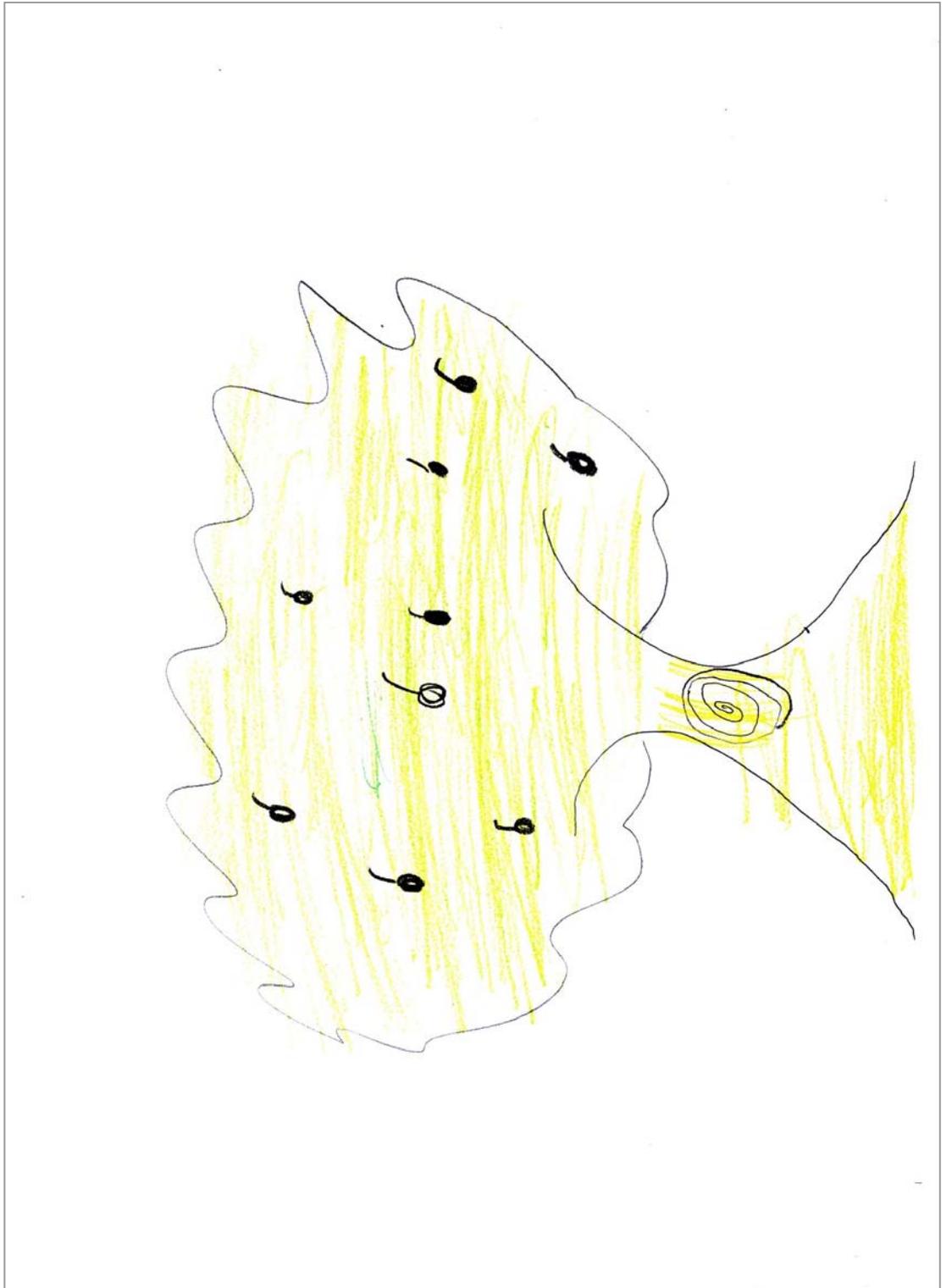


Segundo desenho



Terceiro desenho







Primeiro desenho:

Gabriel parece ser uma criança extremamente imatura. O prazer dele é brincar. Pergunta a todo o momento o que estamos fazendo. Quer fugir sempre. Gabriel quebra a ponta dos lápis e lapiseiras a todo instante. Coloca bastante força. Quando peço que me conte a história, diz que não sabe. Perguntado sobre o desenho diz que se chama solzinho, que não tem família, vive sozinho por aí, mas, se sente bem assim.

Título: *O solzinho.*

Segundo desenho:

Estória: Gabriel desenha irrequieto e depois conta a estória. *É uma batalha. Ele solta faísca e solta fogo e é muito forte. E ele mata todos. Ele mata o mundo inteiro.* Perguntado sobre o desenho, Gabriel diz que o desenho passou na televisão e queima tudo e ele não sabe para quê serve.

Título: *Batalha.*

O que seria o terceiro desenho: Gabriel estava com o chinelo de um menino e esse interrompeu o teste para exigir o chinelo. Pedi que ele entregasse e ele entregou com dificuldade, disse que estava usando... Logo chegou um grupo de crianças para visitar o abrigo e o teste foi de certa forma, prejudicado. Gabriel pede prá terminar em outro dia e percebo que quer adiar a separação, pois pergunta: *Hoje é o último dia, você não vem mais?*

Terceiro desenho:

Estória: Sem saber seu nome fictício nesta pesquisa Gabriel usa o mesmo nome no personagem da estória. *É a história de um avião, ele explode. Ele tá voando. O dono é o Gabriel. Ele tá voando no céu e ele é muito alto. O Gabriel vai com ele lá pros Estados Unidos pra pegar dinheiro lá. Quem manda no dinheiro é ele. Ele foi voando e levou um tiro e o Gabriel quase morreu e aí o Gabriel foi de a pé, até nos Estados Unidos.* Conta que o brinquedo é um avião robô e que ao

chegar aos Estados Unidos um homem perguntou a Gabriel: *onde está seu carro, mas, ele não estava de carro e sim de avião. Ele respondeu: perdi.*

Título: *Brinquedinho.*

Gabriel percebe que chegam algumas visitas no abrigo e diz: *Eu vi o Alan. O meu amigo do Emídio. Agora ele estuda na FUNLEC, comigo, outra vez. Eu quero sair e ver ele... .*

Quarto desenho:

Estória: Gabriel desenha e vai contando a estória. *Era uma vez uma árvore. Tinha um monte de mosquito querendo comer o açúcar das frutas. Aí eles comeram e ficaram com dor de barriga. Aí eles comeram tanto que a árvore morreu. E pronto, acabou a historinha... .* Perguntado sobre o burquinho na árvore responde que é a casa do passarinho. Conta que ele mora só com o pai e a mãe. Contraditoriamente diz que a casa é cheia de gente e pequena. Conta que a árvore morreu porque o homem acendeu o fósforo e começou a queimar e, que daí, morreu a mãe e o filhinho. Perguntado sobre o pai, disse que ele fugiu.

Gabriel não deu um título para esse desenho.

Quinto desenho:

Estória: Após desenhar Gabriel começa a contar a estória: *Era uma vez um sol que brilhava com a lua. Aí caiu um negócio de lá de cima e o sol ficou machucado. Ele ficou com dor no estômago e um mês morreu.* Gabriel conta que um nenê-sol nasceu em um outro país e veio para cá. Perguntado sobre o que aconteceu com a lua, disse que ela é amiga do sol; que quase morreu também, mas, que está viva. Pergunto se o novo sol ilumina bem e ele responde: *ilumina igual está iluminando aqui, agora.*

Título: *O sol bonito.*

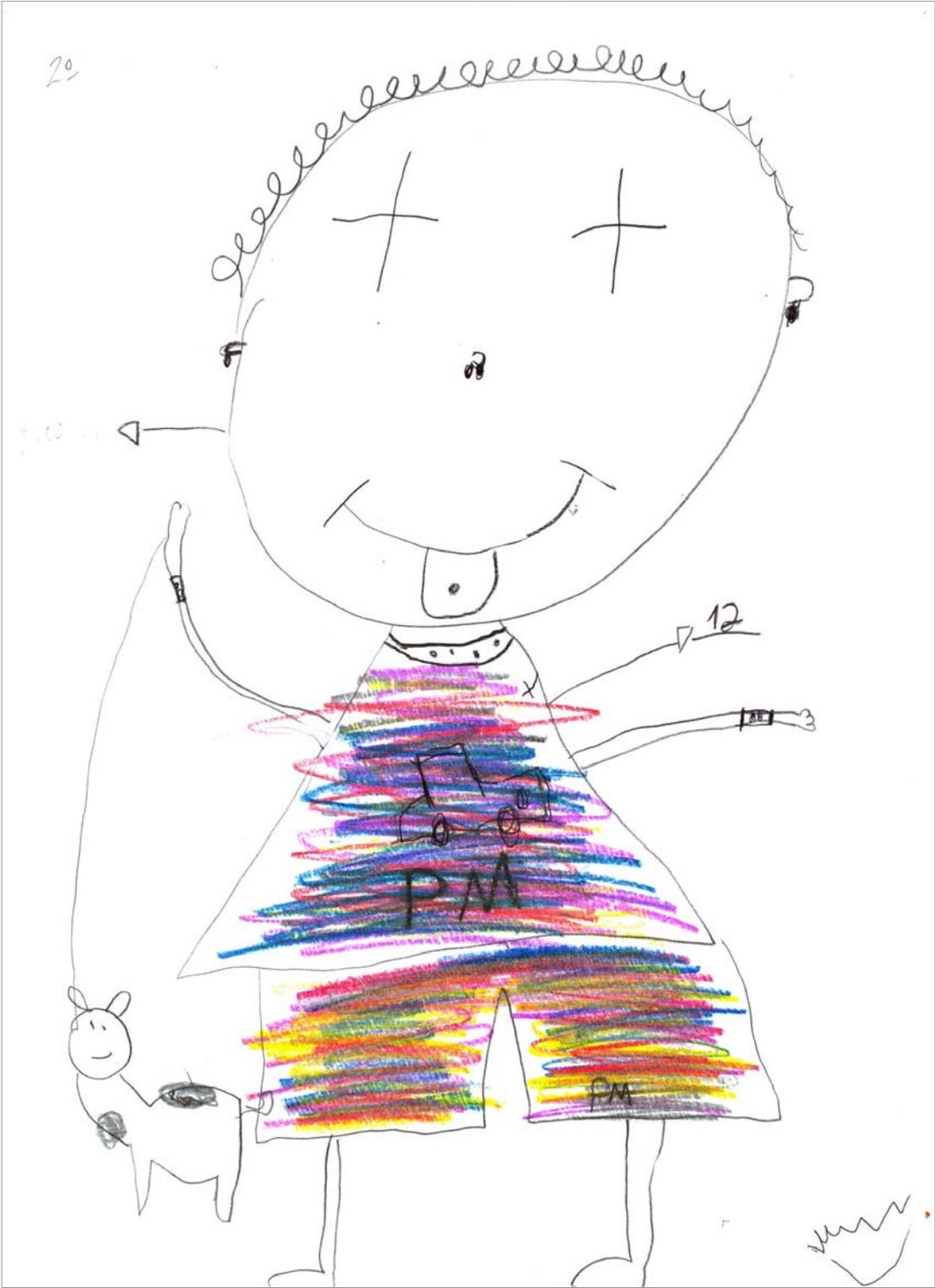
d) Teste da Casa-Árvore-Pessoa (HTP) (desenhos e inquérito):

A casa









A casa:

Gabriel ia passando quando me viu. Parou, ficou me olhando com ar de meio sorriso, porém, sem demonstrar surpresa. Perguntou se eu tinha ido falar com ele e eu disse que sim. Eu disse que queria que ele desenhasse algo para mim e ele foi buscar os lápis. Trouxe os lápis e pediu uma régua. Sentou solícito e começou a desenhar. Fez o telhado da casa minuciosamente, cantando, desenhando, pintando e estalando os lábios. Perguntei de onde era a música e ele disse que era da escola. A música falava de ecologia. Desenha ao lado da casa um carro de polícia e um policial. Conta que não sabe de quem é a casa, mas, diz que não é sua e que não sabe por que, não gostaria de morar nela; Perguntado diz que é uma casa térrea e que não está faltando nada nela. Depois ele desenha o carro da polícia e diz que a casa é da polícia.

A árvore:

Sinto que Gabriel aceita fazer o desenho com certa relutância. Pergunto sobre a árvore depois do desenho pronto e ele me responde que essa árvore é fruto do espírito. Conta que ela está no meio das outras, na floresta, que não foi plantada e nasceu sozinha.

Gabriel veio ao meu encontro, ajudou a preparar o local, ajudando a colocar uma mesa onde pudéssemos ficar no pátio do abrigo. Ao ser solicitado por esta pesquisadora para fazer o desenho da pessoa o fez de forma tranqüila e casual. Quando estava no segundo desenho da pessoa, lembrou que tinha esquecido de colocar os braços, então, me pediu o desenho de volta para colocá-los. Respondeu ao inquérito sem pensar muito. Perguntado sobre o desenho disse que se trata de uma menina de quatro anos que aparenta ser uma nenezinha, magricela, que só pensa em chorar e que não precisa de nada. Sua qualidade é ter muita saúde e seu defeito é não gostar de feijão.

Segunda pessoa:

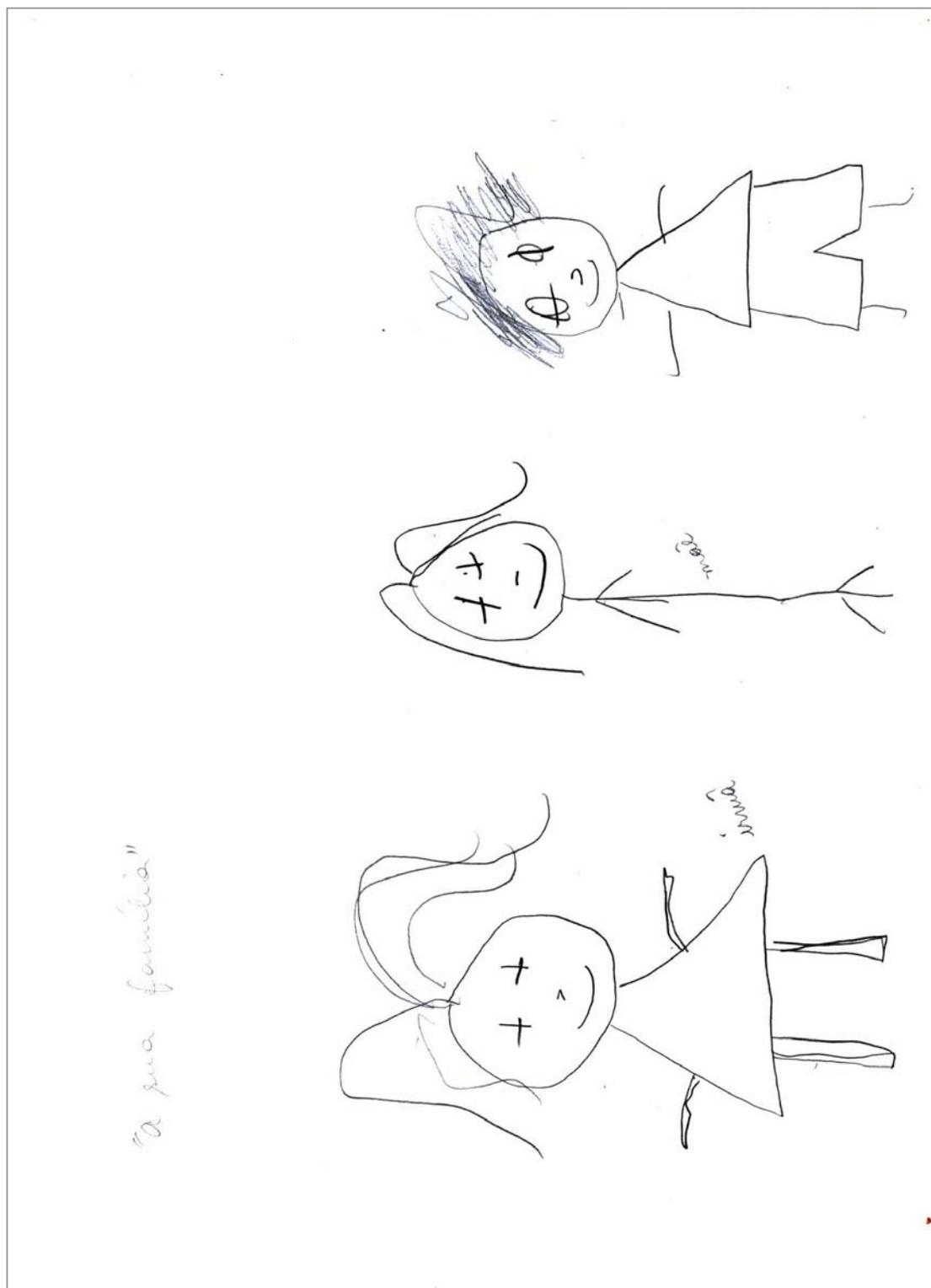
Perguntada sobre essa pessoa Gabriel diz que é um menino de doze anos

que aparenta ser um palhaço e que se sente bem assim. Comenta que ele pensa no circo, mas, precisa ir para a escola. Gabriel diz que esse menino não tem defeito e que sua qualidade é a alegria. Se fosse fazer um personagem de filme poderia representar um policial.

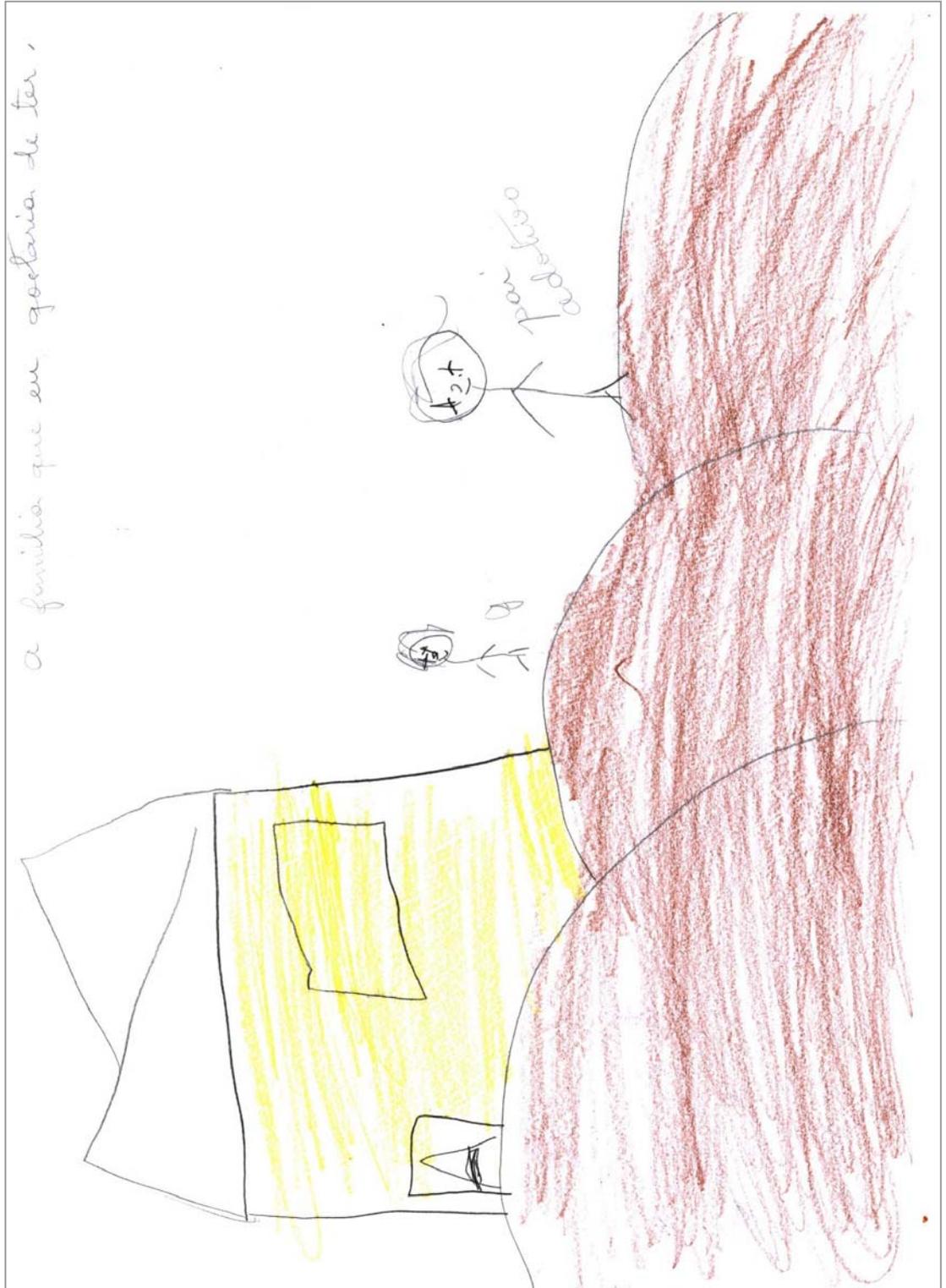
e) Teste da Família (desenhos e inquérito):

Uma família qualquer





Família que ela gostaria de ter



Gabriel fez os desenhos das famílias com pressa de acabar, não quis pintá-los na hora e disse que os pintaria na próxima visita. Parecia incomodado com a tarefa, porém respondeu ao inquérito sobre as famílias com atenção. Na visita seguinte, Gabriel disse que iria pintar todos os desenhos. Porém, em seguida, escolheu o desenho da “sua família” e disse: “esse eu não quero pintar”. Continuou pintando os outros desenhos, displicentemente.

Uma família qualquer:

Perguntado sobre as pessoas do desenho Gabriel diz que as inventou, um pai e uma mãe. Não quis fazer comentários denotando indiferença e desinteresse pelo desenho.

A sua família:

No desenho de “sua família” ele coloca apenas sua mãe, ele e sua irmã Júlia, omitindo o pai e as outras irmãs. A mãe aparece entre os dois, no centro.

A família que ela gostaria de ter:

No desenho da “família ideal”, primeiramente desenha ele e um pai adotivo. Quando pergunto se não está faltando ninguém ele diz que a mãe está lá dentro. E que a irmã também estava lá dentro, e que estava dormindo. Perguntado sobre o nome da irmã que estava lá dentro e como gostaria que fosse a sua família, disse que a irmã era Júlia e que gostaria que as pessoas da sua família fossem legais.

7.1.3 Rodolfo

A história

Rodolfo, com 13 anos, tem três irmãos e uma irmãzinha, os quais já foram adotados. Estuda a 5ª série numa escola agrícola. Os pais perderam o poder familiar sobre ele e os irmãos, porque a mãe os maltratava e os deixava sozinhos em casa, abandonados. Rodolfo é o mais velho e o único dos irmãos que não foi adotado. A sua história revela abandono por negligência física e psicológica, e ainda, maus tratos. Conta que, quando estava com os tios, era alegre e que sua mãe o tirou do seu pai. Revela que, com sua mãe, só havia tristezas. Lembra dos irmãos que foram adotados e que ele ainda está aqui. Conta da fuga com os irmãos para a casa do pai de um deles, porque a mãe queria maltratá-los, e de como apanhou depois. Mostra as marcas das agressões sofridas, porém as justifica, dizendo que ela, a mãe, viveu com os pais “só um pouco” e que, aos treze anos, foi expulsa pela família. Mostra-se quase sempre irrequieto e confuso. Conta que bagunça o material na escola, anda sobre a mesa, diverte-se em ver o diretor bravo, e diz que, com isso, o mandam carpir e é isso que ele prefere; assim, não precisa assistir às aulas. Revela que foi para o abrigo com seis anos. Comenta que o Juizado os recolheu através de denúncia, e que a mãe não trabalhava e ficava com seus cinco ou seis maridos. Conta que a sua tristeza é sempre rindo; que tem uma menina da sala de aula que o ouve sempre. Revela que, às vezes, se diverte com coisas más, como: xingar o diretor, rir quando batia nos meninos defendendo os irmãos, batendo nas meninas com o relógio na mão, etc. Diz que brinca pouco no abrigo e tem de aturar três colegas do abrigo na mesma sala que a dele. Apresenta, às vezes, uma fala incoerente, como ao dizer lembrar-se dos irmãos e sentir que tudo vai embaralhando. Comenta que, nessa hora, dá vontade de matar todo mundo, principalmente as meninas. Revela que vê um triângulo no rosto do irmão e fala que é porque ele está aprendendo sobre triângulo na escola. Diz que está se “queixando contra ele mesmo”.

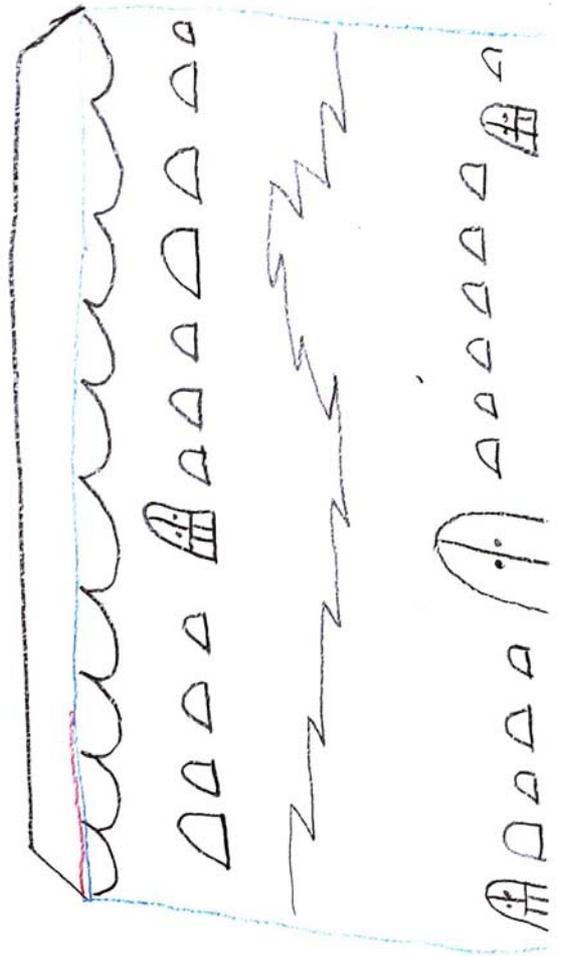
Os desenhos

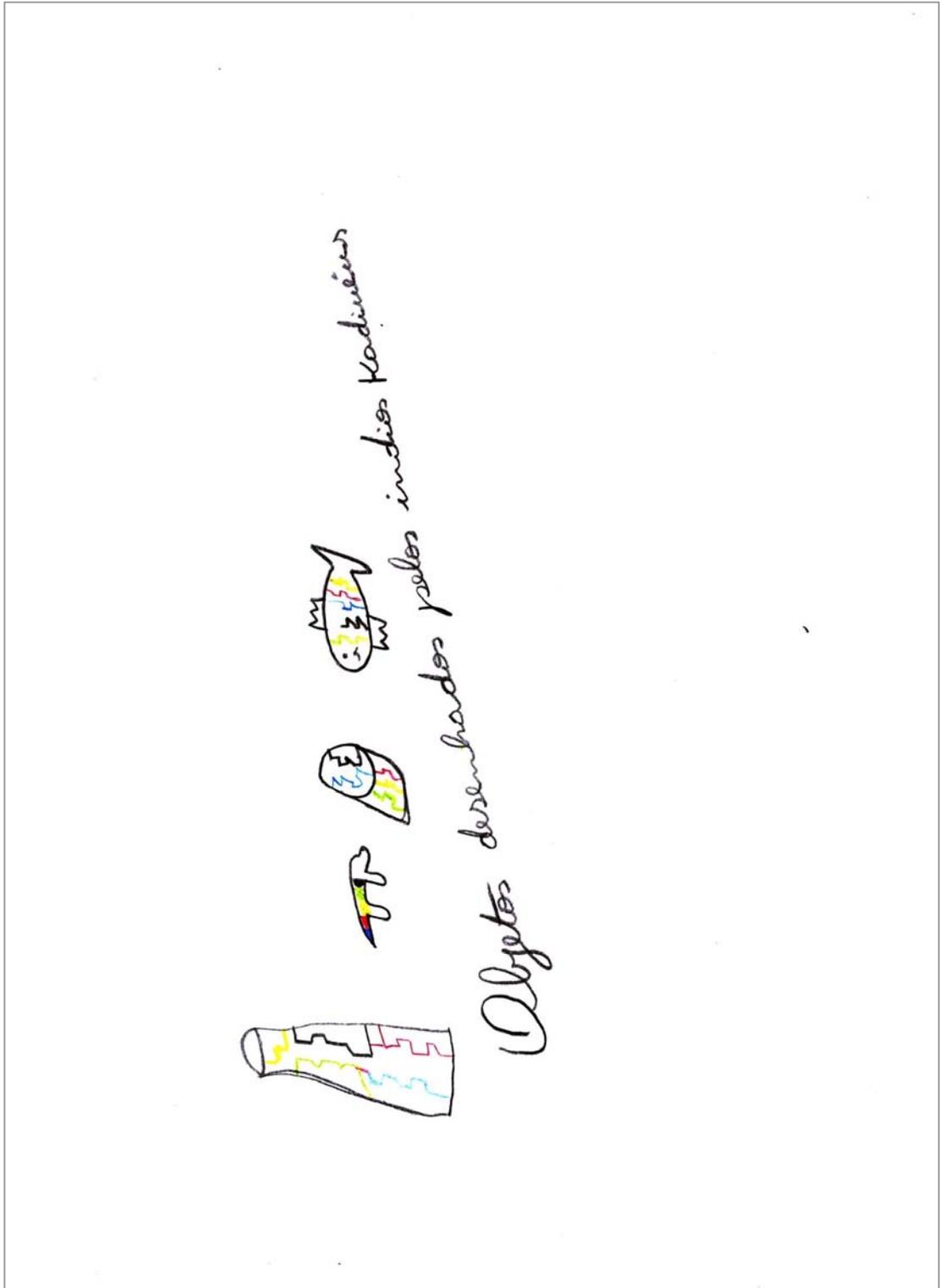
a) desenhos livres com estórias (desenhos e inquéritos):

Primeiro desenho

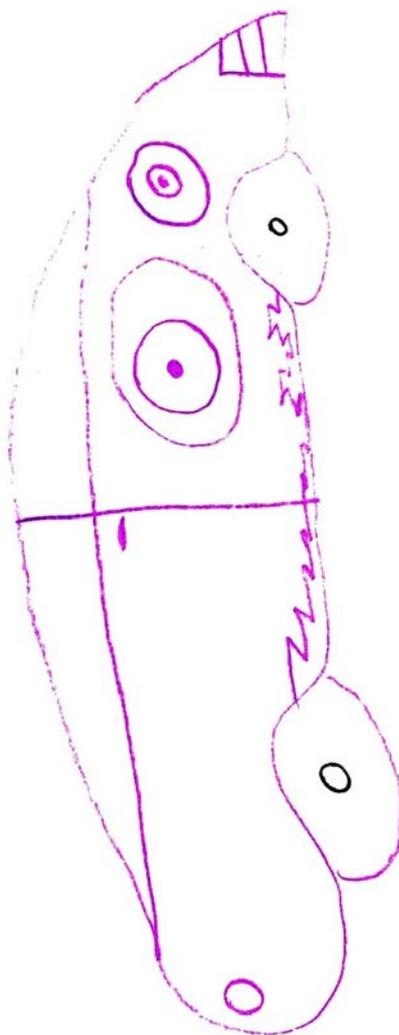


MORADORS, BAIS

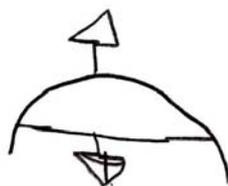




O carro molues



O arco e flecha



Primeiro desenho:

Após a minha explicação sobre o que deveria fazer Rodolfo fica compenetrado, pensando e dizendo: *Desenho eu sou péssimo. Primeiro, vou escrever o nome do desenho. Mas, tenho que pintar? .* Digo que ele é quem sabe e ele pergunta se pode escolher as cores e eu respondo que se quiser pode escolhê-las.

Disse que iria escrever o nome do desenho, porém desenha primeiro, usando o lápis preto. Parece estar bem tranqüilo, relaxado. Desenha o primeiro em silêncio. A porta do quarto, onde estamos (foi o lugar mais propício que pudemos encontrar), está rangendo. Ele parece nem se preocupar. Eu levanto, em silêncio, coloco um objeto para segurá-la e ele continua desenhando, aparentemente sem notar se havia barulho ou não. O barulho cessa. Ele está preenchendo toda a folha. Seus desenhos são variados e grandes. Pára de desenhar, se espreguiça e dizendo que estava pronto. Mas, eis que continua a escrever. Eu aguardo. Entrega-me. Eu deixo na mesa e solicito a estória. Ele pergunta se pode por o nome do personagem. Eu digo que sim. Ele diz que aqui ele era o Rodolfo. E que na escola tinha um primo chamado R.S.T. Continua escrevendo e diz que estava pensando como ia ser, pois em estória, ele nunca tinha sido bom. Sem eu perguntar, ele diz que o *Meio Ambiente* era o nome do título.

Estória: *Era uma vez um menino que se chamava B. G. C. Ele estava em um passeio com sua escola municipal, aprendendo sobre o Meio Ambiente, até que um dia ele soube que estavam derrubando as árvores. Ele ficou tão triste que não sabia o que fazer, até que uma hora a professora dele começou a comentar sobre o Meio Ambiente. Aquela foi a primeira idéia que passou pela cabeça dele, mesmo assim ele ficou pensando no que fazer, mas alguns dias depois que ele aprendeu sobre o Meio Ambiente, ele começou a explicar para todos os alunos de sua escola que estava derrubando as árvores de todo país. Mas ele não deixou que fizesse isso. Chamou seus colegas e foram no Pantanal para explicar que não devemos derrubar árvores e matar animais. Depois desse dia ele pensou em tudo o que fez para ajudar a combater o desmatamento. Depois que pararam de*

derrubar árvores, souberam que estavam poluindo rios e mares. Voltou para o Pantanal e explicou sobre poluir rios e mares. Era muito chato para todos nós, mas ele levou uma fita que falava sobre a poluição de rios e mares. O nome que estava na fita era 'Água, riqueza do Brasil'. Também ensinou vários tipos de enciclopédias, como, por exemplo, a descoberta do Brasil e os habitantes que já viviam no Brasil.

Aponto algumas coisas no desenho e pergunto o que são e Rodolfo diz que os riscos no pé do menino são os cadarços e que no desenho falou tudo que aprendeu na 2ª série. Disse que o menino do desenho se chama Bruno, mas, que só existe o nome, não a pessoa. Perguntado sobre os retângulos no desenho disse que os pequenos são os raios do sol e os grandes são as nuvens. Rodolfo disse que não sabe desenhar animais, por isso desenhou uma mata que ele diz ser do Pantanal. Disse que o Bruno, personagem do desenho veio da Escola Agrícola para representar a mata e que depois voltará para a Escola. Em outro momento Rodolfo se contradiz dizendo que Bruno está no desenho representando a Escola Agrícola. Rodolfo disse que fez o primeiro desenho que lhe veio à cabeça, e que esse desenho pode estar representando muitas coisas. Perguntado sobre que coisas seriam essas, diz: *a Descoberta do Brasil, os primeiros habitantes...*

Título: *Meio Ambiente.*

Segundo desenho:

Quanto entrego a folha para Rodolfo e lhe peço para desenhar o segundo desenho ele questiona se seria outro, e insiste em afirmar que não sabe desenhar. Diz isso, mas já está desenhando. Desenha em silêncio. Escreve. Parece gostar de fazer letras diferentes. Termina e me mostra. Está escrito: *Morada dos Baís* e ele diz que esse é o título.

Estória: *Em 1913 Bernardo Franco Baís fundou a Morada dos Baís, que antigamente era um sobrado. Até que um dia o sobrado pegou fogo. O Engenheiro retornou a fazer o sobrado que ficava entre os córregos Prosa e o*

Segredo. Sua mulher, desesperada, e o seu filho, ficaram sem ter onde morar, por alguns tempos, até o sobrado ser reformado. Bernardo, que estava dirigindo o carro com sua família, sofre um acidente ali na rua, mas, hoje o sobrado é a única lembrança que sobrou da família Baís e o retrato que sua filha fez. Hoje, é um ponto turístico. Estou falando de coisas que aprendi, porque são boas e me inspiram porque as pessoas vão ver que eu estudo. Perguntado sobre a casa e seus habitantes Rodolfo diz que lá moravam pessoas boas e que aconteciam coisas boas e que hoje quem passa por lá são os visitantes. Perguntado sobre a importância dessa casa diz: *Se ela era importante pra família Baís, o que eu tenho que discutir...* Rodolfo parece não gostar de falar sobre a casa. Pega o papel e demonstra o desejo de terminar logo e de fazer o outro desenho.

Terceiro desenho:

Questiono se quer continuar outro dia. Ele responde que não, e diz *tô na boa aqui* e continua desenhando já, o terceiro desenho. Termina logo o desenho e, como sempre, já escreve o título: *Objetos desenhados pelos índios Kadiwéu.*

Rodolfo fala: *Esse tive que fazer colorido, porque eles usavam cinco cores.* E começa a desenhar contando a estória.

Estória: *Os índios Kadiwéu viviam de caça e pesca e, também, desenhavam e pintavam vasos, cachorros, peixes e pratos, aqueles de índios, etc. Os índios Kadiwéu eram muito populares, como os índios Guaicurus, que lutavam com orgulho, para defender sua terra, apesar de muitos terem morrido.* Fico observando e ouvindo o que Rodolfo fala e ele, inquieto pergunta: *E aí, não vai falar os detalhes?* Então pergunto o que ele acha mais importante nos índios Kadiwéu e ele diz: *são os animais.* Diz que é tudo que ele se lembra.

Rodolfo desenha em silêncio. Eu fico em silêncio e percebo que nesse desenho ele parece estar mais distante de onde estamos. Logo termina e já coloca o título: *O carro maluco.*

Quarto desenho:

Estória: *Era uma vez um homem que estava planejando fazer um carro diferente, só que ele não sabia qual 'ingrediente' usar. Até ele derrubou a foto de sua mulher. Por mais estranho que seja o carro ficou pronto rapidinho e era um carro popular e também se transformou em um carro de corrida, mas, seu dono perdeu uma vez a corrida. Jogou o capacete no vidro do carro. Mas o carro, não deixou barato, ligou-se sozinho e começou a correr atrás do seu dono.*

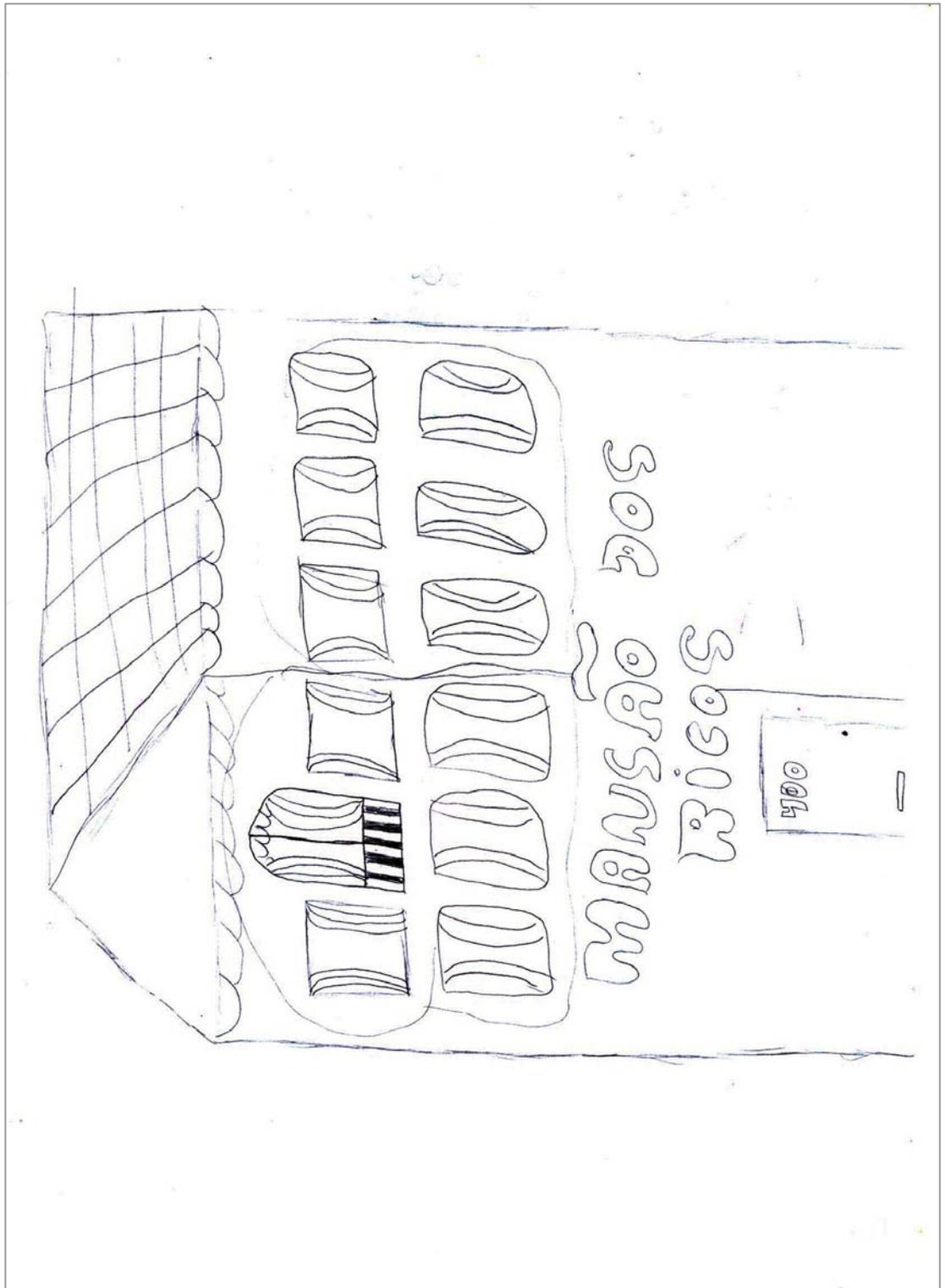
Rodolfo diz que esse carro era de um cientista. Perguntado sobre qual a relação da foto com o fato do carro ficar pronto ele diz que o ingrediente que faltava estava na foto e que a foto deu vida para o carro e o carro começou a ter pensamentos, como uma pessoa. Perguntado sobre o que aconteceu depois de o carro correr atrás do dono, Rodolfo fala que o dono pediu desculpas por jogar o capacete no vidro do carro, e eles voltaram a morar junto.

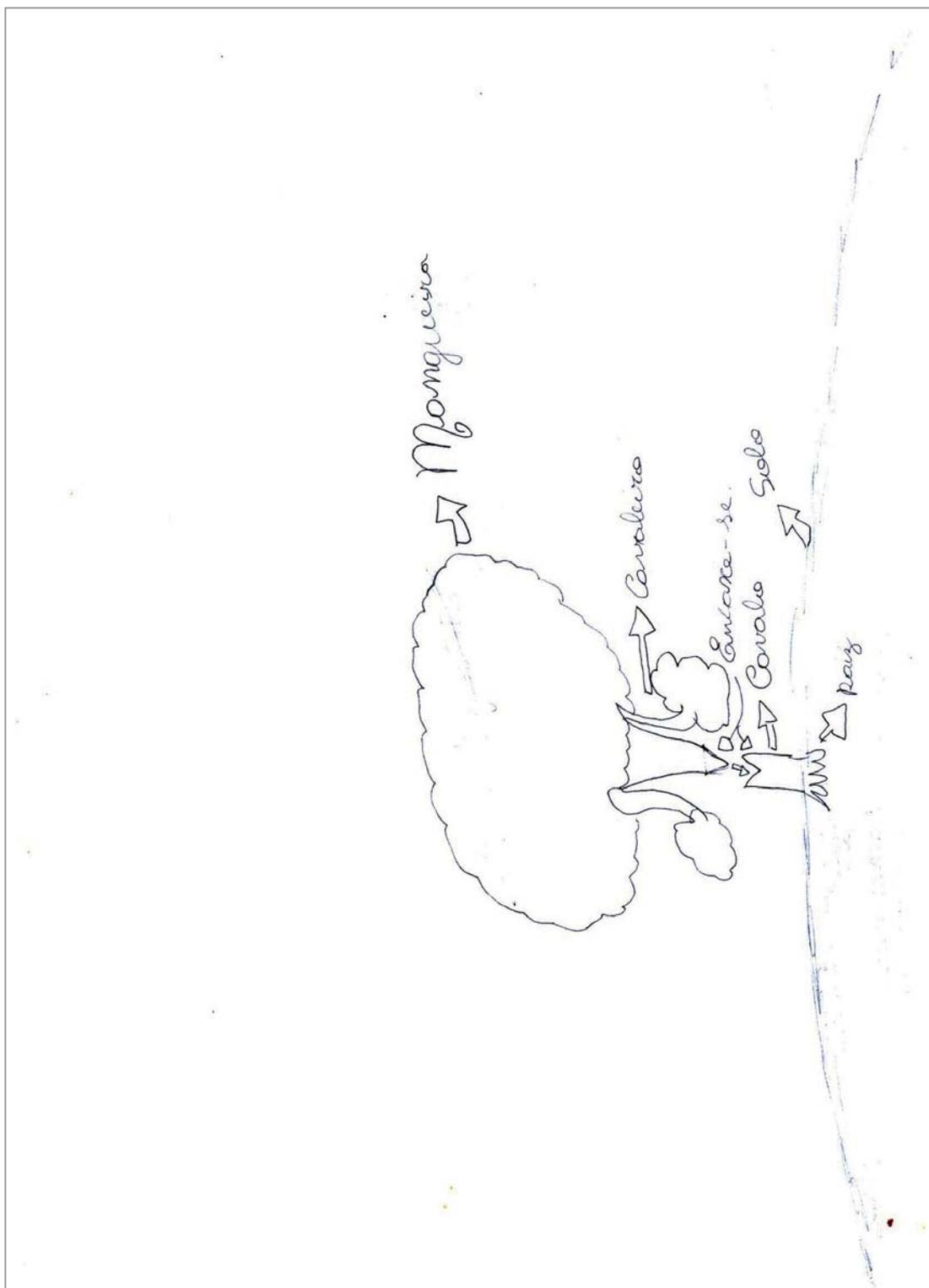
Quinto desenho:

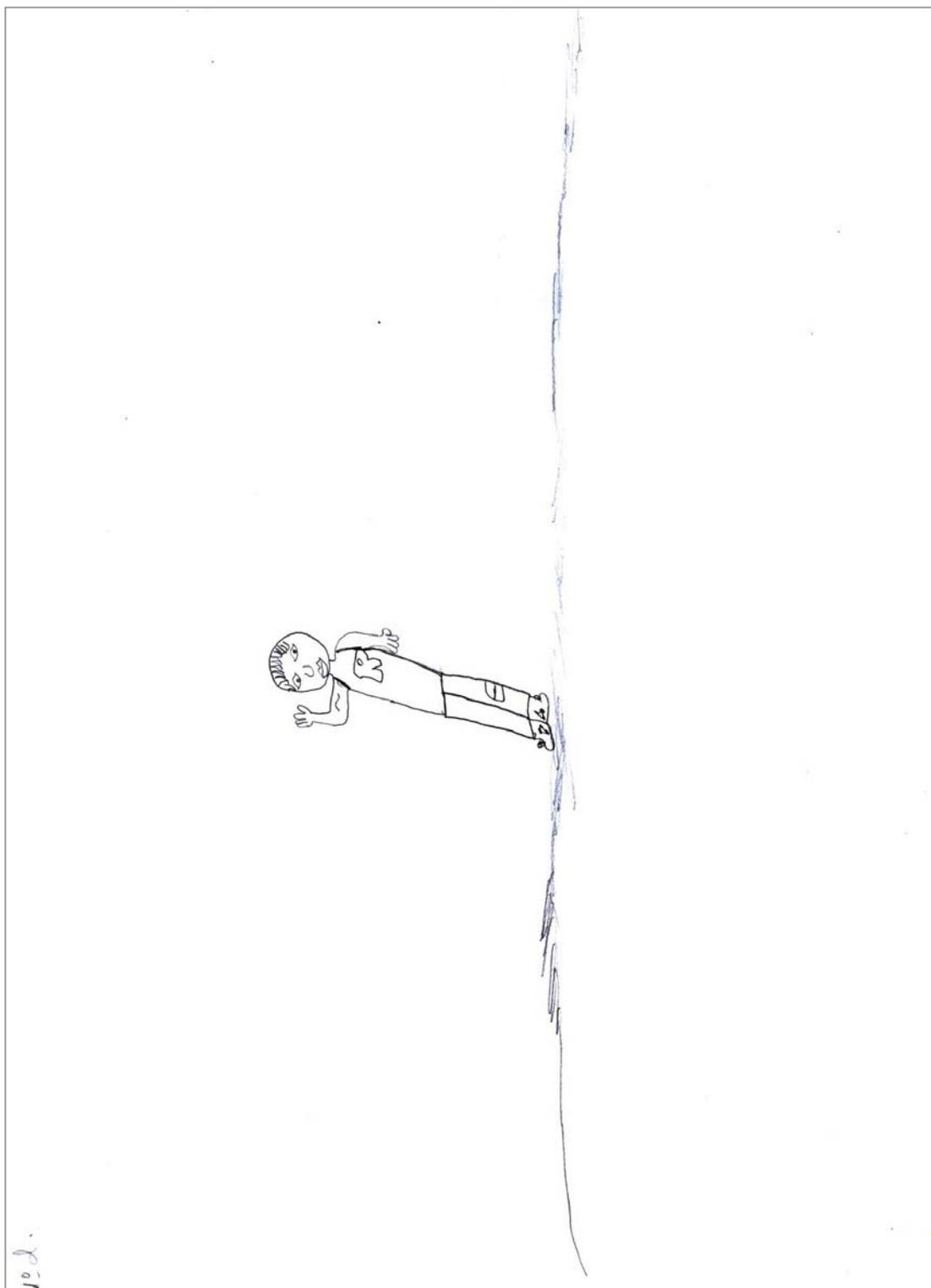
Estória: *O arco e a flecha. Era uma vez um arco que era o melhor amigo da flecha, mas o arco nunca conseguia ficar direito com seus amigos porque sempre ia uma pessoa e atirava a flecha, no seu inimigo. O pobre coitado do arco se sentia muito sozinho e também estava pensando em se aposentar. Rodolfo ri. Porque já sentia dores nas costas. Mostra. Aqui no fio dele, era as costas e ele sentia dores de tanto puxar. Interrompe, abre a boca. Mas ele sabia que não ia ser possível porque nem pessoa ele era, mas não perdeu a esperança de ter amigos, até que uma noite ele pediu para Deus transformá-los em pessoas, cada um com seu nome: arco e flecha. Perguntado sobre porque o arco se sentia sozinho Rodolfo responde: Porque a flecha não parava no arco. Diz que o arco não queria que ela saísse de perto dele, mas, a flecha achava que ele (o arco) era seu inimigo. Então o arco pensa em se aposentar para poder ter amigos, mas, para isso precisava ser pessoa. Pede a Deus que o transforme em pessoa. Perguntado sobre a flecha, que considera o arco inimigo, disse que o arco pede a Deus que a faça entender que ele gosta dela.*

b) Teste da Casa-Árvore-Pessoa (HTP) (desenhos e inquérito):

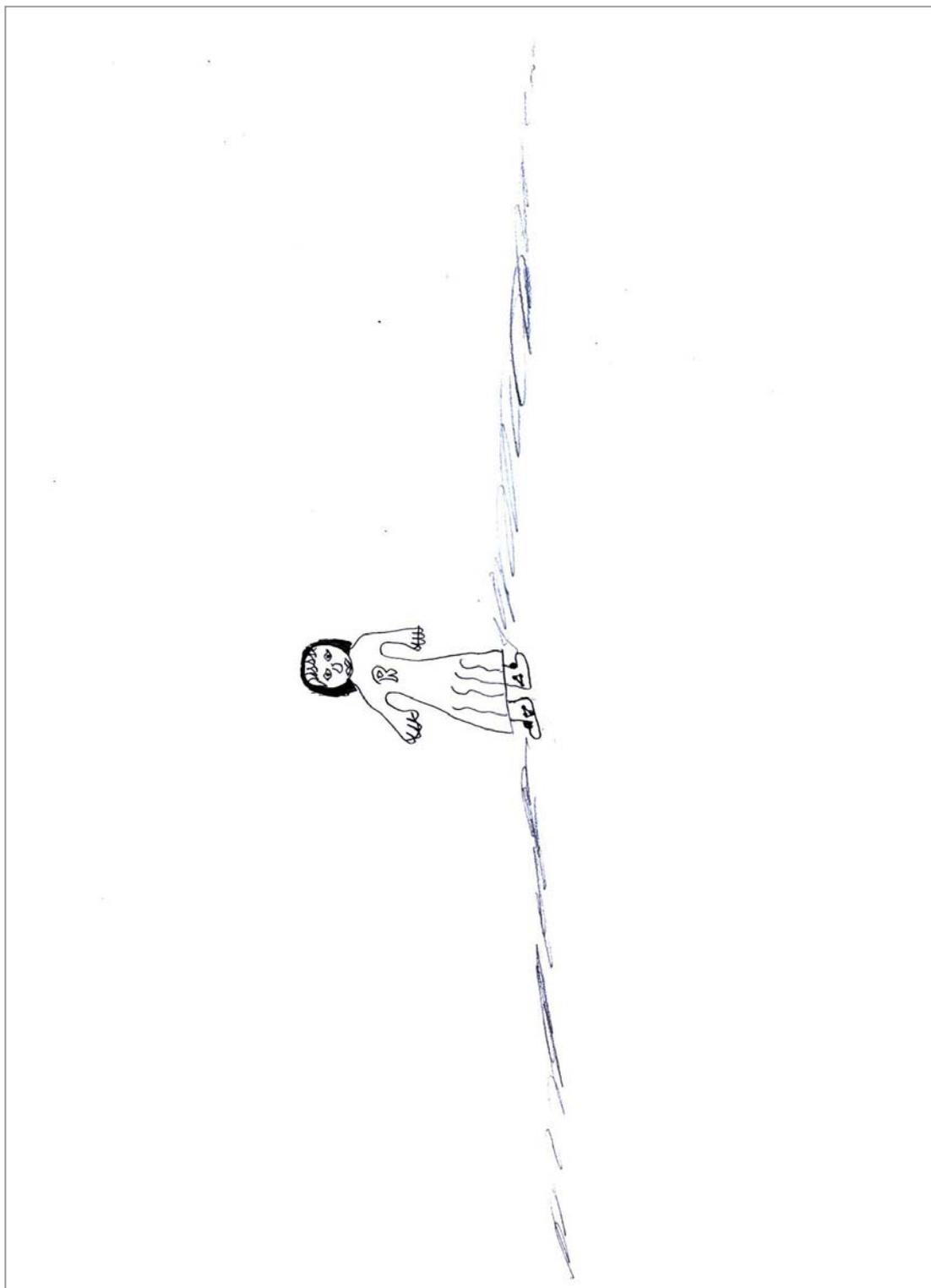
A casa







10 d.



Rodolfo é um menino falante e irrequieto. Quando fala parece estar falando consigo mesmo. Faço perguntas às quais ele responde, na maioria das vezes, cabisbaixo. Veio até mim, sem demonstrar surpresa, ou outro sentimento. Fez o desenho da casa em preto e branco sem fazer nenhum comentário durante a realização do desenho. Não quis desenhar em cores.

A casa:

Depois de terminado o desenho Rodolfo comentou que a casa do desenho é do seu irmão M; que ela possui elevador e que ele moraria nela somente se tivesse um quarto só prá ele. Disse que gostaria de morar nessa casa com seus irmãos e a família adotiva de M, denotando seu desejo de também ser adotado e de ficar junto com todos os irmãos. Perguntado se falta algo na casa diz: *Sol, nuvens, muros, árvores e pássaros.*

A árvore:

Quando solicitei o desenho da árvore, ele perguntou se podia ser uma árvore da enxertia e explicou o que era. Disse que a árvore do desenho é uma mangueira que foi plantada por agricultores, para ter mais árvores e está situada no campo. Disse também, que a árvore está sozinha, mas, gostaria de ter companhias. Perguntado, refere que sua árvore está viva; que parece ser do sexo masculino e lhe faz lembrar que preciso preservar a natureza.

As pessoas:

Rodolfo parece relutante em me atender. Hoje lhe peço que desenhe uma pessoa. Ele desenhou primeiramente uma pessoa do sexo masculino. Disse que era o seu irmão M. Disse que seu irmão ia ficar chateado com ele porque disse que ele aparentava ser “riquinho”. *Conta-me que Agora ele é adotado por uma família rica.*

Primeira pessoa:

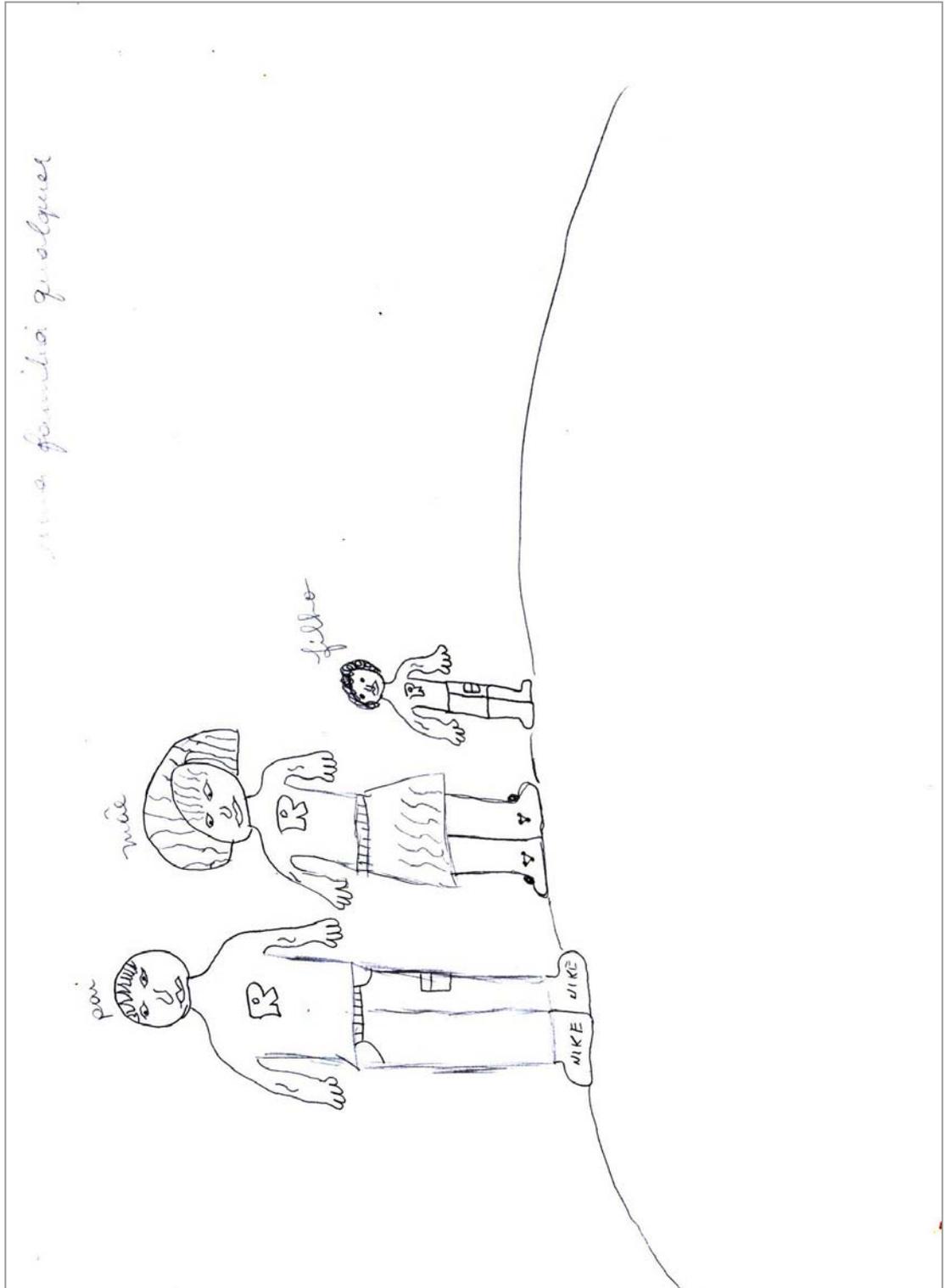
Rodolfo fala que é um *play boy*, de oito anos. Disse que ele sente alegria e quer ser alguém na vida, mas necessita de amor e carinho. Perguntado sobre suas qualidades disse que o menino é inteligente e bom jogador de futebol. Não tem defeitos e se fosse desempenhar um papel, seria o de uma pessoa que passou dificuldades e é jogador. Perguntado sobre o significado do gesto do menino do desenho, Rodolfo diz que ele está dando tchau para a mãe. Não quis falar mais nada.

Segunda pessoa:

Desenha a segunda pessoa do sexo feminino e a nomeia. Diz que as duas pessoas do seu desenho existem, ou seja, são reais. Refere que é do sexo feminino e tem quatorze anos. Aparente ser uma torcedora de futebol feliz. Ela pensa em me namorar e precisa da minha resposta. Refere que ela é inteligente, estudiosa e linda; que não tem defeitos e se fosse representar algum papel num filme seria o de uma pessoa apaixonada.

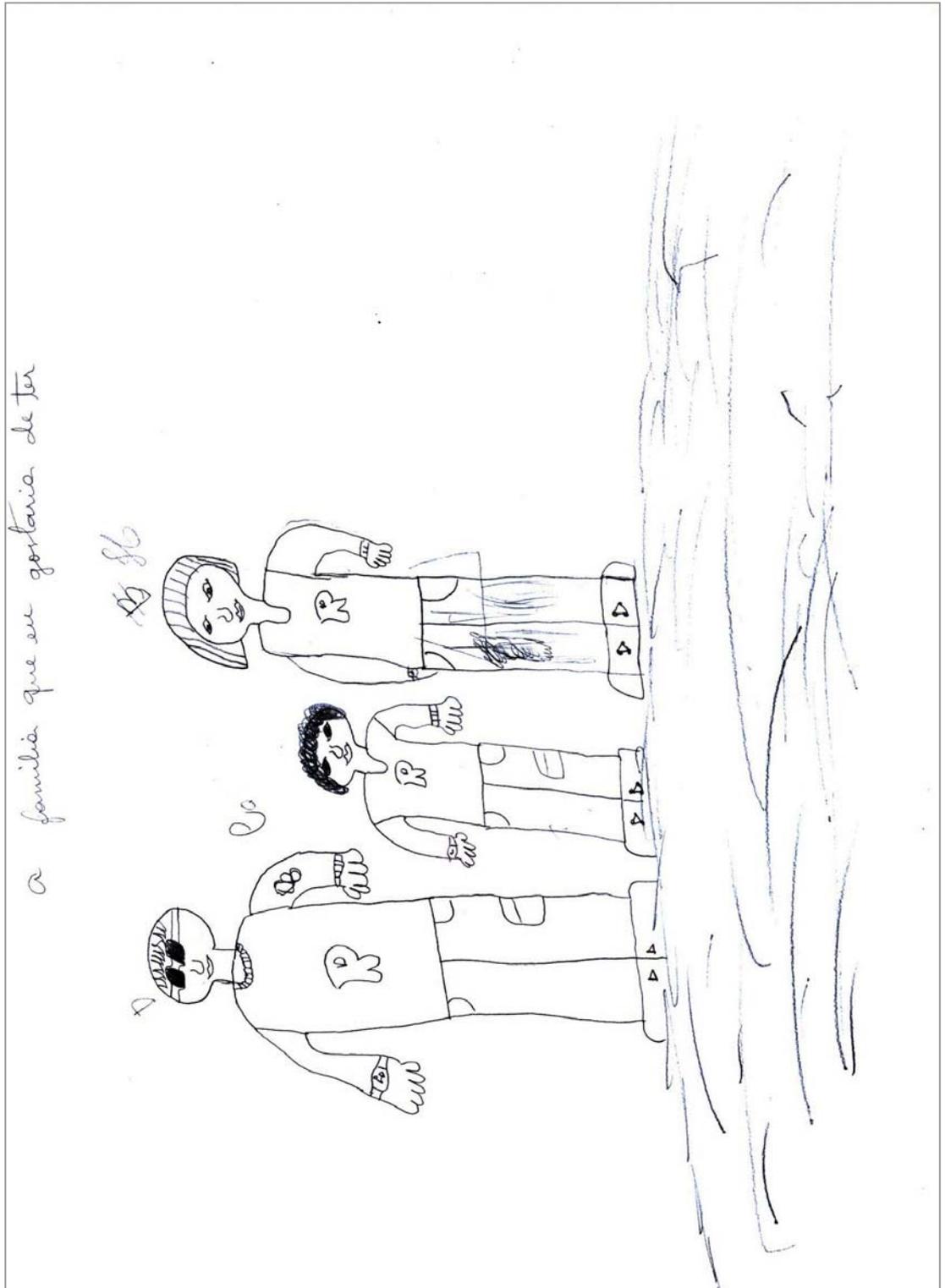
c) Teste da Família (desenhos e inquérito):

Uma família qualquer





Família que ela gostaria de ter



A sua família:

Quanto aos desenhos da família, Rodolfo não quis desenhar *uma família qualquer*, e desenhou a família adotiva do seu irmão. Nesse desenho aparecem somente os pais adotivos e o seu irmão. Perguntado sobre o desenho diz que é da família adotiva do seu irmão. Fala que no desenho estão os pais do seu irmão e ele. Diz que essa família está em cima do morro e se relacionam bem. Os pais são legais e amam o filho; não falta ninguém no desenho. O filho é uma criança de seis anos. Perguntado sobre o que estava pensando enquanto desenhava respondeu: *Eu estava pensando no D. (seu outro irmão adotado) e no jogo. Imaginei que meu irmão estava dando um “chapeuzinho” no colega da 5ª série.* Perguntado sobre a forma do desenho disse que não sabe por que desenhou assim.

Ele parece ter feito uma associação tal que, ao lembrar do M., a vivência com o D. veio também à tona. O desenho da “sua família” mostra a mãe dele na frente dele e dos irmãos numa ordem que parece hierárquica e rígida denotando talvez o grau de poder que ele atribui à sua mãe, e a si mesmo.

A família que ela gostaria de ter:

No terceiro desenho, quando peço que ele desenhe a “família ideal” ele reclama e argumenta que vai desenhar a família que ele quer construir no futuro. A sua família.

Durante o desenho da “família ideal”, ele desenha com capricho, demoradamente. Nela ele se coloca como o pai, sua esposa que ele chamou de B. e um filho do sexo masculino, C. Ele fala que essa família vai se relacionar bem. Perguntado sobre o porquê de todos terem um R. no peito ele diz que R. é o símbolo da união que não pode ser dito. Ele coloca seu filho, no desenho, no meio, o que denota que ele está visivelmente identificado com esse filho imaginário que necessita estar bem seguro entre os dois pais. Pergunto se falta alguém no desenho e ele diz que não.

8 DISCUSSÃO DOS RESULTADOS POR TEMAS

Para melhor compreenderem-se os aspectos psicodinâmicos dos três participantes desta pesquisa em relação ao abandono, serão discutidos os dados resultantes da análise dos Desenhos Livres com Estórias, do Teste HTP, do Desenho da Família, das entrevistas semi-estruturadas e da observação participante dos envolvidos. Essa análise será feita a partir dos aspectos mais presentes nas falas³ dos sujeitos segundo os temas propostos. Cabe ressaltar que a escolha dos temas esteve vinculada aos objetivos da investigação proposta e ao referencial teórico exposto.

Uma das formas de se buscar a compreensão do fenômeno é a interpretação simbólica baseada na hermenêutica. Esse tipo de interpretação permite que outros pesquisadores, utilizando outros referenciais, possam chegar a outras compreensões ou entendimento dos fatos.

A interpretação dos fenômenos coletados nessa pesquisa é uma das interpretações possíveis a qual se mistura à subjetividade do observador participante que não é isento de envolvimento. Sendo, portanto, uma das possibilidades, é congruente com o método escolhido.

Ressalta-se, ainda, que essas interpretações simbólicas se constituem em síntese do que foi compreendido e discutido pela pesquisadora, tanto com a orientadora, como com sua supervisora clínica, tornando-se um conjunto de três percepções diferentes sobre o material, o que se acredita que tenha contribuído para dar mais fidedignidade às análises.

³ As falas serão descritas no estilo itálico para destacá-las.

8.1 PERCEPÇÃO DA FAMÍLIA

Em relação ao tema família, os três participantes parecem ter percepções diferentes, porém uma condição os torna semelhantes: a descontinuidade de um provável vínculo. A respeito do abandono e conseqüente privação:

Experiências subseqüentes de insuficiência, distorção ou descontinuidade na interação pessoal podem manter ou aumentar os danos que de outra forma, poderiam ser recuperados quase que totalmente (BOWLBY, 1988, p. 208)

Júlia, em seu relato omite a mãe completamente. Diz não se lembrar de nada. Júlia parece não ter estabelecido o objeto mãe como um objeto libidinal (aquele que pela comunicação sensorial do bebê com a mãe, a registra e a reconhece) e por isso não pode reconstituí-la em sua mente. No desenho aparecem questões que podem estar ligadas a sua origem, como (seio, cisão, junção e separação mãe-bebê). No desenho da primeira pessoa, Júlia revela imaturidade, seu desenho é de um bebê de três anos, com mãos sem dedo, denotando sua carência afetiva e uma ruptura na sua formação.

Guirado (1986, p. 25), ao comentar as proposições de Spitz, diz:

A carência afetiva será resultante da separação e, portanto, será uma elaboração possível da perda de relação com o objeto da libido: o ego corporal perde seu suporte físico, concreto.

Quando Júlia menciona a avó e a tia, o faz sempre em relação ao seu irmão, exceto quando diz que a avó a ensinou a rezar.

[...] ele fugiu porque minha avó bateu nele e deu banho de escova, que deixou ele vermelho perto do peito.

[...] a tia disse: deixa, ele volta. E ele voltou com caco de vidro no pé.

[...] minha tia disse prá ele: vai prá casa da avó porque ela que tá te cuidando.

Júlia parece projetar no irmão a condição de vítima da agressividade, da indiferença e da rejeição introjetadas de sua família e contidas nesses fragmentos de sua fala, projetando no irmão a dor que sente em si. A maioria de seus desenhos ocupa toda a folha do papel, demonstrando o quanto ela está tomada por sentimentos dolorosos. Ela não aparece nesse contexto da sua história porque o medo da retaliação externa restringe os seus impulsos agressivos.

A agressividade aparece como defeito, no inquérito do primeiro desenho da pessoa, denotando um superego rígido, quando diz que a criança briga com outras. Ainda nesse desenho, ela parece projetar sentimentos contraditórios quando diz que o indiozinho pôs fogo na oca (ódio atribuído ao útero-casa que frustra) e fez um jantar bem chique (amor projetado ao seio gratificador) para a sua família, demonstrando dificuldade em conciliar os impulsos ambivalentes vindos do id e de fazer uma síntese entre objetos bons e maus.

No segundo desenho com estórias, algumas figuras lembram a forma de úteros, denotando talvez sua relação mais primitiva, no útero de sua mãe. Na segunda pessoa do teste HTP (um bebê), Júlia parece demonstrar um crescimento forçado do eu (dificuldade de crescer) e uma permanência em estados mais primitivos.

No seu primeiro desenho, revela cisão de objetos bons e maus. O sol da parte de cima pode representar o objeto bom, com seu calor. O verde do mato, vida. Mas uma linha divide a parte de baixo que mostra um sol confuso e trêmulo, que pode ser o objeto mau não integrado.

Ainda Guirado (1986, p. 25-26), resumindo estudos de Spitz, ressalta:

A reintrojeção dos impulsos (libidinais e agressivos, cindidos) que buscavam diferenciação para posterior fusão de seu investimento num objeto externo, é o mecanismo psicológico que explica a carência afetiva total ou parcial.

Júlia sempre fala do outro e não de si mesma. Outra vez se refere ao irmão:

[...] voltamos para o abrigo porque não agüentava o Gabriel que fugia sempre.

Ela parece querer acreditar que só está no abrigo porque seu irmão vivia fugindo, numa tentativa de justificar ou de negar a impossibilidade, seja qual for, de sua família a acolher. Durante a entrevista, fazia gestos de constrangimento ao falar de sua história e parecia sentir tédio, como se dispendesse um grande esforço na tarefa de encobrir os reais afetos em relação à sua família.

No Teste da Família, Júlia, ao desenhar uma família qualquer, desenha uma família que parece lacônica, de olhares vazios, olhos rasgados, com línguas para fora denotando primitivismo. Nela aparece o pai, a mãe, um menino e uma menina que podem ser uma representação de Júlia e do irmão, que estão no abrigo.

A mãe, num patamar superior, parece denotar uma mãe autoritária, pois, no inquérito, Júlia diz que a relação dessa família é de obediência. Diz que não os conhece, mas que eles são felizes e unidos, denotando talvez um ideal de família, que lhe possa dar segurança. As irmãs estariam excluídas dessa família, talvez pela relação de inveja que a adoção delas possa ter lhe causado.

Klein (1975a) postula a inveja como originária da fantasia que o bebê tem de que a mãe, ao negar-lhe o leite e o amor, estaria se beneficiando deles. Assim, teria não só o desejo de possuir, mas também de destruir o prazer que esse objeto pode causar ao outro. Essa inveja originária das primeiras relações com a mãe e projetadas nas irmãs, impediria Júlia de incluí-las nessa família ideal. Segundo Klein (1975b, p. 13),

Os concomitantes dos sentimentos de destruição nesse estágio primitivo são de grande importância, e separo deles a voracidade e a inveja como fatores muito perturbadores, em primeiro lugar em relação à mãe e ulteriormente com os outros membros da família, em verdade por toda vida.

Júlia traz na sua fala, a dificuldade financeira de sua avó, que parece indicar carências ligadas à alimentação.

[...] a avó disse prá minha irmã: vai na casa da tua tia e pede 2 kg de arroz, 2 pacotes de suco e 2 kg de lingüiça.

[...] essa tia morava há três quadras da avó. Todos os dias a gente ia pedir, quando minha avó não tinha recebido.

Talvez fale aí de suas próprias carências e faltas.

No primeiro, no quarto e no quinto desenhos com estórias, Júlia parece se reportar aos seus desejos infantis de ser bem alimentada e acolhida, pois fala de jantar chique no primeiro, e de mesa farta nos inqueritos dos outros dois.

Ao desenhar a sua família, parece querer fugir da realidade, relutando em desenhar e adiando a pintura que ela denotou gostar tanto. Desenha o pai, a mãe e os irmãos. Coloca-se ao lado da mãe, mostrando a sua necessidade de proximidade.. Depois da mãe, a sua direita, coloca os irmãos numa ordem cronológica. O pai, a mãe e a irmã mais velha parecem ter os olhos costurados como se tivessem impossibilitados de enxergar, o que pode significar (como ela sente) o abandono dos mais velhos que não a vêem: pais e da irmã mais velha que, ao ser adotada, deixou de cuidá-la.

Júlia parece contar com a lembrança e a percepção de uma pequena interação com a avó que, ao ensinar-lhe a orar, institui a formação do seu superego e a protege do mal externo, mas também do que está dentro de si.

[...] minha avó tinha me ensinado a orar desde quando era pequenininha.

No desenho da família ideal, Júlia desenha a mãe, o pai e a avó. Na sua fantasia, os três excluíram os filhos e netos e vivem bem. É uma família em que não há lugar para crianças. Isso pode mostrar como sua família foi internalizada por ela, ou seja, ela tem uma família, na qual nem a mãe, nem o pai, nem a avó assumiram os filhos e netos e estão bem de vida, denotando talvez que os filhos

seriam, como que um peso, ou que eles (os filhos) não seriam merecedores dos cuidados dessa família. Para Klein (1975b, p. 13), a criança insatisfeita

[...] é impelida a explorar, primeiro a mãe, e, a seguir, todos da família que lhe possam proporcionar atenção, alimento ou outra gratificação [...] a ansiedade aumenta a voracidade – a ansiedade de se sentir privado, de se sentir roubado e de não ser suficientemente bom para ser amado.

A mãe, toda de rosa no desenho, parece infantilizada e o pai, entre as mulheres, parece frágil, imaturo e moleque, precisando ser cuidado pela mãe, que não o deixa crescer. Dessa forma, para Júlia, o ideal de uma família seria uma família sem filhos. Assim, Júlia parece não se sentir integrante dessa família e não se coloca nela.

A integração do indivíduo não é um fato que se possa tomar como dado. A integração pessoal é uma questão de desenvolvimento emocional. Para atingi-la cada ser humano parte de um estado inicial não-integrado [...] e [...] tendo apenas começado a se estabelecer, depende ainda de modo absoluto do cuidado materno [...] (WINNICOTT, 1993, p. 68).

O terreno onde está essa família é árido, e Júlia parece não se identificar com ela. Winnicott (1993, p. 68), ressalta que:

Se as condições favoráveis [...] que estão ligadas à íntima identificação com seu filho e posteriormente, ao interesse combinado de ambos os pais [...] nos primeiros estágios realmente estimularem a integração da personalidade, essa integração do indivíduo, um processo ativo que movimenta muita energia, afeta por sua vez o ambiente externo.

Júlia denota que as condições não lhe foram muito favoráveis de forma a permitir-lhe uma integração nessa família. A sua família real parece não ter lhe propiciado condições de integração, por isso, talvez, Júlia tenha dificuldade de se incluir nessa família ideal. Assim, não pode afetar o ambiente dessa família.

O sol exagerado no mesmo desenho pode significar esperança, mas também, negação maníaca: muito sol, muita luz.

Assim, ela vive à margem de sua história de família e guarda, dentro de si, a imagem da avó má – cuja maldade é dirigida ao seu irmão, e a da avó boa, que a ensina a orar, e, apesar de não estar com ela, a carrega não só como símbolo de punição, mas também de reparação.

Winnicott (1993, p. 131) assevera “[...] creio que a família da criança é a única entidade que possa dar continuidade à tarefa da mãe (e depois também do pai) de atender as necessidades do indivíduo”.

Foi pouco o tempo que Júlia ficou com sua avó. O sentido de continuidade perdeu-se, ou houve uma insatisfatória vinculação ou ausência de ligação, o que pode ser observado no tom casual e indiferente durante sua fala.

[...] fiquei uns meses com a minha avó, quando vim prá cá.

Porém, embora ela tenha ficado muito pouco com a avó, algo ficou dessa breve relação.

Diferentemente de Júlia, Gabriel, seu irmão, menciona pouco, a avó.

Sua irmã mais velha parece ter sido a sua maior figura de ligação, a base segura na ausência da mãe, pois é ela quem aparece, na sua fala, como sua cuidadora e das suas irmãs. Assim,

Quanto mais experiência de interação social um bebê tiver com uma pessoa, maiores são as probabilidades de que ele se ligue a essa pessoa. Por essa razão, torna-se a principal figura de ligação de um bebê aquela pessoa que lhe dispensar a maior parte dos cuidados maternos (BOWLBY, 1997, p. 172).

[...] Minha irmã mais velha cuidava da gente.

[...] Minha mãe fazia negócio de roupa. Minha mãe brigava muito – não batia [...].

A mãe introjetada, ausente apresentando aspectos maus (brigava muito), mas também era boa trabalhava (não batia). Dizer que a mãe não batia parece

ser uma justificativa para protegê-la, o que parece denotar que algo bom dela, permanece introjetado por ele.

O seu primeiro desenho com estórias traz a identificação com uma figura (sol com dentinhos de bebê, que ocupa toda a folha do papel) que pode denotar defesas psíquicas para não sentir a dor da separação, ou um pedido de ajuda mágico, de aconchego e presença.

[...] e eu não quis voltar, não chorei, não senti falta.

Parece querer mostrar, em seu desenho e em sua fala, o quanto é capaz de prescindir da presença materna apesar de ser tão bebê, o que pode estar denotando revolta, pois, “[...] a ameaça de perda gera ansiedade e a perda real produz tristeza; enquanto que cada uma dessas situações é passível de suscitar raiva” (BOWLBY, 1997, p. 172). Então a raiva e o medo parecem sobrepujar em Gabriel o desejo de voltar, que é por ele negado.

No quarto desenho, Gabriel expressa a internalização de uma família desfeita porque o doce da mãe “acabou”. A fome intensa o fez engolir tudo, de uma só vez, provocando “dor de barriga”. Há uma noção de que a mãe morreu com o filhinho (separação e abandono), pois o filho sugou tudo da mãe; parece haver culpa.

Para Klein (1975b, p. 15).

[...] no quinto ou sexto mês de vida o bebê começa a temer o dano que seus impulsos destrutivos e sua voracidade causam, ou podem ter causado, a seus objetos amados. Ele experimenta sentimentos de culpa e a necessidade de preservar tais objetos e de repará-los pelo dano causado.

A figura do pai aparece no desenho da árvore como aquele que foge e não dá nenhum tipo de ajuda, pelo contrário, queima, mata e abandona. Em seu relato Gabriel diz que a mãe separou-se do pai antes do SOS Criança os pegar.

[...] meus pais separaram antes de o SOS pegar a gente.

No quinto desenho, aparece outra vez o sol com dentinhos de bebê, indicando necessidade de proteção e afeto. Aqui aparece, de novo, a dor da separação e o risco de morte internalizado. É a figura do casal desfeito (sol e lua), por algo que veio de cima. Seria a interferência externa das instituições?

No desenho da família qualquer, a família não tem filhos: tem somente pai e mãe. Curiosamente, atrás aparece o sol e o número cem (sem filhos, sem sol?). Os olhos fechados, na verdade, são lacrados como cruces, dificultando a percepção daquilo que, em outro desenho, chamou de “espírito”, e pode-se pensar aqui em psique. Não há acesso à psique do pai ou da mãe pelos olhos, importante mecanismo de comunicação sensorial entre bebês e pais. São pais afastados e solitários.

Assim, [...] se o olhar da mãe [...] ou pai [...] é vazio, ou se a pessoa que a substitui não se preocupa com a qualidade das trocas emocionais, decorre daí, no lactente, um desarranjo que pode conduzir a uma ameaça de caos (MANNONI, 1995, p. 67).

No desenho da sua família, os olhos permanecem lacrados sem acesso ao interior. Os dele parecem um pouco mais abertos. Os outros estão como que dormindo. Curiosamente a mãe parece ser a mais frágil em estrutura do corpo, mais regredida. No desenho da pessoa, Gabriel desenha uma figura feminina em que, mesmo sendo de menina, vê-se ao centro da barriga um carocinho, podendo indicar um feto em desenvolvimento em uma mãe-bebê, mãe imatura na função, denotando como ele expressa a internalização de sua família e especialmente de sua mãe.

No desenho da família ideal, Gabriel desenha algo que seria a sua família, mas com um pai adotivo. Apresenta a necessidade de uma figura masculina, forte, para se identificar. A casa foi construída no terreno cheio de obstáculos. As figuras permanecem inacessíveis em seu mundo interno ou estão dormindo, nem aparecem. Para Oliveira (1996, p. 32), “[...] a família e principalmente os pais são os primeiros modelos de identificação”. Assim, Gabriel, não parece identificado com figuras parentais. Para Guirado (1986, p. 25),

A separação e a internação quando ocorridas muito cedo na vida da criança, impedem um desenvolvimento satisfatório do ego ou das funções psicológicas adaptativas como a locomoção, a memória, o pensamento, os mecanismos de defesa (como a identificação, por exemplo), entre outros; isto porque são atacados os vínculos e sobretudo os primeiros vínculos, no momento mesmo de sua construção.

Gabriel espera pelo objeto permanente (alguém que substitua a mãe), com o qual poderá conseguir o objeto libidinal, que permita a integração do seu ego.

[...] A imagem mnemônica do objeto bom é instantaneamente dissolvida quando a criança percebe as impressões sensoriais que denotam frustração. O mesmo acontece, inversamente, em relação ao objeto mau (SPITZ, 1993, p. 258).

Nesse sentido, como mostra seu quarto desenho com estórias, sua árvore tem frutos secos ou vazios que ainda permanecem em sua estrutura, podendo carregá-los pela vida afora, caso não consiga dar espaço a novos frutos, ou seja, a novos objetos de amor (uma família substituta). Na árvore do teste HTP, ele refere no inquérito, que a árvore nasceu sozinha, mas agora não está mais sozinha. É fruto do espírito (psique), o que parece expressar a projeção, nela, de suas partes psíquicas. Neste desenho, os frutos são bons. Ou seja, se ela não está mais sozinha pode produzir então, bons frutos.

Em relação a Rodolfo, quanto à internalização da família, pode-se dizer que no primeiro desenho com estórias, o desenho em perspectiva denota, no sentido cognitivo, maturidade e inteligência e, no sentido emocional, que estão aparentes coisas que ficaram para trás; vínculos, lembranças, afetos, ainda estão em evidência. Rodolfo mostra que está atrás de si um emaranhado de árvores como numa floresta. Ele aparece em primeiro plano, numa clareira, mas os braços estão escondidos indisponíveis para relações de afeto. Ele se vê à frente das coisas que estão presentes e de outras que se passaram em sua vida, ficando para trás, mostrando o que vem carregando de sua própria história de vida.

[...] tinha pai e mãe, mas minha mãe resolveu me tirar do meu pai. Longe do meu pai, ela começou a beber e fumar.

Rodolfo fala do pai essa única vez, portanto, não se sabe se ele existiu na sua experiência de vida ou se está na sua fantasia. Nos prontuários de Rodolfo não há dados sobre o pai.

Quando estava com meus tios, era só alegria e, com minha mãe, só tristeza.

Os tios, a que ele se refere, também só aparecem aqui e, se existem, não se sabe se são tios por consangüinidade; porém, ao mencioná-los, Rodolfo parece ter deles uma boa lembrança.

Rodolfo expressa a internalização de uma mãe extremamente má. Em seu relato ele revela o ódio reprimido não só pela privação do afeto, mas também pela dor da violência física a que foi submetido.

[...] eu apanhava muito de minha mãe. Um dia que ela ia bater nos meus irmãos menores eu não deixei. Pedi uns trocados e fugi com eles prá casa do pai de um deles. Lá ficamos até que minha mãe descobriu que estávamos lá. Também quando ela me pegou, não sei onde doía de tanto apanhar com varinha de goiabeira. Fui obrigado a ficar com ela.

Diversas vezes em seu relato, Rodolfo se coloca na posição de mãe boa, protegendo os irmãos. Mas, em sua visão, ele não podia se proteger da fúria e do ódio da mãe.

[...] olhe, isto é mais uma marca. Uma marca de cinta na testa, outra marca na perna, de tampa de esgoto, e esta, de quando eu quebrei o braço, pus pino e minha mãe não cuidou. E, ainda, minha mãe rachou a cabeça do meu irmão com um tamanco.

[...] uma vez voltei a morar com minha mãe e ela me matriculou no Ampare. Não ia trabalhar. Ia ficar com seus dois ou três maridos.

Rodolfo parece estar se referindo a alguma fase em que houve uma tentativa de reintegração com a família, no caso, com a mãe. Apesar do ódio pela dor física e psíquica, impingidos pela mãe e seu comportamento, ele tenta compreendê-la e desculpá-la numa evidente intelectualização que o protege da ruptura, mostrando um fio de compreensão que o liga à imagem dela.

[...] minha mãe é nova. Teve os filhos, muito nova. Também pudera [...] foi expulsa de casa aos treze anos de idade, da casa da família. Se prostituiu. Viveu com os pais só um pouco, quando bebê.

Rodolfo fala dos irmãos, que parecem ter sido para ele uma oportunidade para o estabelecimento de vínculos. Todos foram para a adoção.

[...] aos cinco anos tive um irmão. Outro e depois outro.

A Morada dos Baís⁴, segundo desenho de Rodolfo, foi de uma família que se desfez, e ele parece reportar-se à sua família. A casa aparece dividida ao meio por linhas tortas, mostrando talvez, a família (lar) que se rasgou (rompida, esgarçada). Fala da dor e desespero da mãe e da criança sem lar, possivelmente identificado com sua situação anterior. Parece ter um ideal de família (na casa moravam pessoas boas) e revela esse desejo na busca de um nome de família, com a qual pudesse identificar-se ou da qual talvez tenha boa lembrança, não expressa na sua fala de uma vida familiar passada em que ficavam juntos.

No terceiro desenho, com estórias sobre objetos de identidade indígena Kadiwéu, que são pessoas que defendem seu território com alegria, orgulho, força, parece estar relacionando com seu grupo familiar que antes via como inteiro, e em que, ao final, muitos (os vínculos) tiveram que morrer para salvar os outros. O desenho coartado (recortado) por linhas sobrepostas, quebradas, pode indicar as quebras ocorridas nos vínculos e projetadas nos objetos.

⁴ A Morada dos Baís é um prédio que pertenceu à uma família de Campo Grande e hoje faz parte do patrimônio histórico da cidade e é considerado um ponto turístico.

No seu segundo desenho, ele coloca uma linha colorida muito tênue que pode representar a imagem dos irmãos adotados que foram para longe.

[...] os outros dois estão em outro país. Um foi ainda bebê e o outro com sete anos.

Fala da tristeza da separação dos irmãos.

[...] a minha tristeza é a falta de meus irmãos.

A adoção dos irmãos, ao mesmo tempo em que traz dor, também provoca inveja. No teste HTP, o desenho da casa parece simbolizar o seu desejo de ser algo grande. Mostra a fantasia de que o irmão é mais rico que ele, pois foi adotado. Também fala da esperança ou desejo de ficar com um dos seus irmãos adotados. Embora tenha desenhado uma casa que ele chama de “mansão dos ricos”, segundo o inquérito, não consegue vislumbrar nela, coisas que lhe parecem afetivas: sol (calor), nuvens (água), muros (proteção), árvores (frutos), pássaros (liberdade).

No desenho da família qualquer, Rodolfo parece se sentir responsável ainda pelos irmãos que se foram, desejando que eles se dêem bem. Projeta também, nesses desejos, sua inveja e o desejo de também se dar bem e dar um chapéu em toda essa situação (representada no adversário do irmão).

No desenho da sua família, há em todos eles, a letra R mostrando uma relação de identificação, um laço que, em sua fantasia, ainda existe e não se quebrou, com ele à frente, entre a mãe e os irmãos. Sua posição também seria de poder, a posição do irmão mais velho.

Fica muito forte a posição dele como cuidador, como se os irmãos estivessem às suas costas. No desenho do arco e da flecha fala de suas dores, por ser tão exigido sempre. Parece falar de um peso do qual ele quer “se aposentar”. Talvez se tornar independente da mãe. Pode representar a imagem do seu passado, quando estava com a mãe e os irmãos.

No desenho do carro-maluco, conflitos internos sobre sua família aparecem de diferentes formas. Sobre quais os ingredientes com os quais ele foi feito, o ingrediente principal, que dá vida ao carro maluco é a foto da mulher-mãe e o carro começa a ter pensamentos. Aqui aparece a agressividade da família como base para sua própria agressividade, perseguindo seu criador, o pai. A estória acaba bem, com a família morando junto, novamente, mas o desenho e a estória exprimem os conflitos familiares, trazendo à tona sentimentos de agressividade, baixa auto-estima (carro não é o que o dono queria) e idéias inconscientes sobre sua concepção e sobre expectativas que foram feitas sobre ele.

O desenho do “carro maluco” destoa de todos os outros desenhos. Fala da noção de sua formação, da união de um homem e uma mulher, que aparece numa foto e não como real (algo como uma lembrança). Vê a mulher-mãe como essencial nessa “mistura” da qual o carro maluco surge. Denota agressividade que retorna ao agressor. Quando “perde a corrida” parece falar do que perdeu (lar, mãe) e que lhe deu muita raiva e da necessidade de retaliação. O carro vai atrás de quem o prejudica (seu dono), podendo se referir ao pai e à mãe.

O que havia na foto é a mulher-mãe, o ingrediente que traz vida. Mostra, no inquérito, a esperança de morar novamente com a mãe ou pai (seus donos), e de o lar ser restabelecido pelo perdão. Como olhos bem abertos, os faróis do carro maluco também podem denotar seus aspectos persecutórios e mais primitivos. Ficou “maluco” pela raiva, por ter perdido seu lugar de filho mais velho (de cuidador dos irmãos), demonstrando aí, aspectos regressivos e psicóticos.

No desenho da família que gostaria de ter, contrariando sua fala anterior e o que mostram os primeiros desenhos, Rodolfo parece não demonstrar a esperança de ser adotado. Prefere falar da família que ele vai montar no futuro. Ele é o pai, no desenho, com sua esposa e um filho. Porém, coloca seu filho no meio, o que denota que ele está visivelmente identificado com esse filho imaginário, que necessita estar bem seguro entre os dois pais, projetando sua própria necessidade. Parece querer ter condições de dar ao filho aquilo que lhe faltou: segurança e proteção de ambos os pais. Aparece de óculos escuros (seria ele no futuro) talvez trazendo uma imagem ideal de si.

8.2 PERCEPÇÃO E EXPRESSÃO DO AFETO

Júlia não traz em seu relato uma percepção de afeto, a não ser quando comenta que a avó a ensinou a orar. Ela não pode reparar a mãe danificada pelo ódio que a frustração da separação acarretou; então, mantém, sob controle, os seus impulsos, na tentativa de reconstruir os objetos bons internamente, pela introjeção dos objetos bons que o ambiente lhe devolve, em reconhecimento à sua adaptação. Assim, o mau fica projetado no outro, que ela nem odeia, nem ama, aparentemente. Por isso, no seu relato, ela manifesta essa indiferença:

[...] quando vim prá cá não senti falta de ninguém, nem das pessoas, nem das crianças. Nem um pouco.

Júlia teve seu ambiente familiar destruído ou um bom ambiente nunca chegou a existir para ela. Tanto em uma situação quanto na outra, “[...] o ódio é reprimido, ou a capacidade de amar outras pessoas é perdida [...] com mais freqüência do que se pensa, dá-se uma cisão da personalidade” (WINNICOTT, 1993, p. 198).

Por isso, Júlia restringe os seus sentimentos a uma condição de quase indiferença, para sobreviver psiquicamente. No teste HTP, desenha uma casa fechada com cercas e janelas, mas sem portas. Parece denotar um mecanismo defensivo com restrição social, desconfiança, noção de privacidade. No desenho da segunda pessoa, mãos e pés indicam o fechamento dela. Há uma flor verde no peito (cor fria) denotando esperança de reprodução, porém com um lado depressivo. Demonstra restrição egóica tendo que se adequar ao meio, sendo boazinha. O sorriso é forçado e os olhos lacrados, como lacrados, provavelmente, estão para ela, os olhos dos outros, para o estabelecimento de uma troca afetiva satisfatória.

No primeiro desenho com estórias, o indiozinho escondido pode representá-la podendo denotar o seu desejo de que ninguém saiba como ela é. Coloca fogo na oca, mas não quer se mostrar. Questões de origem como peixes,

parecem ficar represadas num grande lago (seu interior) onde existe uma agressividade que fica represada. Fora do lago, há vida, demonstrada pela presença de vegetação e animais.

Fala de tristeza e solidão, no desenho da primeira pessoa, embora aparente felicidade. Seu personagem tem que ser alegre, responsável, magro e sem defeito, denotando um desejo de ser aceita pelo que demonstra ser.

[...] essa cisão faz com que a criança manifeste uma metade de si que funciona como uma vitrine de loja, tendo como base a complacência, e mantenha secreta a parte principal do self, que contém toda a espontaneidade, e permanece o tempo inteiro envolvida em relações ocultas com objetos de fantasia idealizados (WINNICOTT, 1993, p. 198).

Gabriel, no primeiro desenho, revela um sol, pegando toda a folha, mostrando um pedido de ajuda mágico. Mas é um sol com um rosto infantil, podendo simbolizar o corpo ainda não formado. É o sol bebê com dois “dentinhas” e língua e no quinto desenho, aparecem dentes um pouco mais afiados. Segundo Dolto e Hamad (1998, p. 39), “[...] a imagem do corpo se forma então antes dos dezesseis ou vinte meses, e constitui toda a base de nossa estrutura.”.

Ainda, para Dolto e Hamad (1998, p. 73), “O narcisismo fundamental compreende essa segurança básica da primeira imagem do corpo [...]”. Gabriel ao ser interrompido no processo de estabelecimento das relações de objeto, parece ter perdido essa segurança que constrói a imagem corporal e ele não pode ainda mostrar-se por inteiro.

Oliveira destaca que (1996, p. 72),

Os processos psíquicos se originam e evoluem a partir dos biológicos, segundo a psicanálise, portanto sem o corpo não há psique, sendo que a imagem psicossomática desempenha um papel tão importante na constituição da Identidade do ego, que a maneira como um indivíduo vive o seu corpo nos informa consideravelmente a respeito da natureza de sua relação com o mundo dos outros.

O segundo desenho pode ser uma demonstração da relação com o peito e a cisão (mecanismo de defesa). O seio idealizado é partido em uma “batalha muito forte” em que o mundo todo se perde. Há uma cisão entre partes boas e partes más, representando, talvez, essa divisão em sua psique.

Gabriel demonstrou um leve atraso cognitivo, podendo-se percebê-lo pelo primitivismo do seu desenho, denotando também impulsividade. Para Bowlby (1988, p. 60-61),

[...] o bebê deve aprender gradualmente a pensar antes de agir e deve abandonar a resposta automática a qualquer acontecimento, seja um som, uma luz, a forma ou a dor: só então ele se tornará uma pessoa completa.

No desenho da pessoa, Gabriel confirma sua fixação em fases primitivas do desenvolvimento, identificando-se com uma criança da idade de quatro anos, menina, bebezinho, frágil, que quer chorar e precisa ser cuidada (sua irmãzinha?). Tem saúde, mas rejeita o alimento (feijão). Esquece de colocar os braços, isso podendo indicar dificuldades em demonstrar o afeto. Gabriel manifestou resistência em desenhar a árvore o que também pode denotar a resistência ao contato com a mãe.

Ao mesmo tempo, Gabriel se identifica com o policial forte (ego ideal?), não se sabe se repressor ou salvador; talvez a figura idealizada do herói que salva, já que gostaria de ser essa pessoa. Já no desenho do sexo oposto, a figura é um bebê com língua de fora e olhos fechados, metade palhaço, metade policial. Tem também “piercing” e pulseiras como adolescente, parecendo expressar confusão de identidade e a necessidade de agradar e ser reconhecido.

Gabriel parecia não conter o desejo de sair da entrevista, para brincar ou atender a alguma solicitação do ambiente, denotando imaturidade e necessidade de gratificação imediata dos seus desejos.

Esse aspecto do seu funcionamento psíquico se revela na sua relação com a pesquisadora. Ele interrompia as entrevistas, denotando sua impossibilidade de estar inteiro na tarefa proposta, mas garantia a entrevista e até pedia para

continuá-la em um outro dia. Parecia querer ter o controle sobre o objeto. Nesse caso, era ele que abandonava e voltava quando queria.

Gabriel revela sua inquietação ao falar. Desconversa, levanta, não pára. Parece achar difícil verbalizar sobre sua carência afetiva.

[...] não lembro se minha mãe e meu pai punha nós no colo, se dava beijo ou abraço [...]

Não parece ter estabelecido um vínculo duradouro com sua mãe e nem com seu pai. A relação com o objeto primário de amor parece não ter sido desenvolvida, sendo substituída pelo afeto da irmã maior que cuidava dele e, hoje, pelo afeto de Júlia, que mora com ele no abrigo, embora isso não esteja expresso no seu relato.

Quando se refere ao afeto da avó, destaca a liberdade que ela lhe dava, propiciando prazer que é confundido com carinho, uma forma de atenção.

[...] só a avó era carinhosa... deixava eu brincar na rua.

No seu relato ele descreve um dia que parece ter sido especial para ele:

[...] um dia, na festa na casa de um homem, no Natal, eu vi Papai Noel e a mulher deu presente prá nós, roupa e comida.

Gabriel parece ter introjetado esse momento como um sinal de esperança de um mundo externo capaz de acolhê-lo e gratificá-lo.

Rodolfo parece revelar problemas de identidade, preocupação com nomes, marcas. Em seus desenhos Rodolfo parece buscar uma identidade. Por isso o incomoda a troca do nome do irmão. Na sua fantasia, este deixaria de ser o seu irmão, concretizando, no real, a separação.

Não gostei que a mãe adotiva de um dos meus irmãos mudou o nome dele. Não podia. Tem que deixar o mesmo nome.

No terceiro desenho, ele desenha objetos que fazem parte de uma identidade indígena. Também aqui, há uma procura pelas raízes, pelos objetos que compõem talvez a base de sua mais primitiva história. No desenho do carro, tem-se a sensação da mãe não ser nem pessoa (é uma foto) denotando, mais uma vez, que a formação de sua identidade foi prejudicada. Segundo Oliveira (1996, p. 136), “a construção da Identidade depende, dentre outros fatores, da família e da presença amorosa e afetiva dos pais”.

Rodolfo faz todos os desenhos relativos à questão da identidade da região mostrando-se ligado ao local: meio ambiente, índios Kadiwéu, Morada dos Baís, arco e flecha, necessitando de questões encontradas no meio para se sentir mais seguro em relação à sua própria identidade. “A Identidade é também gerada pela socialização, na medida em que o sujeito, apropriando-se dos universos simbólicos, integra-se num certo sistema social” (OLIVEIRA, 1996, p. 36). Rodolfo não perde a esperança; pede para se tornar pessoa para poder ter amigos e deixar de ter dores.

O processo de estabelecimento das relações de objeto parece ter sido aterrorizante para Rodolfo, percebendo-se em seus desenhos, fantasias e o medo de perseguição arcaica relacionados ao seio hostil que “[...] estão ligados ao relacionamento fantástico da criança pequena com os objetos” (KLEIN, 1996, p. 333).

Sua casa sem moradores, no segundo desenho, e as árvores ocas e opacas, no seu primeiro desenho, podem revelar o quanto ele está vazio de identificação com objetos bons. No seu primeiro desenho com estórias, ele preenche todo o espaço do papel, denotando a impossibilidade de lidar com o vazio.

Menciona uma fita *Água, riqueza do Brasil*. No Brasil há abundância, mas há o perigo da falta de água. Rodolfo parece sentir medo de ficar vazio, sem leite e deve conscientizar as pessoas sobre o risco e consequência dessa falta. Essa sensação de vazio parece inferir sua carência de afeto que também o impede de relacionar-se afetivamente. “O comportamento vazio é certamente, sob alguns

aspectos, uma forma de não-organização afetiva. As circunstâncias etiológicas determinantes são as de insuficiência de vínculo” (KREISLER, 1999, p. 204).

Em seu estudo, Bowlby (1988) revela que muitas personalidades “incapazes de afeto” anseiam por afeição, sendo quase totalmente incapazes de aceitá-la e retribuí-la. Rodolfo diz ter uma amiga na escola para quem ele conta tudo que acontece:

[...] tudo que contei prá você conto prá N. e ela começa a chorar. Só ela sabe das minhas tristezas. Não gosto de comentar muito sobre minha vida. Só falo com a diretora e com a senhora.

Rodolfo parece perceber como afeto, a sua relação com essa amiga. Sobre relacionamentos na escola ele relata:

[...] sou o cara que mais tem amigos na escola. Tudo gente boa.

Essa sua fala contraria o comportamento agressivo que ele descreve em seu relato. A agressividade dos colegas de sala talvez esteja projetada nele a quem elegeram o porta voz do grupo e que faz o que eles gostariam de fazer, mas não fazem por medo da retaliação das figuras de autoridade na escola. Assim, para ser aceito pelo grupo, ele pode ter assumido esse papel, que também permite que ele possa projetar o seu ódio destruidor e se submeter às punições advindas do seu mau comportamento, como forma de lidar com a culpa, aliviando-a. O controle externo, os limites, o salvaria da desintegração egóica. Segundo Klein (1975b, p. 22),

O fato irrevogável de que nenhum de nós jamais esteja inteiramente isento de culpa apresenta aspectos bastante valiosos porque implica o desejo nunca plenamente esgotado de reparar e de criar de qualquer maneira que esteja ao nosso alcance.

O quarto desenho de Rodolfo aparece como um sinal de alerta. Seu carro está sem controle, ou seja, ele está tendo que lidar com uma grande quantidade de impulsos agressivos nele contidos, mas não consegue direcioná-lo sozinho.

Rodolfo está povoado de sentimentos que parecem deixá-lo incapaz de afeição, talvez, pela falta representada pelos irmãos que foram viver em outros lares onde ele não pode estar e pelos quais ele nutre afeto. Assim, até o seu afeto está sem direção, ou seja, ele se sente de certa forma, excluído da vida dos outros, o que expressa claramente sua carência afetiva:

[...] a perda da capacidade de ser afetivo é uma das características da “criança carente”, mais velha, a qual, do ponto de vista clínico, demonstra uma tendência anti-social e é potencial candidata à delinqüência (WINNICOTT, 1993, p. 19).

Winnicott (1994, p. 130) ainda ressalta:

A tendência anti-social implica esperança. A ausência de esperança é a característica básica da criança que sofreu privação que, é claro, não está sendo anti-social o tempo todo. No período de esperança a criança manifesta uma tendência anti-social.

Quando fala no irmão, que tudo indica é um dos que foram para outro país, sob adoção, e com o qual ele parece ser mais vinculado, ele se parece com o seu carro desgovernado. Fala coisas sem nexos e agressivas:

[...] quando estou pensando no meu irmão não quero pensar em outra coisa. Aí vem o professor, enche a lousa, e, quando ele manda copiar do livro, eu sinto raiva, a matéria vai embaralhando, sonho com ele (o irmão) até acordado, e aí aparece um triângulo na cara dele. É azul. Aparece com um montão de cores. Fico com raiva, se me chamam e tenho vontade de matar todos eles, a turma inteira, principalmente as meninas.

No quinto desenho, o arco e a flecha parecem representar a sua agressividade que está sem direção. Embora o arco fosse amigo da flecha, ela nunca ficava com ele. Estava sempre ferindo alguém. O arco nunca conseguia ficar “direito” com seus amigos (irmãos). Parece estar se referindo à sua instabilidade familiar quando ele e seus irmãos ficavam longe da mãe e depois voltavam após tentativas frustradas de reintegração familiar. Rodolfo parece estranhar sua própria fala e diz:

[...] É porque estou aprendendo sobre triângulo, por isso ele aparece.

[...] eu ponho o relógio na mão e bato nelas. Nunca ninguém reclamou. Estou me queixando, contra mim mesmo. Como se isso adiantasse.

Não se pode esquecer aqui da relação triangular, da qual Rodolfo se sente excluído seja da mãe e companhia, seja do irmão com os pais adotivos, seja dos professores e alunas. A sensação de exclusão traz muita raiva.

Às vezes, ele parece beirar a desintegração, para depois retomar o discurso coerente. A sua fala final, anterior, embora aparentemente sem nexos, parece ser uma queixa mesmo e também um alerta. Ou seja, nem ele avisando do perigo que um carro desgovernado representa (quarto desenho) ninguém percebe e ninguém reclama.

Sua agressividade contida está presente no seu discurso, mas o comportamento que ele relata, pode ser apenas a expressão de sua fantasia de destruição.

[...] falo pra professora: se não quer que eu bagunce, por favor, passe alguma coisa no quadro. Se ela não passa, eu bagunço o material, ando na mesa.

[...] é divertido ver o diretor na sala dar bronca. Chamamos ele de traíra. Assim que eu fui carpir, e não precisou assistir práticas agrícolas e ciências.

Segundo Winnicott (1994, p. 136), no momento da esperança, a criança ou adolescente “Experimenta um impulso que poderia ser chamado de busca do objeto [...] Agita o ambiente imediato num esforço para alertá-lo para o perigo, e para organizá-lo de modo que tolere o incômodo”.

[...] no meu aniversário me jogaram ovo. Quando fui apagar a velinha, tiraram a vela e me empurraram a cara no bolo. Eu não gosto que façam isso comigo. Eu gosto de fazer, mas só depois que fizeram comigo.

[...] hoje tô endemoninhado. Dei um saque, jogando bola, que quebrou o vidro do carro do diretor. Duvida? Posso até chamar a JG que é a menina que eu mais bato. Bato mais nas meninas porque elas mexem mais.

[...] às vezes me divirto com coisa má.

[...] nós atropelamos um passarinho. Foi manero.

Rodolfo relata o quanto está repleto de impulsos agressivos. A agressividade é uma forma de provocar reações ambientais que sejam suportivas e supridoras de seus impulsos. É uma busca mais ampla do “[...] corpo da mãe, os braços da mãe, a relação parental, o lar, a família (incluindo primos e parentes próximos), a escola, a localidade com suas delegacias policiais, o país com suas leis” (WINNICOTT, 1994, p. 132).

Rodolfo traz a agressividade em seu relato. Ele pode estar sendo cruel pela via fantasiosa capaz de destruir magicamente o objeto ou estar realmente atuando pela via da identificação com o agressor.

Ou mesmo em Klein (1996, p. 333), pode-se ver que:

[...] primeiras experiências com estímulos externos e internos dolorosos oferecem um fundamento para várias fantasias sobre objetos externos e internos hostis, e contribuem em muito para o acúmulo dessas fantasias.

Identificado com o agressor, o indivíduo poderá dirigir a agressão de que foi vítima para outra pessoa do ambiente externo. A agressão é apontada em seu quinto desenho. Parecendo ter dificuldade de expressar afeto, denotada pela falta de cor o quinto desenho mostra um arco e uma flecha sem direção. O objeto do seu ódio não está mais presente e a agressividade tem de encontrar uma saída. Segundo Winnicott (1994, p. 93),

[...] quando as forças cruéis ou destrutivas ameaçam dominar as forças de amor, o indivíduo tem de fazer alguma coisa para salvar-se, e uma das coisas que ele faz é por para fora o seu íntimo, dramatizar exteriormente o mundo interior, representar ele próprio o papel destrutivo e provocar seu controle por uma autoridade externa.

Rodolfo teve experiências reais de sofrimento, e esses impulsos agressivos buscam uma resolução e, se encontrar alguém que funcione como uma figura materna suficientemente boa, ele poderá, sem a concretização de atos de destrutividade, pelo afeto, ser conduzido à sublimação. Nos casos de comportamento anti-sociais,

[...] é como se a criança estivesse procurando algo que valesse a pena destruir [...] isso constitui por certo um tema à parte, mas deve ser mencionado como um dos padrões de desintegração da vida familiar que provém do desenvolvimento insuficiente ou do crescimento distorcido da criança (WINNICOTT, 1993, p. 70-71).

Em relação à expressão do afeto, pode-se pensar que Rodolfo mostra a possibilidade de sublimação dos conflitos caso lhe seja dada a oportunidade de desenvolver a responsabilidade social em relação à preservação do meio ambiente e no assumir o cuidado dos irmãos e colegas.

8.3 A PERCEPÇÃO DO ABANDONO SOFRIDO

Júlia tem uma lembrança confusa do abandono⁵ e abrigamento.

[...] eu só lembro que quando estava no primeiro abrigo, fiquei uns dois meses e depois me transferiram para o segundo.

[...] essa história do primeiro abrigo [...] só soube porque me contaram.

Júlia começa a rir. Parece estar pouco à vontade. Mais uma vez tranquilizo-a a respeito das questões éticas da pesquisa e ela fica mais solta e confiante, só que ela parece negar os fatos ou detalhes do que sabe.

⁵ Provavelmente os abrigos, primeiro e segundo, aos quais Júlia se refere tenham sido aqueles nos quais houve um abrigamento provisório, já que nos processos consta seu último abrigamento em 1999, quando tinha aproximadamente seis anos.

[...] a tia do segundo abrigo disse que eu fui prá lá com três anos, mas não sei se é verdade ou não.

Delega o poder do conhecimento de sua história à sua irmã mais velha.

[...] só minha irmã mais velha sabe tudo.

Júlia, ao deixar a irmã como detentora da sua história do abandono, pode negar com mais eficiência a dor que sua história lhe causa.

[...] não gostaria de saber o que aconteceu antes de eu ir para o segundo abrigo.

Ouvi-la falar da presença do irmão, sugere que tê-lo ainda por perto é uma forma de dividir com ele a frustração que ambos sentem pelo abandono e de manter os seus vínculos materno, familiar, porque ambos são frutos de uma mesma mãe, que, embora os tenha negligenciado, os carregou em seu ventre.

[...] neste abrigo⁶ estou desde os seis anos. O meu irmão sempre esteve no mesmo abrigo⁷ que eu.

Mais uma vez a negação se mostra a serviço da sua necessidade de adaptação.

Gabriel, no seu relato do abandono, também se mostra confuso. Parece confundir o que lembra com o que lhe contaram.

[...] eu não lembro de nada. Ou melhor, lembro um pouco.

Gabriel inconscientemente faz uma associação entre um bandido e o órgão que os recolheu. Fala sobre o ladrão e, em seguida, conta a história do abandono:

⁶ Esse é o terceiro abrigo que ela frequenta.

⁷ Consta nos autos que Gabriel foi também abrigado em final de 1999, tendo, portanto, na época quatro anos.

[...] quando tava na minha mãe, assistindo televisão e comendo, assistindo uma novela de criança veio um bandido e assaltou a outra casa. À noite entrou e pegou nossa televisão.

[...] um dia à tardinha o SOS pegou eu e minhas irmãs na rua e levou nós para o abrigo e nós ficamos lá.

Acreditar, inconscientemente, que foi roubado de sua mãe satisfaz temporariamente sua necessidade de guardar em si, uma boa imagem da mãe.

[...] E depois eu queria fugir, mas não fugi.

Ele certamente tinha apenas quatro anos, quando isso aconteceu, e Júlia tinha seis, já que eles têm dois anos de diferença. Provavelmente o desejo de fugir apareceu nessa fase, quando ele nem saberia como fazer isso. Então, o desejo se repete outras vezes: no abrigo e na casa da avó.

Uma dor está presente em sua fala:

[...] O SOS levou a gente, mas minha mãe não foi atrás.

É aí que o abandono dói mais. Não é porque ela os deixou na rua que ele sofre. É porque ela não foi atrás para buscá-los. Da rua ele gosta, pois deixá-lo ir à rua é percebido por ele como afeto da avó. Na sua fantasia, pode ser que, se não os tivessem recolhido da rua, ele poderia estar com a mãe.

[...] ela taí pela rua, não sei onde ela está.

A mãe está perdida, ele não sabe onde ela está. Porém, no seu terceiro desenho, é ele que parece perdido, sem rosto, esquema corporal imaturo como no primeiro desenho, como um bebê que perde tudo, não tem nada. No inquérito do desenho do primeiro sol, a alegria é negada pelo inquérito que fala de um solzinho que vive sozinho e está “por aí”, como que sem referencial e jogado.

Porém, se a mãe não foi atrás deles, ele sente que é porque não os ama, então, fugir do abrigo para quê? Ela não os quer de volta. Por isso, o processo de negação, novamente, lhe presta socorro.

[...] eu não quis voltar, não chorei, nem senti falta.

Gabriel vive outra experiência de rompimento de um vínculo que começava a se formar, com uma de suas madrinhas afetivas.

[...] um dia a diretora da escola, me levou prá casa dela, me deu um hominho de brinquedo, comprou umas roupas no “shooping”, um tênis, um chinelo [...] fiquei lá duas vezes. Parei de ir lá porque ela foi prá outra cidade e não podia me levar [...] não chorei.

Nessa fala, o ódio que sente pelo que provavelmente o faz reviver a perda do objeto possível de ser amado, o faz negar a dor, mas, o desejo aparece como um sinal de que é possível um caminho para a depressão e reparação.

Em Klein (1975b), vê-se que o bebê teme que seus impulsos agressivos danifiquem o objeto amado e passa a experimentar sentimentos de culpa e necessidade de repará-lo e preservá-lo. A ansiedade que sente agora é de natureza depressiva. Então, Gabriel reconhece a dor da perda de sua mãe e também da sua madrinha e manifesta o seu desejo, que pode estar se referindo às duas.

Eu queria ficar com ela.

Rodolfo é breve no seu relato sobre o abandono. Parece sentir alívio, como se a ausência da mãe, que oportunizou a ação do Juizado no recolhimento dele e dos irmãos, fosse até benfazeja.

[...] fui para o abrigo com mais ou menos cinco anos de idade. Tinha uma denúncia desde Dourados, e minha mãe estava sob vigia do Juizado. Um dia ela saiu e o Juizado pegou eu e dois irmãos meus. Fomos os três pro abrigo.

A história do abandono na forma com que ele o vivenciou se revela clara e objetiva. Parece ter sido necessária. O que parece confuso é a intensidade dos impulsos agressivos com os quais ele tem de lidar. O fato de ter ficado tão triste na estória do primeiro desenho com estórias, sem saber o que fazer, pode significar como ele se sentiu na situação de árvores cortadas, vidas rompidas (com a mãe e os irmãos), rupturas que ele não pôde impedir. A solução surge para ele com o “cuidar do meio ambiente” talvez sublimando, com o cuidado dos outros (irmãos mais novos), a sua própria tragédia ambiental. Precisa contar estórias para falar de sua própria história. Ele é o representante da mata tal como se sente o representante de sua família.

O objeto mau que ele tem introjetado e que se consolidou na realidade, não está presente, portanto seu ódio está sem direção como seu carro maluco do desenho. Esse desenho traz também um pouco de culpa ou uma fantasia de que o pai o abandona por ele não ter conseguido sucesso. Parece também ter a sensação de que o abandono é por sua culpa (a flecha achava que ele era inimigo dela).

A estrutura do desenho do arco e flecha lembra um seio com bicos agressivos, tanto para o lado de fora como para o lado de dentro, podendo indicar uma relação de projeção de agressividade entre o seio materno e o bebê desde os primeiros meses de vida. Aparece aqui a sensação de solidão advinda de separações sucessivas do arco (ele) em relação às flechas (mãe e os irmãos, um por vez) que eram atiradas ou separadas dele, fazendo-o sentir-se um “pobre coitado”. Rodolfo parece, então, identificar-se ao arco.

O seu mundo interior está desgovernado, sugerindo um risco de perturbação mental. Seus objetos estão cindidos e ele não consegue integrá-los. Nesse caso,

Se a cisão é excessiva, a relação fundamental com a mãe não fica bem estabelecida e o progresso normal em direção à integração do ego fica prejudicado. Isso pode gerar doenças mentais mais tarde (KLEIN; RIVIERE, 1975, p. 345).

Se houve um desejo ou esperança de reencontrar a mãe, na sua fala não existe mais.

[...] quando minha mãe negou tratamento, nós já tava no abrigo, por isso não acredito que ela tenha mudado.

8.4 OS ABRIGOS

Júlia revela, em seu relato, uma experiência que parece ter sido de projeção de muito ódio e inveja pelas outras crianças do primeiro abrigo em que ela esteve.

[...] me transferiram do SOS para o segundo abrigo porque tinha um monte de meninas me batendo. Um dia na janta eu pedi pra orar e as meninas me chamaram no quarto, começaram a me bater e me enforcaram.

A sua vivência com a avó parece ter sido muito breve antes de vir para o abrigo em que se encontra agora. Então, essa avó aparece como uma lembrança tênue.

[...] vim para este abrigo depois que fiquei dois meses com a minha avó.

Ela não demonstra na sua fala nenhum comportamento de ligação ou de vínculo afetivo com sua avó. Parece apenas descrever um fato.

Sua percepção dos abrigos mostra a mesma funcionalidade que ela, inconscientemente, se propôs a assumir. Sentimentos bons e maus sob controle permanente, só podem gerar a indiferença e o tédio que ela mostra na sua fala, com certo desdém, como se não se vinculasse.

[...] não gostava de lá, porque era chato.

[...] de todas as opções eu prefiro ficar aqui, é chato mais é mais legal do que chato. Tem abrigo que é chato de dar dó.

Guirado (1986, p. 24) ao resumir as idéias de Bowlby, ressalta que:

[...] a separação e a internação são, em si, uma situação traumática, que ultrapassa o limite do suportável pela criança, provocando com isto angústia e culpa intensa, num processo de cisão do ego. A carência afetiva será, então, uma decorrência possível dessas vivências e se define como a indiferenciação nas relações: afeto alegre e indiscriminado a quaisquer pessoas ou retraimento e indiferença ao contato.

Esses estados de indiferenciação nas relações encontram-se no CID-10 como dois dos Transtornos de Funcionamento Mental que são: Transtorno Reativo de Vinculação na Infância e o Transtorno de Vinculação com Desinibição na Infância, que são muito comuns nas instituições.

Júlia parece denotar, em seu desenho, sua situação de abrigada que vive à sombra de um ideal do outro que gostaria de ser. No desenho da casa, mostra o desejo de ter uma casa diferente e também quer ser uma pessoa diferente do que é. O sótão e o teto trabalhado indicam trabalho mental protegido e elaborado.

Júlia revela sentimentos contraditórios. Quer ficar apenas com uma amiga na casa que desenhou, porém refere que faltam mais casas e pessoas por perto. No desenho da árvore, também denota o desejo de não ficar sozinha e, ao mesmo tempo, não perder sua individualidade. Desenha uma árvore que é pantaneira e diz que ela está na floresta, com um monte de outras árvores. Parece que ela está no meio de muita gente, mas se sente ou se vê sozinha. Não tem base sólida e usa a base do papel o que pode estar denotando a falta de confiança necessária para alçar vôo (como o tuiuiú) e continuar protegida.

Esses sentimentos contraditórios parecem revelar sua percepção diante do abrigo. Em algum momento deve sentir-se confortável e protegida e, em outras situações, deve desejar alguma privacidade ou individualidade.

Por fim, aparece o que ela realmente tem como chato.

[...] a minha história é chata.

A sua história é chata, por isso ela, no desenho da casa, quer uma casa diferente. As cores vivas, flores na janela, sol sorridente, podem indicar preservação de pulsões ligadas à vida. Mas, no desenho da árvore ela diz que está faltando o rio, o que pode denotar que ela fala de si. Ela é a árvore que precisa da água do rio e do chão, pois tem vida e precisa de alimentação e cuidado.

A situação de abrigo só aparece na fala de Gabriel quando menciona o segundo abrigo. O primeiro ele não lembra porque era muito pequeno.

[...] eu queria fugir do abrigo, mas não fugi. Lá não era ruim; não tinha saudade de casa. Eu não sei prá onde eu ia fugir.

Gabriel, talvez, quisesse fugir da sua dor. No inquérito do terceiro desenho com estórias, pode-se inferir que Gabriel sente-se como um robô, perdido. O avião que não pára pode, também, significar sua ansiedade. “É um brinquedinho”; deixa tudo para brincar, denotando um aspecto regressivo e não formação do eu.

No desenho da casa, Gabriel parece não saber de quem é a casa que desenha, mas, quando a define, diz que é da polícia. Outra vez pode-se perceber a interferência do Estado em sua vida. Parece se reportar ao abandono quando a “polícia” o recolheu.

As janelas são totalmente abertas sem proteção (vazada), mas o telhado bem feito e protetor pode indicar que sua segurança veio da interferência da polícia, ao mesmo tempo em que confunde seu Eu, pois a casa não é sua: seu Eu pertence aos que têm poder sobre ele. Ele diz que não falta nada na casa, mas ele não gostaria de morar nela. Parece denotar como é a sua percepção do ambiente abrigador: acolhedor e poderoso, porém ele não quer ficar nessa casa para sempre.

No inquérito mostra que deseja “pedir” àqueles que mandam no dinheiro (os quais podem estar representados pela pesquisadora, pela instituição, pela família idealizada, talvez até a estrangeira) que o adotem ou acolham.

Não parece identificado com nenhum dos abrigos. Ele quer crescer ter uma família e também ser adotado como as irmãs o foram. Então ele pode mostrar a sua agressividade sem medo de retaliação.

[...] bati em um menino de oito anos que ficou enchendo o meu saco.

Para Winnicott (1993), os sintomas anti-sociais são como que uma busca, às apalpadelas, por um ambiente sadio, e são sinais de esperança.

Em histórias de crianças e adolescentes negligenciados como no caso de Gabriel, houve um fracasso na ligação egóica, no apoio ao ego, que só pode ser suprida pelo ambiente, pelos cuidadores, já que, para Vollich (2000), a função materna é o paradigma do cuidar.

Na sua relação com a entrevistadora, testa o seu poder de controlar, demonstrando a possibilidade de ir em direção à integração do ego e de uma possível capacidade de suportar a retaliação externa.

Ao fazer o seu segundo desenho com estórias, Rodolfo desenha a Morada dos Baís, um dos pontos culturais da cidade, uma morada aberta para visitantes (pode estar se referindo à sua morada hoje, o abrigo) onde as pessoas não possuem vínculos parentais e podem ir embora e virem outras, a qualquer momento. Foi uma casa de família; hoje recebe visitantes. A morada é vista como sua morada, antes da família hoje transitória (o abrigo).

Na sua fala sobre a importância da casa, diz: *se é boa para a família, o que eu tenho que discutir?* Parece haver aí um questionamento sobre a atribuição da autoridade a quem compete o poder de separar a família sem entender o significado que a família tem para a criança, ou seja, a casa não tem que ser boa para os outros, pois se é boa para a família, ninguém pode julgar. Nesse desenho

há uma linha colorida muito tênue, que pode indicar dificuldade de expressão de afeto.

Rodolfo mostra, no seu relato em relação aos abrigos⁸, que a sua agressividade precisa ser canalizada para não seguir caminhos perigosos. Ele está sinalizando a incapacidade de contê-la.

[...] aqui no abrigo não me dou tão bem.

[...] às vezes, eu batia nos guris no outro abrigo, porque batiam no meu irmão menor.

Ele perdeu os objetos de amor (os irmãos) aos quais tinha a função, delegada pela mãe, de cuidar. No abrigo anterior, defendendo-os, a agressividade tinha motivo de ser. Nesse abrigo, a agressividade fica voltada diretamente ao outro, dando vazão a sua identificação com a mãe agressora.

[...] aqui quase arranquei a cabeça de um guri, porque eu estava dormindo e ele me deu um cascudo. Só apanhei uma vez do Luis Fabiano.

A identificação com o agressor (mãe) o faz repetir, a serviço de um superego sádico e cruel, a mesma agressão com a qual foi vitimizado.

[...] eu gostava de ver quando choravam. Depois que eu batia eu começava a rir. Mas eu também chorei, vendo meus irmãos indo embora e quando apanhei do Luis Fabiano.

[...] hoje acordei super nervoso e me mandaram ajudar na cozinha e eu mandei [...] calar a boca.

[...] no abrigo eu brinco pouco.

[...] eu, a L. o B. e o R. estudamos na mesma sala, infelizmente. Tenho que aturar todo dia eles na escola e no abrigo.

⁸ Rodolfo ficou em dois abrigos.

[...] aqui não faço nada, mas, na escola ninguém me segura.

O abrigo é o lugar da agressividade, pois trouxe mais rupturas e a separação da família.

Rodolfo, tal como Gabriel, parecem dizer que está saturado do abrigo. Não há atenção para suas necessidades afetivas, então ele chama a atenção de todos.

A agressividade em Rodolfo, pode também significar um sinal de esperança. Ele está num emaranhado de sentimentos, como aparece no seu primeiro desenho, e não se sabe se ele estaria disponível para contribuir com o meio externo, pois seu braço está para trás no desenho. No primeiro e segundo desenhos, ele mostra árvores e casas vazias, sem cor, o que pode representar o vazio de afeto dentro de si. Ele parece querer povoar essas árvores e casas, mas não sabe como, e pede ajuda.

Assim, o abrigo pode ser visto como o ambiente em que não consegue colocar afeto. Onde não consegue um bom vínculo reproduzindo a relação com o primeiro objeto, numa compulsão à repetição.

Observa-se que a sua fala sobre as meninas que mexem com ele tem sentido, porque, no momento da entrevista, passa uma menina, no abrigo, e lhe fala que ele é feio e que tem um montão de espinhas e cravos na boca e não tira. Ele diz que não liga, mas abandona a entrevistadora e fica olhando no espelho, como que procurando algo, o resto do tempo da entrevista, o que mostra claramente o quanto a fala dos abrigados, (irmãos) em especial das meninas afeta a sua auto-imagem e sua necessidade de ser aceito.

8.5 PERSPECTIVAS DE FUTURO

Nos desenhos de Júlia aparecem cores fortes, agressivas. Sua agressividade contida, que não pode mais ter o foco no objeto (mãe), que a

originou, é demonstrada no terceiro desenho com estórias, sob a forma de culpa e necessidade de reparação – crucificação – as lágrimas parecem indicar que o objeto por ela destruído em sua fantasia volta sob a forma de autopunição, sofrimento, choro, abandono e solidão.

Porém, nas frutas e no desenho alusivo ao Natal, parece demonstrar que existe esperança e uma possibilidade de renascimento, em que objetos bons e maus possam viver integrados.

Júlia, como era de se esperar, não tem perspectiva de reintegração na família e se mostra adaptada em arranjos próprios da negação:

[...] não gostaria de ter minha família reunida, porque eu não gosto.

[...] nunca sonhei ser adotada.

[...] eu prefiro ficar aqui.

Parece querer dizer que é melhor conviver com o “chato” conhecido do que com o desejo incerto. Ela se protege do desejo com medo da revivência da frustração, embora seus desenhos mostrem a esperança de vida e do Natal.

Os estudos sobre os primeiros anos de vida da criança foram confirmados na análise de crianças mais velhas e de adultos. Esse comportamento de Júlia sugere um tipo de depressão, porque,

[...] estados de retraimento, em que o bebê se isola das emoções, implicam uma ausência de resposta ao seu ambiente. Nesses estados, o bebê pode parecer apático e sem interesse pelo meio em que vive. Essa condição é ignorada com mais facilidade do que outros distúrbios como o choro excessivo, a agitação e a recusa do alimento (KLEIN; RIVIERE, 1975, p. 345).

Durante a realização dos seus desenhos Júlia diz que é pintora. Mostra que gosta muito de pintar e o faz cantando. Isso representa um potencial que precisa ser descoberto. Seria o caminho ideal para a sublimação do seu ódio contido.

Porém, ao usar com frequência demasiada o mecanismo de projeção (como defesa), não vai internalizar nada e terá, como consequência, o empobrecimento do ego.

Gabriel também não quer ser reintegrado à sua família.

[...] não ia querer voltar e morar com minha mãe e minhas irmãs. Prefiro ficar aqui. Não lembro nada dela.

Mas tem um sonho.

[...] a mulher que tá com minha irmã falou que vai ficar comigo e com a Júlia. Ela já tem cinco, vai ficar com sete. Não é aquela que teve nós na barriga.

[...] estou esperando que ela me adote.

No inquérito do quinto desenho, o desenho do sol, Gabriel parece denotar sentimento de esperança: o nascimento de um novo bebê sol (ele) que “veio prá cá”. Ele se vê iluminando nesse contexto, com uma alegria que pode ser vista como uma esperança de recomeço, tendo uma identidade e uma função, porém pode conter defesas maníacas para não enfrentar a dor e o sofrimento da separação e solidão. O sol nenê não fica com a lua (mãe), nem com o sol grande (pai), mas tem luz própria.

Rodolfo também sonha.

O desenho sobre a cultura dos índios tem cor, revela esperança. Esperança de um entendimento com a mãe e busca de completude com o outro. E tem modelos de identificação:

[...] quero ir prá adoção.

[...] quero ser advogado. Fui classificado num texto. Escrevo bem, por isso passei de ano. A minha madrinha me ensina e vai me ajudar. Ela é advogada.

Rodolfo tem uma madrinha, mas só agora ela aparece em seu relato o que pode significar que ele ainda não pode se identificar com essa madrinha e nem projetar nela os seus objetos bons.

Desenha a árvore que traz todo um simbolismo em sua forma: é uma árvore de enxertia. Na parte superior se parece com útero e ovários e na parte inferior haveria um encaixe (novo encaixe) lembrando a união de pênis e vagina. Talvez simbolize o desejo de um novo nascimento, transparecendo a visão do abandono como castração, trazendo a paralisação do desenvolvimento.

Para que o desenvolvimento continue, há a necessidade de ser enxertado em nova árvore (mangueira) – esperança de adoção. A mangueira geralmente é uma árvore forte, grande e que dá muitos frutos. Indica que a raiz permanece firme ao solo, mas há a necessidade de novo enxerto para que haja um novo nascimento, numa nova família, para então crescer, amadurecer e dar novos frutos.

No desenho da pessoa, Rodolfo deixa transparecer, mais uma vez, a inveja dos irmãos adotados, que se foram (a figura está dando “tchau”) fato que trouxe, ao mesmo tempo, dor e revolta. Depois parece falar de si (no inquirido do desenho da pessoa) e de sua necessidade de ser alguém, de ter amor e carinho, de suas qualidades (inteligente, amoroso, ótimo jogador). Fala de sua frustração e nega os defeitos com os quais aparenta não conseguir lidar.

No desenho do sexo oposto, Rodolfo projeta na pesquisadora, sentimentos bons: de alguém que torce por ele, que é bonita e pode ser sua mãe-cuidadora, namorada. Aparece a necessidade de relação idealizada com a mãe, ou com os cuidadores.

Dois desenhos de Rodolfo (o primeiro D-E e o da sua Família) denotam inteligência com visão de perspectiva o que pode indicar que ele consegue ver as pessoas e os problemas de vários ângulos, podendo talvez essa habilidade, ser de grande valia para seu desenvolvimento e crescimento pessoal, se for estimulado para isso.

9 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estabelecer-se no mundo, enquanto ser humano é tarefa que depende muito da forma como se processam as relações, desde o útero materno. Não se está necessariamente fadado ao fracasso, se não se percorrer esse caminho, guiado por mãos seguras, porém, grande parte do sucesso que se pode alcançar como ser humano, está relacionado às primeiras relações com a pessoa que acolhe, com seu colo, seu olhar, seu afeto.

Propôs-se neste trabalho, investigar aspectos psicodinâmicos denotados em crianças e adolescentes abrigados, que foram submetidas à situação de abandono por suas famílias. Para tanto, utilizou-se alguns pressupostos e técnicas ligadas à pesquisa qualitativa de estudo de casos que permitiu entender aspectos estudados, buscando uma compreensão psicodinâmica em relação ao abandono.

A análise dos desenhos e histórias conseguidas nas técnicas projetivas aplicadas propiciou o contato com as projeções inconscientes dos sujeitos da pesquisa.

A leitura dos processos (sobre a guarda das crianças) na 1ª Vara da Infância e da Juventude permitiu a coleta de informações complementares importantes para o presente estudo.

A história de vida relatada pelas próprias crianças, através de entrevistas semi-estruturadas, juntamente com a observação participante, enriqueceu a coleta de dados.

Embora, muitas vezes, tenham sido utilizados alguns pressupostos ligados

à psicologia social porque o tema está interligado, a vertente principal neste estudo é a abordagem de compreensão psicodinâmica dos fenômenos.

Estabeleceram-se temas norteadores para análise a partir do levantamento bibliográfico realizado em consonância com os objetivos propostos, tendo esses temas sido retirados também dos dados colhidos, após leituras sucessivas do material coletado.

Muitos aspectos psicodinâmicos revelados nos dados se configuraram como específicos da história de abandono, ligados a sentimentos que a criança e os adolescentes têm represado, sem saber como lidar com eles. Outros aspectos denotados mostram os arranjos adaptativos feitos com sucesso relativo pela criança e pelos adolescentes estudados.

As temáticas estudadas foram então: percepção da família, percepção e expressão do afeto, percepção do abandono sofrido, visão dos abrigos, e perspectiva de futuro.

Assim, segue os resultados do estudo de casos referente aos temas pesquisados.

Percepção da família

Dentre os temas analisados viu-se, em primeiro lugar, a percepção da família. Esse foi um tema que apareceu em todas as falas, denotando a sua importância, mesmo para aqueles que não mais a possuem.

A partir dos resultados apresentados observou-se, que, em cada caso, a depender da natureza da experiência vivida pelos sujeitos, com as suas famílias, foram formados as suas percepções e significados em relação a ela.

O que ficou evidente nos desenhos e nas falas é a dificuldade no processo de identificação, pela falta de modelos, denotando pouca expressão de afeto, rompimento ou débeis vínculos e progressivo distanciamento das imagens paternas internalizadas.

No caso de Júlia, viu-se que a participante parece ter introjetado uma família imatura e negligente onde não há lugar para filhos. Denota dificuldades de internalização dos vínculos e identificação com as figuras parentais, carência materna, e, ainda, mostra que, um vínculo anteriormente formado com as irmãs está prejudicado pela inveja que a adoção delas lhe causa.

Em relação ao caso de Gabriel, a família também aparece como imatura e indiferente. Revelam-se dificuldades de acesso à psique dos pais pela via da comunicação sensorial (provavelmente não estabelecida nos primórdios da sua relação com eles), dificuldades na identificação com a família e internalização da imagem de uma família desfeita.

No caso de Rodolfo, observou-se que a mãe é a figura representante dessa família que foi introjetada como muito má. Mostra revolta e dor pelas agressões sofridas, rejeição e abandono. Aparecem dificuldades na formação da identidade, sentimentos ambivalentes (saudades, amor e inveja) em relação aos irmãos que foram adotados e descontinuidade nos vínculos.

Percepção e expressão do afeto

Em relação à percepção e expressão do afeto, viu-se que a criança e adolescentes estudados têm em suas histórias, poucas experiências afetivas com a família. Percebeu-se que, se a criança e adolescentes não encontraram uma figura afetiva que substituísse a mãe em suas necessidades básicas de afeto, tanto podem negar o ódio pelo abandono, e fazer uso excessivo dos mecanismos de projeção e negação, como tornarem-se agressivas e anti-sociais.

No caso de Júlia, a participante denota dificuldade em estabelecer vínculos, utiliza mecanismos defensivos (projeção e a negação) com frequência, demonstra restrição egóica e cisão de ego, apatia e indiferença diante do outro pela repressão de sua agressividade. Ainda revela, sentimentos de culpa e necessidade de reparação, tristeza e isolamento.

Em Gabriel, encontrou-se imaturidade psíquica, leve atraso cognitivo evidenciado pelo primitivismo nos desenhos, defesas maníacas, impulsividade, dificuldade em estabelecer trocas afetivas, fantasias de controle do objeto – necessitando prolongar o vínculo estabelecido com a pesquisadora – e de gratificação imediata de seus desejos.

No caso de Rodolfo, observou-se inteligência e maturidade cognitiva nos desenhos, problemas de identidade, sensação de vazio, carência afetiva, dificuldades em estabelecer vínculos, confusão mental, agressividade com tendência anti-social.

A necessidade de adaptação a um sistema indiferenciado, que pela sua própria natureza abarca crianças e adolescentes oriundos de diferentes situações de abandono, parece ter levado as crianças estudadas a fazerem arranjos, que as impediam de ter uma individualidade própria e de manifestar espontaneamente as raivas pelas frustrações e até suas alegrias, por medo da retaliação ou inveja advinda do meio das outras crianças ou cuidadoras.

Percepção do abandono sofrido

A percepção do abandono sofrido aparece na história da criança estudada como uma lembrança muito dolorosa. O aspecto marcante e contraditório encontrado nos casos Gabriel e Rodolfo foi a dor pelo abandono e, apesar disso, a tentativa de proteger e justificar a mãe que os abandonou, mostrando a importância que tem para a criança e os adolescentes estudados preservar os seus laços, mesmo que contenham aspectos negativos introjetados e o quanto é importante o referencial e modelo originais.

No caso de Júlia, observou-se, constrangimento e frustração ao falar do abandono. Apareceu ainda, o mecanismo defensivo da negação impedindo que ela procurasse, até então, saber detalhes de sua história.

No caso de Gabriel, encontrou-se dor pelo abandono, mas mecanismo de negação de forma manifesta sugerindo que o participante não sentiu,

aparentemente, a falta da mãe nem da madrinha que o deixou, mas, as fugas denotam o desejo de retorno à situação anterior.

No caso de Rodolfo, observou-se tristeza pela separação do participante com seus irmãos, principalmente, e a perda da função de cuidador, dos mesmos. No entanto, pode ter havido um deslocamento do afeto da figura materna para os irmãos e uma identificação com a mesma.

Aparece o desejo de cuidar do meio ambiente como possibilidade de reparação e sublimação de sentimentos e pulsões agressivas, e, ainda, cisão de objetos bons e maus.

Os abrigos

Os abrigos aparecem como saídas possíveis de reintegração, onde a criança e adolescentes parecem sentir-se relativamente seguros. Porém, às vezes, é para eles que dirigem seus sentimentos persecutórios, agressivos e a necessidade de afastamento.

No caso de Júlia, sobre o abrigo, a participante manifesta indiferença e tédio, como se dissesse “tanto faz”; demonstra dificuldade de vinculação e sentimentos contraditórios, mostrando medo de ficar sozinha, e, ao mesmo tempo, desejo de ter sua individualidade. Parece, em alguns momentos, sentir-se protegida, mas, em outros, anseia por privacidade e solidão rejeitando a situação de abrigo.

No caso de Gabriel, o participante, inicialmente, demonstra que o abrigo foi, para ele, persecutório e que quis fugir. Hoje é adaptado, porque o abrigo é a realidade conhecida. Mas, nos desenhos, demonstra ansiedade, aspecto regressivo e não integração do eu, o que pode indicar a dificuldade em retomar seu desenvolvimento mesmo no ambiente abrigador. Parece perceber o abrigo como um ambiente acolhedor e poderoso, porém, ainda sonha encontrar uma família substituta e sair dali. Ao contrário de Júlia, demonstra seus sentimentos em relação ao ambiente, manifestando, inclusive, a agressividade.

No caso de Rodolfo o participante denota perceber o abrigo como uma morada aberta onde as pessoas passam por ele. Parece questionar a atribuição que o poder público tem para separar a família. Em muitos momentos sente o ambiente abrigador como persecutório e, no seu relato, mostra uma compulsão para repetir a agressividade da qual foi vítima, nitidamente identificada com a mãe agressora. Ainda, neste caso, o abrigo é visto como um ambiente onde não consegue colocar afeto, fazer trocas e manter vínculos, com as cuidadoras e crianças. Responde ao abrigo com insatisfação.

Perspectivas de futuro

As perspectivas de futuro manifestam-se sem muita convicção, porém percebe-se que a criança e adolescentes sob estudo têm perspectivas diferentes, segundo o modo de funcionamento psíquico de cada um deles.

No caso Júlia, revela a possibilidade de reparação das raivas contidas. A esperança aparece nos conteúdos simbólicos latentes denotados nas falas, nos desenhos e histórias, sob a forma de renascimento (cuidados de uma nova família) e uma morada onde a adolescente possa ser ela mesma e se sentir segura. Porém, no conteúdo manifesto, ela nega o desejo de sair do abrigo dizendo que, mesmo sendo chato, o abrigo é melhor que outro lugar.

No caso de Gabriel, o participante sonha em ser adotado pela família que adotou suas irmãs. Esse sonho confirma-se no seu 5º desenho com estórias, como: esperança de nascimento de um novo bebê; de um recomeço; de uma identidade. De forma latente, mostra-se como alguém que dispensa o pai e a mãe, como defesa maníaca para sobreviver à separação.

No caso de Rodolfo, observou-se, como perspectiva de futuro, o desejo (manifesto no relato oral e no desenho da árvore) de ir para adoção; ainda, de ser advogado, mostrando talvez, a necessidade de defender sempre a si e ao ambiente como fez ao cuidar dos irmãos e como mostra seus desenhos sobre a natureza, que precisa ser preservada, denotando uma possibilidade de sublimação.

O presente estudo mostra algumas reações possíveis diante do abrigo: alheamento, infantilismo e agitação, negação e agressividade, vistos como mecanismos de defesa contra o risco de desintegração pela ruptura familiar. Mostra a necessidade de essas crianças serem compreendidas em suas dificuldades emocionais e das autoridades e abrigos estarem atentos às necessidades individuais de afeto e proteção do ego.

Em todos esses pontos estudados ressalta-se que, alguns dos aspectos encontrados podem surgir também em crianças e adolescentes em outras situações que não a de abandono. E, ainda, nem todos os aspectos são decorrentes de circunstâncias vivenciadas nessa realidade. Também, por se tratar de um estudo de caso, a generalização não se faz possível.

Esse estudo, portanto, não tem o objetivo de restringir os aspectos estudados às crianças e adolescentes abandonados e nem de discriminar as crianças e adolescentes em tais situações, já que as situações emocionais em que se encontram as crianças e adolescentes vão depender também, do nível de conflito internalizado.

Se o nível do conflito for exagerado, pode comprometer sua relação com o meio, mas, se houver capacidade egóica para lidar com as situações decorrentes, poderá haver um caminho e desenvolvimento dos vínculos suficiente para o crescimento.

O papel do abrigo é então, o de suporte, mesmo que temporário, para o crescimento e integração do ego e, se houver o acolhimento das ansiedades relativas à separação, o ambiente abrigador poderá exercer um papel favorável.

No que concerne aos resultados obtidos, esse estudo corroborou com os estudos dos autores que defendem relações satisfatórias não só no início da vida, mas, também, defendem uma continuidade e qualidade dessas relações.

Os efeitos danosos quando da separação precoce de pais e filhos foram, também, referendados nesse trabalho no que diz respeito a dificuldade nos processos de identificações e internalizações de modelos afetivos. Ainda,

referendou os estudos sobre institucionalização que apontam a dificuldade na formação da identidade e no estabelecimento das relações e vínculos nas crianças e adolescentes abrigados.

O aspecto importante a ser considerado enquanto possibilidade e perspectiva de mudança é a capacidade de esperar e sonhar das crianças e adolescentes estudados. Por isso, há que se pensar em novos modelos de abrigos que possam oferecer suporte material sim, mas, também e principalmente suporte emocional.

Esse estudo aponta a necessidade de se investir em abrigos cujos espaços sejam, de afeto, solidariedade e proteção; onde crianças e adolescentes, na falta da família original, possam viver experiências satisfatórias e produtivas.

Abrigos que, pela oferta de oportunidades, contribuam para o crescimento e desenvolvimento das capacidades, potencialidades e criatividade dessas crianças e adolescentes, buscando auxiliar na formação da identidade por meio da convivência destes, com modelos vinculares seguros permitindo a busca da individualidade.

Assim, por meio deste estudo, pode-se compreender alguns aspectos psicodinâmicos revelados nos três casos estudados de crianças abrigadas e, espera-se que, essa pesquisa, de caráter compreensivista, possa auxiliar a mais reflexões possíveis para o oferecimento e planejamento de uma melhor assistência a essas crianças e adolescentes.

REFERÊNCIAS

- ANAF, C. et al. Atendimento a crianças e adolescentes institucionalizados: reflexões sobre a vivência institucional da família e do serviço de psicologia forense. **Psikhê**: revista da Faculdade de Psicologia das FMU, São Paulo, v. 3, n. 1, p. 24-32, maio/nov., 1998. Semestral.
- ANZIEU, D. **Os métodos projetivos**. Rio de Janeiro: Campus, 1978.
- ARIÉS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.
- BADINTER, E. **Um amor conquistado**: o mito do amor materno. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- BALINT, M. **A falha básica**: aspectos terapêuticos da regressão. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.
- BALLONE, G. B. **Criança adotada e de orfanato**. Disponível em: <<http://www.psiqweb.med.br/infantil/adoc.html>>. Acesso em: 31 jul. 2004.
- BLEGER, J. **Temas de psicologia**: entrevista e grupos. São Paulo: Martins Fontes, 1995. (Série Psicologia e Pedagogia).
- BOWLBY, J. **Cuidados maternos e saúde mental**. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- _____. **Apego e perda**: separação: angústia e raiva. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1998. v. 2. (Série Psicologia e Pedagogia).
- _____. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997. (Série Psicologia e Pedagogia).
- _____. **Apego**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1990.
- CALIL, R. C. C.; ARRUDA, S. L. Discussão da pesquisa qualitativa com ênfase no método clínico. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Orgs.). **Método qualitativo**: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação. São Paulo: Vetor, 2004. p. 173-213.

CAMPOS, D. M. de S. **O teste do desenho como instrumento de diagnóstico da personalidade.** Petrópolis: Vozes, 1981.

CARVALHO, A. M. **Crianças Institucionalizadas e Desenvolvimento: possibilidades e desafios.** In: LORDELO, E. da R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento.** 136. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador, BA: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002.

CONSTITUIÇÃO da República Federativa do Brasil: texto constitucional promulgado em 5 de outubro de 1988, com as alterações adotadas pelas Emendas Constitucionais nºs 1/92 a 31/2000 e pelas Emendas Constitucionais de Revisão nºs 1 a 6/94. Brasília: Senado Federal, 2001.

CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em ciências humanas e sociais.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

DEL PRIORE, M. **Histórias das crianças no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000.

DOLTO, F. **Dialogando sobre crianças e adolescentes.** Campinas-SP: Papyrus, 1989.

DOLTO, F.; HAMAD, N. **Destinos de crianças:** adoção, famílias de acolhimento, trabalho social. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

ECO, H. **Como se faz uma tese.** 11. ed. São Paulo: Perspectiva, 1994.

ERIKSON, E. H. **Identidade, juventude e crise.** 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1968-1987.

ESTATUTO da Criança e do Adolescente. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990, de acordo com as alterações dadas pela Lei nº 8.242, de 12 de outubro de 1991. Brasília: Senado Federal, 2000.

FAUSTO, A.; CERVINI, R. (Orgs.). **O trabalho e a rua:** crianças e adolescentes no Brasil urbano dos anos 80. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1996. Textos selecionados de estudos e pesquisas apoiados pela Unicef, Flacso.

FENICHEL, O. **Teoria psicanalítica das neuroses.** São Paulo: Atheneu, 1998.

FERRO, A. **A técnica na psicanálise infantil:** a criança e o analista da relação ao campo emocional. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

FONSECA, C. Mãe é uma só? reflexões em torno de alguns casos brasileiros. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 13, n. 2, p. 49-68, 2002.

FREUD, A. **Infância normal e patológica.** Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1971.

FREUD, S. Introdução ao narcisismo. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1914-1988. v. 14. p. 77-108.

_____. O problema econômico do masoquismo. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1924-1980a. v. 19. p. 237-47.

_____. Esboço de psicanálise: parte III, cap. IX. In: _____. **Obras psicológicas completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro: Imago, 1940-1980b. v. 23. p. 230-235.

GOLSE, B. **O desenvolvimento afetivo e intelectual da criança**. 3. ed. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

GONZÁLEZ REY, F. L. **Pesquisa qualitativa em psicologia: caminhos e desafios**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002.

GRUBITS, S.; **A construção da identidade infantil II: funcionamento dinâmico de um processo de grupoterapia Raimon-Thiers**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998.

GRUBITS, S. DARRAULT-HARRIS, I. Método qualitativo: um importante caminho no aprofundamento das investigações. In: GRUBITS, S.; NORIEGA, J. A. V. (Orgs.). **Método qualitativo: epistemologia, complementaridades e campos de aplicação**. São Paulo: Vetor, 2004. p. 105-132.

GRUNSPUN, H. **Crianças e adolescentes com transtornos psicológicos e do desenvolvimento**. São Paulo: Atheneu, 1999.

GUARÁ, I. M. F. da R. et al. **Trabalhando abrigos**. São Paulo: IEE/PUC-SP, Brasília: Secretaria de Assistência Social/MPAS, 1998.

GUERRA, V. N. A. **Violência de pais contra filhos: a tragédia revisitada**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1998.

GUIRADO, M. **A criança e a FEBEM**. São Paulo: Perspectiva-CESC, 1980. (Série Debates).

_____. **Instituição e relações afetivas: o vínculo com o abandono**. São Paulo: Summus, 1986.

_____. **Instituições e relações afetivas: o vínculo com o abandono. rev. e amp.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 2004.

KAPLAN, H. I. **Compêndio de psiquiatria: ciências do comportamento e psiquiatria clínica**. 7. ed. Porto Alegre: Artmed, 1997.

KLAUS, M. H.; KENNEL, J. H.; KLAUS, P. H. **Vínculo**: construindo as bases para um apego seguro e para a independência. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.

KLEIN, M. **Amor, culpa e reparação e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. I.

_____. **O sentimento de solidão**. 2. ed. Rio de Janeiro: Imago, 1975a.

_____. **Psicanálise da criança**. São Paulo: Mestre Jou, 1975b.

KLEIN, M.; RIVIERE, J. **Amor, ódio e reparação**: as emoções básicas do homem do ponto de vista psicanalítico. 2. ed. São Paulo: Editora da USP, 1975.

KREISLER, L. **A nova criança da desordem psicossomática**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.

KUSNETZOFF, J. C. **Introdução à psicopatologia psicanalítica**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1982.

LORDELO, E. da R.; CARVALHO, A. M. A.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Infância brasileira e contextos de desenvolvimento**. 136. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo; Salvador, BA: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2002.

LUDKE, M.; ANDRÉ, M. E.D. **Pesquisa em educação**: abordagens qualitativas. São Paulo: EPU, 1986.

MAHLER, M. **O processo de separação-individuação**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1982.

MANFRO, G. G.; MALTZ, S.; ISOLAN, L. A criança de 0 a 3 anos. In: EIZIRIK, C. L.; KAPEZINSKI, F.; BASSOLS, A. M. S. **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: Artmed, 2001. cap. 5, p. 73-89.

MANNONI, M. **Amor, ódio, separação**: o reencontro com a linguagem esquecida da infância. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1995.

MINAYO, M. C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. 4. ed. São Paulo: Hucitec; Rio de Janeiro: Abrasco, 1996.

MOTTA, M. A. P.; ALMEIDA, T. L. As marcas do abandono e da institucionalização em crianças e adolescentes. In: ENCONTRO ESTADUAL DE ABRIGO DE SÃO PAULO, 1, 2004, São Paulo-SP. **Resumos...** São Paulo: CeCIF, 2004.

OCAMPO, M. L. S. de; ARZENO, M. E. G. A entrevista inicial. In: OCAMPO, M. L. S. de et al. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas**. 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. cap. 2, p. 13-34. (Série Psicologia e Pedagogia).

- OLIVEIRA, S. G. G. de. **A construção da identidade infantil: a sociopsicomotricidade Romain-thiers e a ampliação do espaço terapêutico.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1996.
- PASSETTI, E. Crianças carentes e políticas públicas. In: PRIORE, M. Del. (Org.) **História das crianças no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Contexto, 2000. p. 347-375.
- PERESTRELLO, D. **A medicina da pessoa.** 4. ed. São Paulo: Atheneu, 1996.
- RIZZINI, I. **Assistência à infância no Brasil: uma análise de sua construção.** Rio de Janeiro: Editora da Universitária Santa Úrsula, 1993.
- SAMARA, E. de M. O que mudou na família brasileira? (Da colônia à atualidade). **Psicologia USP,** São Paulo, v. 13, n. 2, p. 27-28, 2002.
- SEGAL, H. **Introdução à obra de Melanie Klein.** Rio de Janeiro: Imago, 1975.
- SEVERINO, A. J. **Metodologia do trabalho científico.** 22. ed. ver. e ampl. de acordo com a ABNT. São Paulo: Cortez, 2002.
- SPITZ, R. A. **O primeiro ano de vida: um estudo psicanalítico do desenvolvimento normal e anômalo das relações objetais.** 7. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- TARNOPOLSKY, B. E. E. As técnicas projetivas no diagnóstico das dificuldades de aprendizagem. In: OCAMPO, M. L. S. de et al. **O processo psicodiagnóstico e as técnicas projetivas.** 9. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. cap. 12, p. 403-425. (Série Psicologia e Pedagogia).
- TOLEDO, M. A. M. dos S. **Um estudo acerca de crianças vítimas de violência em uma instituição de atendimento em Campo Grande/MS.** 2003. 116 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica Dom Bosco, Campo Grande, 2003.
- TRIBUNAL DE JUSTIÇA DE MATO GROSSO DO SUL. 1ª Vara da infância e da Juventude. **Adoção de crianças e adolescentes.** Campo Grande-MS: 2005.
- TRINCA, W. **Investigação clínica da personalidade: o desenho livre como estímulo de a percepção temática.** 2. ed. São Paulo: EPU, 1987.
- TRINDADE, J. M. B. O abandono de crianças ou a negação do óbvio. **Revista Brasileira de História,** São Paulo, v. 19, n. 37, p. 35-58, set. 1999. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 05 dez. 2004.
- TURATO, E. R. **Tratado da metodologia da pesquisa clínico-qualitativa: construção teórico-epistemológica, discussão comparada e aplicação nas áreas da saúde e humanas.** Petrópolis: Vozes, 2003.
- VENÂNCIO, R. P. O abandono de crianças no Brasil antigo: miséria, ilegitimidade e orfandade. **História,** São Paulo, v. 14, p. 153-71, 1995.

VIOLANTE, M. L. V. **A criança mal-amada**: estudo sobre a potencialidade melancólica. Petrópolis: Vozes, 1994.

VOLLICH, R. M. O cuidar e o sonhar. **O Mundo da Saúde**, ano 24, v. 4, p. 237-245, jul./ago. 2000.

WEBER, L. N. D.; KOSSOBUDZKI, L. H. M. **Filhos da solidão**: institucionalização, abandono e adoção. Curitiba: Governo do Estado do Paraná, 1996.

WINNICOTT, D. W. **A criança e o seu mundo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1982.

_____. **O ambiente e os processos de maturação**: estudos sobre a teoria do desenvolvimento emocional. Porto Alegre: Artes Médicas, 1983.

_____. **A família e o desenvolvimento individual**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.

_____. **Privação e delinqüência**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1994. (Série Psicologia e Pedagogia).

_____. **Os bebês e suas mães**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999. (Série Psicologia e Pedagogia).

_____. **Da pediatria à psicanálise**: obras escolhidas. Rio de Janeiro: Imago, 2000.

_____. **O brincar & a realidade**. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

ZIMMERMANN, A. et al. Gestação, parto e puerpério. In: EIZIRIK, C. L.; KAPEZINSKI, F.; BASSOLS, A. M. S. **O ciclo da vida humana**: uma perspectiva psicodinâmica. Porto Alegre: Artmed, 2001. cap. 2, p. 29-40.

APÊNDICES

Apêndice A

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, EURICLEA AZEVEDO NOGUEIRA, portadora do RG 071614 SSP/MS e CPF 073.598.451-49, Psicóloga CRP 14/01582-8, mestranda da Universidade Católica Dom Bosco em Psicologia da Saúde, solicito à Meritíssima Juíza de Direito da Primeira Vara da Infância e Juventude desta comarca, autorização para, através de visitas periódicas aos abrigos vinculados à 1ª Vara da Infância e Juventude, coletar dados sobre a história de vida das crianças abrigadas a partir da leitura dos prontuários das referidas crianças, existentes nos abrigos, objetivando a realização da pesquisa sobre “As repercussões do abandono recorrente no desenvolvimento de crianças abrigadas.”.

Para a concretização deste trabalho solicito autorização para realizar entrevistas semi-estruturadas com o relato oral das crianças e ainda observação participante desta pesquisadora. Dois testes projetivos serão aplicados: o Teste HTP e Teste da Família e Teste do desenho livre com Estórias. Cabe ressaltar que serão mantidas e resguardadas as diretrizes da resolução n. 196, de 10 de outubro de 1996 e ainda:

- 1) Comprometo-me a obter o aceite para entrevista, das crianças abrigadas;
- 2) A comunicar sobre esta pesquisa ao terapeuta da criança se esta estiver em processo terapêutico;
- 3) E que a divulgação científica dos dados não identificará as crianças.

Eu,, portadora do RG, SSP/....., CPF, autorizo a realização da pesquisa necessária para a confecção da Dissertação de Mestrado da psicóloga Euriclêa Azevedo Nogueira, encontrando-me ciente dos termos acima descritos.

Campo Grande (MS),..... de novembro de 2003.

.....
Pesquisadora

De acordo:

.....
Juíza de Direito

Apêndice B

Resumos das entrevistas não-estruturadas e das histórias de vida e dos fatos observados

Júlia

Pergunto a Júlia se ela pode me contar o que for possível de sua história. Ela responde que veio do segundo abrigo, ri e tampa o rosto. *Eu me lembro só... parou, pensou, riu... que quando eu estava no abrigo da SOS-criança fiquei uns dois meses e depois me transferiram para outro abrigo, porque tinha um monte de meninas me batendo (um dia na janta eu pedi pra orar e as meninas me chamaram no quarto, começaram a me bater com tapas e chutes e me enforcaram). Minha avó tinha me ensinado orar desde quando era pequenininha. Fiquei uns meses com a minha avó quando eu vim pra cá. Depois o Gabriel, meu irmão, fugia. Um dia ele disse: as damas vão na frente e os cavalheiros atrás, na volta do reforço. Íamos pelo caminho quando viramos na rua, o Gabriel fugiu. (Júlia pára de falar tampa o rosto e ri). Esfrega as mãos e diz: deixa ver o que mais vou falar. A avó perguntou do Gabriel e dissemos para ela: vem vindo aí. Ela disse: Anh, tá. Aí o Gabriel demorou e minha avó disse: Júlia, onde está o Gabriel? Ele fugiu, respondi pra minha vó. Tinha umas marcas e nós três fomos atrás e encontramos ele numa cerca. Corremos atrás. Ele corria mais para longe e a minha vó disse: Cada vez mais que vocês correrem, mais ele vai pra longe. Ele fugiu porque minha avó bateu nele e deu banho de escova, que deixou ele vermelho perto do peito. A tia disse: deixa que ele volta. E ele voltou machucado com caco de vidro no pé. Aí ele falou: a avó está aí? A tia disse não. Ele começou a jogar vídeo game. Minha tia mandou ele ir para a casa da avó... Disse: vai porque é ela que está te cuidando. Lá chegando ficamos assistindo televisão: Eu, Gabriel e minhas outras irmãs. Aí a gente... A vó disse prá minha irmã: vai à casa da sua tia J. e pede 2 kg de arroz, pacote de suco e 2 kg de lingüiça. Era uma tia que morava há três quadras da vó. Fomos, eu e minha irmã. Todos os dias a gente ia pedir quando minha vó não tinha recebido. Voltamos para o abrigo porque não agüentava o Diego que fugia sempre. Como você veio para o abrigo? A tia do abrigo que eu vim, disse que eu fui pra lá com três anos. Mas não sei se é verdade ou não. Júlia está neste abrigo desde os seis anos. O Gabriel sempre esteve no mesmo abrigo de Júlia. Pergunto: você, quando veio pra cá, sentiu falta do abrigo? Quando vim prá cá não senti falta de ninguém, nem das pessoas, nem das crianças. Não, nem um pouco. Pergunto: você gostava de lá? Não, porque era chato. Aqui é mais legal. Digo: esta história do SOS, você lembra? Não. Só soube por que me contaram... Começa a rir. Eu pergunto: Porque você está rindo? Ela diz: de nada. E ri, ri. Depois fala: Só minha irmã mais velha sabe tudo. Começa a roer as unhas. Você gostaria de saber o que aconteceu antes de ir pro segundo abrigo? Não. Você já perguntou para ela? Não, ela não gosta de falar disso. Como você sabe? A 'mãe' dela falou que ela não conta nada pra ela. Então, a história que você sabe é só desde que está nos abrigos. Como tem sido? Chata. Porque eu acho chato. Como você gostaria que fosse? Gostaria de ter sua família reunida? Não, porque eu não gosto. Você já foi adotada? Não. Nem quer? Não. Nunca sonhei ser adotada. E você gostaria de ficar com sua família? Não. Não, eu prefiro ficar aqui. Mesmo sendo chato você prefere aqui. De todas as opções eu prefiro aqui porque aqui é chato, mas é mais legal do que chato. Tem abrigos que é chato de dar dó.*

Gabriel

O que você poderia me falar sobre sua vida? Eu não lembro de nada. Gabriel troca o v por f. Ele diz que não lembra quando o SOS os recolheu. Depois diz: lembro um pouco. Quando tava na minha mãe estava na minha casa assistindo televisão e comendo, assistindo uma novela de criança e veio um bandido e assaltou a outra casa. À noite entrou e pegou nossa televisão. Um dia, à tardinha, o SOS pegou eu, e as minhas irmãs na rua e levou nós pra o segundo abrigo e nós ficamos lá. E depois eu queria fugir, mas não fugi. Gabriel disse que lá não era ruim, nem tinha saudade de casa... Eu não sei pra onde ia fugir. Foi uma Kombi lá e trouxe nós pra cá. O SOS levou a gente, mas minha mãe não foi atrás. Meus pais separaram antes do SOS pegar a gente. Minha mãe fazia negócio de roupa. A V. cuidava de nós. Minha mãe brigava muito, não batia e eu não quis voltar, não chorei, não senti falta. Gabriel diz: minha mãe e meu pai num dava colo, não beijava a gente. Desconversa, levanta, não para. Só a avó era carinhosa, porque deixava eu brincar na rua e fui na festa na casa de um homem, no Natal e vi um Papai Noel e a mulher deu presente pra nós, roupa e comida. Um dia quando estava na minha avó, levei um bilhetezinho da escola porque fiz bagunça e ele brigou. Um dia a diretora da escola me levou pra casa dela e me deu um hominho de brinquedo, comprou umas roupas no Shopping, um tênis, um sapato, um chinelo. Fiquei lá duas vezes. Parei de ir lá porque ela foi pra outra cidade e não podia me levar. Não chorei. Eu queria ficar com ela. Um dia, minhas irmãs também foram na casa dela e ganharam boneca que têm até hoje. A mulher que tá com a minha irmã falou que vai ficar comigo e com a Júlia. Ela já tem cinco, vai ficar com sete. Não era aquela que teve nós na barriga. Ela esta aí pela rua. Não sei onde ela está.

E se você pudesse voltar para morar com a mãe e as irmãs, você gostaria? Não queria, preferia ficar aqui. Não lembro nada dela. Você quer ser adotado? Não sei. Estou esperando que “ela” me adote (aquela que adotou a irmã). Com nove anos, Gabriel ainda parece estar na fase dos porquês. Tudo ele pergunta por quê. Só fui uma vez na diretoria, fiz bagunça na sala, eu e um guri. Bati também em um menino de oito anos que ficou enchendo meu saco. Ele não me olha. Não quero mais isso. É chato de fazer isso aí. Você não tem pressa? É, tenho. Então, se você me olhar e responder, a gente termina logo. E aí você vai fazer essas outras folhas? Fica preocupado com o restante das folhas. Hoje ele não quer estabelecer nenhum contato. Parece estar sozinho, me isola, fica escrevendo e cantando. Brinca com o calendário, com o lápis e me ignora. Falo do desenho pra ele e ele topa: Pede pra eu esperar um pouco, continua rabiscando em uma régua e pergunta: Cadê o papel?

Eu explico e ele diz que quer sair e brincar logo. Eu pergunto: *Quer desistir ou quer falar outro dia? Sim eu quero. Mas hoje eu quero brincar.*

Vem e diz novamente: *Não quero falar hoje, nada. Não vou fazer, não. Quero brincar de casinha.* Pergunto se quer desistir. Ele arregala os olhos e diz que não quer parar de jeito nenhum. *Uma vez eu vou fazer, outra não. Faço sábado que vem.* Digo: *you me prometeu que ia fazer sábado (hoje) e agora não quer. Estou brincando de casinha, posso ir? Pode ser quarta-feira, de manhã, pergunto. Pode. Gabriel levanta e sai.*

Rodolfo

Você poderia falar um pouco de sua vida, para mim? Sim. É porque entre poucas alegrias, muitas dificuldades. Tinha cinco irmãos. Tinha pai e mãe, mas a mãe resolveu me tirar do meu pai. Quando estava com meus tios era só alegria; com minha mãe só tristezas. Longe do meu pai, começou a beber e fumar. (Com a psicóloga perco duas aulas. Isso é meio divertido e meio triste). Começa a chover e Rodolfo diz que a chuva o irrita, brinca e diz que fica assim ruim andar de “buzão”. Até que aos cinco anos tive um irmão, D. Mostra-me a foto do 3º irmão M. Ainda tem o L. (Rodolfo não gostou porque a mãe adotiva trocou o nome de L. por outro e disse que quem adota se obriga a conservar o nome da criança). O M. e o D. estão adotados na França. O D. foi quando bebê; e o M. foi adotado com sete anos. A M. é bebê, não completou nenhum ano. Rodolfo diz: faz tempo que estou no abrigo e nada e, a baixinha foi pra adoção. Perguntado, disse que quer ir pra adoção. Conta que apanhava muito da mãe e um dia que a mãe ia bater nos irmãos menores ele não deixou. Daí pediu uns trocados para ele comprar pão. Lá ficamos até que minha mãe descobriu por exclusão. Também quando ela me pegou, não sei onde doía de tanto apanhar com varinha de goiabeira. Perguntei: e aí você ficou com ela? Fui obrigado. Olhe, isto é mais uma marca. Mostra-me na testa uma marca de cinta, na perna, marca de tampa de esgoto. A marca no braço foi que quebrei o braço e pus pino e minha mãe não cuidou.

(Estou há dois anos com a minha psicóloga e nunca disse nada do que estou dizendo hoje).

Minha mãe é nova. Teve os filhos, nova. Também pudera... Foi expulsa de casa aos 13 anos de idade da casa da família, se prostituiu. Conta que viveu com os pais só um pouco, quando bebê... Por que está me dizendo coisas que não disse à psicóloga? Não sei, quem conviveu com pessoas confiáveis e não confiáveis sabe só pelo olhar...

Rodolfo hoje está confuso. Completamente irrequieto. Diz que não pára nem na sala de aula. Fala pra professora: *se não quer que bagunce, por favor, professora passe alguma coisa no quadro. É, mas ela não passa. Eu bagunço o material, ando na mesa. Hoje elogiei a professora. Ela apertou, de brincadeira, meu pescoço, e eu disse: ai, professora a senhora é mais forte que um suíno. Fala de escola, desconversa. Algumas professoras estão umas feras comigo, porque fazemos barulho, é divertido vir o diretor na sala dar a bronca. Chamamos ele de traíra, assim que eu fui carpir, e não precisou assistir práticas agrícolas e ciências.*

(Voltando). Foi para o abrigo com (+ ou -) cinco anos de idade. A mãe tinha uma denúncia desde Dourados e estava sob vigia do Juizado. Um dia ela saiu e o Juizado pegou os três: D, M. e L. Foram os três para os abrigos. Saíram do abrigo e voltaram para a mãe. Rodolfo diz: *Ela me levou no Amparo para me matricular.* Perguntei se a mãe trabalhava, ele disse que não, e que: *ia ficar com seus cinco ou seis maridos.*

Chega contando de um trauma: *um raio passou pela sala quando era intervalo. Tinha acabado a aula de Ensino Religioso. Só as meninas choraram enquanto os meninos ficaram comemorando o raio pela sala. Minha tristeza é sempre rindo. Uma vez tirei 2,5 de Inglês e nem chorei. Ele diz: É complicado. Só quem sabe é a N. das minhas tristezas. Sua história não é engraçada, porque você ri? Falando do irmão, diz: Não sei. Uma vez M. brigou com a professora e com uma guria que reclamou dele. Ele ficou batendo a cabeça da guria no armário e a guria foi internada e mandou a mãe dela pro inferno e tacou a cadeira no pé da professora - que precisou enfaixar o pé.*

Nesta época a madrinha estava resolvendo a adoção dele, e estava deixando de buscá-lo, ele estava ficando louco, ele nem sabia nadar e se jogava na piscina funda. Foi adotado por ela e foi mal educado, apanhou dos irmãos e dos pais adotivos e teve que voltar (de avião). Os irmãos ficaram com ciúme e brigavam com ele. Ele me ligava escondido. O pai ficou bravo.

No meu aniversário me jogaram ovo quando fui apagar a velinha, tiraram a vela e me empurravam a cara no bolo. Eu não gosto que façam isso comigo, eu gosto de fazer, mas faço só depois que fizerem comigo. Tudo que contei pra você, conta para N e ela começa a chorar. Fui classificado num texto, escrevo bem, por isso passei de ano. Quero ser advogado. A minha madrinha me ensina e vai me ajudar. Ela é advogada.

E suas alegrias, quais são? Ué, as mesmas coisas, se eu conto rindo... Às vezes me divirto com coisa má; responder mal à professora, eu faço rindo, chama o diretor de Japanga, careca e traíra. Ele fica bravo. E eu sou o cara que tem mais amigos na escola. Tudo gente boa. Aqui no abrigo não me dou tão bem. Às vezes eu batia, no abrigo, nos guris, uns 10 que batiam no meu irmão menor. Gostava de ver quando choravam. Depois que eu batia, eu começava a rir. Mas eu também já chorei: vendo meus irmãos indo embora e quando apanhei do L.F. Aqui quase arranquei a cabeça de um guri porque eu estava dormindo e ele me deu um cascudo. Só apanhei uma vez do L.F. Hoje eu acordei super nervoso. A R. mandou eu ajudar na cozinha e eu mandei ela calar a boca. No abrigo eu brinco pouco. A minha tristeza é a falta dos meus irmãos. Gostaria de voltar a viver com eles e sua mãe? Quando minha mãe negou tratamento nós já tava no abrigo por isso não acredito que ela tenha mudado. Eu, a L. B. e R. estudamos na mesma sala, 5ª série B, infelizmente. Tenho que aturar todo dia eles na escola e no abrigo. Não gosto de comentar muito sobre a minha vida. Só falo com a Tia e com a senhora.

Hoje estou endemoninhado. Jogando bola, dei um saque que quebrou o vidro do carro do diretor. O que é estar endemoninhado? Aqui eu não faço nada, sou santinho. Mas na escola ninguém me segura. Posso até chamar a JG, que é a menina que eu mais bato. Porque você bate mais nas meninas? Porque elas “mexem” mais. O que é “mexer”? Chamam-me de inteligente... Por que você não gosta, se ser inteligente é bom? É bom? Não foi isso que me disseram... Quem disse? É o passarinho que falou no meu ouvido... Eu quis dizer que o passarinho é o cobra, um colega. Temos um pacto: eu sou escorpião e ele cobra; E tem outro que é burro, ao invés de leão, pôs o nome de elefante. Você não assiste televisão? Aqui não, só lá. Aqui é dos pequenos. Quando estou pensando no meu irmão não quero pensar em outra coisa. Aí vem o professor, enche a lousa, e quando ele manda copiar do livro eu sinto raiva, a matéria vai embaralhando, sonho com ele até acordado e aí aparece um triângulo na cara dele. É azul. Aparece com um montão de cores. Fico com raiva, se me chamam e tenho vontade de matar eles, a turma inteira, principalmente as meninas. Hoje estou quieto aqui, tenho que ir com 10. Quando eu fico quieto aqui, eu fico quieto lá. É porque estou aprendendo sobre triângulo, por isso ele aparece. Eu ponho o relógio na mão e bato nelas. Nunca ninguém reclamou. Estou me queixando, contra mim mesmo. Como se isso adiantasse...

Hoje nós atropelamos um passarinho. Foi maneiro. Toda quinta motorista particular. Maneiro é igual legal. Você não teve dó do passarinho? Sei lá. Vou pensar... Não sei dizer por quê...

Não tem jogo hoje? Eu disse: Amanhã tem. Ah! Amanhã eu vou chegar cansado. E hoje você não está cansado? Não, hoje eu perdi 2 provas. Por quê? Porque a professora foi no médico. Prova de quê? Português e Inglês. Ele pede licença para uma menina que passa e ela fala que ele é feio e cheio de cravos e espinhas na boca e não tira. Ele diz

que não liga, mas começa a procurar tocando a boca. O L. F. passa por nós (indo e vindo) e nem me cumprimenta. É assim, todos eles agem como se não me visse, a não ser na hora em que a educadora os chama. O Rodolfo pega o espelho que carrego na bolsinha de lápis e fica procurando, com certeza, espinhas e cravos, embora tenha dito que não liga para o que a menina disse. Parece distante hoje... Acho que isso que a menina disse o deixou preocupado. Disse a ele que eu estava sentindo ele distante e perguntei se gostaria de falar... Fica preso ao som da televisão que passa uma novela de orfanato e vejo que esse não é um bom horário, mas não tem outro, já que ele estuda o dia todo. Não sei por que, mas no começo isso não era impedimento. Acho que ele não tem mesmo mais o que dizer... Pergunto se ele gostaria de falar... *Amanhã vou chegar "chatinho" porque tem prova.*

Apêndice C

As análises dos desenhos e inquéritos

Júlia

Análise dos desenhos livres com estórias (desenhos e inquéritos):

No Teste do Desenho com Estórias Júlia reflete em seu primeiro desenho um modo de se relacionar com o mundo de forma cindida. Parece revelar cisão de objetos bons e maus. A parte de cima do desenho pode estar representando o calor do sol, o verde do mato, a vida. A parte de baixo separada por uma linha divisória reflete um sol confuso e trêmulo que pode estar significando as sombras do objeto ou lembranças. Seu desenho parece denotar sua situação de abrigada que vive à sombra de um ideal, do outro que gostaria de ter ou ser. Júlia parece projetar atitudes contraditórias quando diz que o indiozinho põe fogo na oca para fazer um jantar, denotando, talvez, sua própria dualidade transferencial. O indiozinho não aparece, podendo denotar o seu desejo de que ninguém saiba como ela é. Seu desenho desejo parece estar relacionado também a suas questões de origem, sombra e seio, cisão, separação, ruptura mãe-bebê. Ela ocupa todo o espaço da folha do papel, onde os objetos estão contidos, podendo indicar a necessidade de completude.

No segundo desenho aparecem outras questões, também ligadas à origem: os peixes, a água, figuras primitivas e barcos, lembrando ao pesquisador questões interessantes. Há a conotação de agressividade reprimida (represa, grande lago), demonstrada pela idéia de competição que o desenho traz. Fora do lago há vida, revelada pela presença de vegetação e animais.

Essa agressividade contida que não pode aparecer para não provocar a retaliação aparece também no terceiro desenho sob a forma de culpa e necessidade de reparação. A punição viria pelo sofrimento, choro, abandono e solidão. Pode indicar o sacrifício e o sofrimento passado por ela, como viu e vivenciou a separação da família (a família assiste).

No quarto e quinto desenhos, a agressividade continua bem delimitada e controlada. Parece se reportar aos seus desejos infantis de ser alimentada, pois, fala de mesa farta nos dois inquéritos. O traçado e as cores fortes revelam a intensidade dos sentimentos invejosos com os quais ela tem que lidar, mas revela também, nas frutas e no desenho alusivo ao Natal, que existe uma esperança e uma possibilidade de reparação pelo renascimento, onde objetos bons e maus possam conviver integrados.

Em geral, os desenhos de Júlia aqui seguem um roteiro de significados: ruptura, cisão (casamento e separação inicial do pai), vida intra-uterina, sacrifício e dor, podendo indicar como vai seu próprio sofrimento; permanência da vida e esperança em novo nascimento.

Análise do Teste da Casa-Árvore-Pessoa (HTP) (desenhos e inquérito):

Neste teste, a casa de Júlia é uma casa fechada com cercas e janelas, mas sem porta. Parece denotar aí um mecanismo defensivo com restrição social, desconfiança, noção de privacidade. Quer uma casa diferente e também quer ser uma pessoa diferente do que é. As cores vivas, flores na janela, sol sorridente, podem indicar preservação de pulsões ligadas à vida. O sótão e o teto trabalhado indicam trabalho mental protegido e elaborado. Júlia revela sentimentos contraditórios quando diz querer ficar só com uma amiga na casa, pois refere que faltam mais casas e pessoas por perto.

A árvore de Júlia é uma árvore pantaneira, mas está na floresta, com um monte de outras árvores (é de um lugar e está noutra) denotando o desejo de não ficar sozinha e ao mesmo tempo ter sua individualidade. Parece que ela está no meio de muita gente, mas se sente ou se vê sozinha. O ninho do Tuiuiú é no alto da árvore o que parece revelar o seu desejo de voar alto e de ser protegida. Mostra agressividade em relação às potencialidades podadas. Diz que o Tuiuiú é famoso no Pantanal demonstrando noção de origem e importância. Não tem base sólida e usa a base do papel. Diz que está faltando o rio. Assim, sua árvore precisa de água do rio e do chão, pois sua árvore tem vida e precisa de alimentação e cuidado.

No desenho da primeira pessoa, Júlia revela imaturidade. Ela tem três anos, mãos sem dedo e parecendo bebê, denotando sua carência afetiva. Demonstra restrição egóica tendo que se adequar ao meio, sendo boazinha. O sorriso é forçado e os olhos lacrados. Fala de tristeza e solidão, embora aparente felicidade. Seu ideal é a alegria no sonho de ser cantor, vivido pela sua personagem. A agressividade aparece como defeito denotando um superego rígido.

Na segunda pessoa, o ser ideal aparece sem defeito, responsável e alegre, mas que precisa emagrecer. É um bebê, podendo denotar um crescimento forçado do Eu e uma permanência em estados mais primitivos. Mãos e pés indicam o fechamento dela. Tem uma flor verde no peito (cor fria) denotando esperança de reprodução, porém, com um lado depressivo.

Análise do Teste da Família (desenhos e inquérito):

Neste teste, ao desenhar uma família qualquer, Júlia desenha uma família lacônica, sem sentido, olhares vazios, olhos rasgados, com línguas para fora, primitiva. O pai e a mãe, um ao lado do outro, uma menina e um menino, o que pode significar ela e o irmão abrigado, excluindo as irmãs que foram adotadas. A mãe se encontra num patamar superior a todos, denotando uma possível noção de autoridade introjetada antes do abandono, pois, no inquérito, Júlia diz que o relacionamento dessa família é de obediência. Ela diz que não conhece essa família, mas que eles são felizes e unidos, o que pode referir-se a seu ideal de família.

No desenho da sua família, ela demonstra relutância e inquietação. Demora mais do que nas outras e questiona o desenho, dizendo que esse ela não iria pintar. Parece não querer ver a sua realidade. Desenha o pai e a mãe juntos e se coloca ao lado da mãe. Depois dela, à sua direita, ela coloca os irmãos em ordem cronológica. O pai, a mãe e a irmã mais velha parecem ter os olhos costurados como se tivessem impossibilitados de enxergá-la, o que pode significar (como ela sente) o abandono dos pais e da irmã mais velha, que, sendo adotada, deixou de cuidá-la.

No desenho da família ideal, ela desenha a mãe, o pai e a avó. Parece ter como ideal uma família sem filhos. Na sua fantasia, os três excluíram os filhos e vivem bem, o que parece denotar a representação que ela tem de sua família, onde nem a mãe, nem o pai e a avó assumiram os filhos e netos e estão de bem com a vida. A mãe, toda de rosa, parece infantilizada. O pai entre as mulheres, parece frágil, imaturo e moleque, precisando ser cuidado pela mãe, que não o deixa crescer. Ela se vê longe da família. O terreno onde estão parece árido. O sol exagerado pode indicar esperança ou desejo intenso, mas também maníaco.

Gabriel

Análise dos desenhos livres com histórias (desenhos e inqueritos):

O primeiro desenho de Gabriel denota a identificação com uma figura maníaca. O desenho do sol toma quase toda a folha e parece infantilizado com a língua parecendo dois dentinhos de bebê. Ele só mostra o rosto omitindo o corpo, como se não pudesse, ainda, mostrar-se por inteiro.

O segundo desenho pode mostrar a relação com o peito e a cisão (mecanismo de defesa). O seio idealizado é partido em uma “batalha muito forte” em que o mundo todo se perde. Há uma cisão entre o seio bom e o seio mau.

O terceiro desenho denota um Eu perdido, sem rosto, esquema corporal imaturo (como no primeiro desenho), como um bebê que perde tudo, não tem nada. No inquerito, mostra que deseja “pedir” àqueles que mandam no dinheiro (que podem estar representados pela pesquisadora, pela instituição, pela família idealizada, até estrangeira) que o adotem. Sente-se como um robô sem rumo e perdido. O avião que não pára, pode também significar sua ansiedade. “É um brinquedinho”; deixa tudo para brincar, denotando um aspecto regressivo e não-formação do Eu.

No quarto desenho, Gabriel mostra a representação da família desfeita porque o doce da mãe “acabou”. A fome intensa fez engolir tudo, de uma vez, provocando dor de barriga. Há uma noção de que a mãe morreu com o filhinho (separação e abandono), pois o filho sugou tudo da mãe; parece haver culpa. A figura do pai aparece aqui como aquele que foge e não dá nenhum tipo de ajuda, pelo contrário, queima, mata e abandona.

No quinto desenho, aparece outra vez o sol com dentinhos de bebê. Para alguns autores, o sol pode significar pedido de ajuda, de afeto. Aqui aparece de novo a dor da separação e o risco de morte que permanece internalizado. É a figura do casal desfeito (sol e lua), por algo que veio de cima. Seria a interferência externa das instituições? Do SOS - criança? Parece denotar sentimento de esperança: o nascimento de um novo bebê sol (ele) que “veio para cá”. Ele se vê iluminando, nesse contexto, com uma alegria que pode ser vista como uma esperança de recomeço, tendo uma identidade e uma função, porém pode conter aí defesas maníacas para não enfrentar a dor e o sofrimento da separação e solidão. O sol nenê não fica com a lua, nem com o sol grande, mas tem luz própria.

Análise do Teste da Casa-Árvore-Pessoa (HTP) (desenhos e inquerito)

Gabriel parece não saber de quem é a casa que desenha, mas, quando define, diz que é

da polícia. Outra vez, percebe-se a interferência do Estado em sua vida, da polícia. As janelas são totalmente abertas e sem proteção (vazada), mas o telhado bem feito e protetor pode indicar que sua segurança veio da interferência da polícia, ao mesmo tempo em que confunde seu Eu, pois a casa não é sua; seu Eu pertence aos que têm poder sobre ele. Ele diz que não falta nada na casa, mas que não gostaria de morar nela.

No desenho da árvore, diz no inquérito, que a árvore nasceu sozinha, mas, agora não está mais sozinha. É fruto do espírito, o que demonstra a possibilidade de estar projetando nela suas partes psíquicas. A resistência ao desenho pode denotar a resistência ao contato com a mãe. A árvore possui apenas bons frutos.

No desenho da pessoa, G. confirma sua fixação em fases primitivas do desenvolvimento, identificando-se com uma criança de idade de quatro anos, menina e bebezinho, frágil, que quer chorar e precisa ser cuidada (sua irmãzinha?). Tem saúde, mas, rejeita o alimento (feijão). Ao mesmo tempo, identifica-se com o policial, forte (ego ideal?). Não se sabe se repressor ou salvador. Talvez a figura idealizada do herói que salva, já que gostaria de ser essa pessoa. Esquece de colocar os braços, isso podendo indicar indiferença afetiva nos cuidados maternos. Sendo uma figura feminina mesmo que, de menina, vê-se, ao centro da barriga, um carocinho, o que pode indicar um feto em desenvolvimento em uma mãe-bebê, mãe imatura na função.

No desenho do sexo oposto, a figura é um bebê (língua de fora, olhos fechados), metade palhaço, metade policial. Parece ter dificuldades com sua identidade. Parece também ter “piercing” e pulseiras como adolescente. Mostra a confusão de identidade e a necessidade de agradar e ser reconhecido.

Análise do Teste da Família (desenhos e inquérito):

No desenho da família qualquer, a família não tem filhos: tem somente o pai e a mãe. Curiosamente, atrás aparece o sol e o número cem (sem filhos, sem sol?). Os olhos fechados, na verdade, são lacrados como cruces, dificultando a percepção daquilo que, em outro desenho chamou de “espírito” e nós aqui podemos pensar em psique. Não há acesso à psique do pai ou da mãe pelos olhos, importante mecanismo de comunicação sensorial entre bebês e pais. São pais afastados e solitários.

No desenho da sua família os olhos permanecem lacrados sem acesso no interior. Os deles parecem um pouco mais abertos. Os outros estão como que dormindo. Curiosamente a mãe parece ser a mais frágil em estrutura do corpo, mais regredida.

No desenho da família ideal, Gabriel desenha algo que seria a sua família, mas, com um pai adotivo. Tem a necessidade de uma figura masculina, forte, para se identificar. A casa foi construída no terreno cheio de obstáculos. As figuras permanecem inacessíveis em seu mundo interno ou estão dormindo, nem aparecem.

Rodolfo

Análise dos desenhos livres com estórias (desenhos e inquéritos):

No primeiro desenho, Rodolfo mostra que está atrás de si um emaranhado de florestas,

um labirinto do qual ele quer sair, mas não consegue. As árvores são ocas, opacas e sem cor. Ele aparece em primeiro plano, numa clareira, mas os braços estão escondidos indisponíveis para relações de afeto. Ele se vê à frente de coisas que estão presentes e de outras que se passaram em sua vida, ficando para trás, o que mostra que vem carregado de sua própria história de vida. Demonstra rigidez com os raios de sol fixos parados. Preenche todos os elementos, pois parece não poder lidar com o vazio. Parece revelar problemas de identidade, preocupação com nomes, marcas. Denota inteligência, com visão de perspectiva o que pode indicar que vê as pessoas e os problemas de vários ângulos. O fato de ter ficado tão triste, sem saber o que fazer, pode significar como se sentiu na situação de “árvores cortadas”, vidas rompidas (com a mãe e os irmãos), e que ele não pôde impedir. A solução surge para ele com o “cuidar do meio ambiente” talvez sublimando com o cuidado dos outros (irmãos mais novos), a sua própria tragédia ambiental. Precisa contar histórias para falar de sua própria história. Ele é o representante da mata como se sente o representante de sua família. Menciona uma fita “Água, riqueza do Brasil”. No Brasil, há abundância, mas há o perigo da falta de água. Rodolfo parece sentir medo de ficar vazio, sem leite e deve conscientizar as pessoas sobre o risco e consequência dessa falta. Pode-se pensar que novamente mostra a possibilidade de sublimação de seus conflitos com sua responsabilidade social.

No segundo desenho, ele desenha uma morada sem moradores, aberta para visitantes. É a Morada dos Baís, um dos pontos culturais da cidade, mas é a morada de uma família tradicional que se desfez. Rodolfo parece se reportar à sua família. A casa aparece dividida ao meio por linhas tortas, mostrando talvez, a família (lar) que se rasgou (rompida, esgarçada). Uma das suas defesas é estudar e cuidar da história. Fala da dor e desespero da mãe e da criança sem lar. Parece ter um ideal de família (na casa moravam pessoas boas) e revela esse desejo na busca por um nome de família com a qual pudesse identificar-se. Talvez tenha lembranças de uma vida familiar passada em que ficavam juntos. Na sua fala sobre a importância da casa, diz: “se é boa para a família, o que eu tenho que discutir?” Parece haver aí um questionamento sobre a questão do poder público ter o poder de separar a família sem entender o significado que a família tem para a criança, ou seja, a casa não tem que ser boa para os outros, pois se é boa para a família, ninguém pode julgar. Nesse desenho, há uma linha colorida muito tênue, que indica dificuldade de expressão de afeto.

No terceiro desenho, fala da identidade Kadiwéu, de pessoas que defendem seu território com alegria força e orgulho. Talvez esteja relacionando com seu grupo familiar que antes via como inteiro, e em que, ao final, muitos tiveram que “morrer” para salvar os outros. Ainda aqui, procura um grupo para identificar-se. O grupo Kadiwéu valoriza a vida (animais, cores) luta por ela. Ao mesmo tempo, o que aparece no desenho é coartado (recortado) por linhas sobrepostas, quebradas, o que pode indicar as quebras ocorridas nos vínculos e projetadas nos objetos.

No quarto desenho, faz um carro que ele denomina de ‘maluco’. Sua agressividade surge como um sinal de esperança e alerta. Ele parece sem controle, desgovernado, pedindo ajuda, com o potencial afetivo que, nele, ainda está contido. Ele pede socorro, porque pode se ferir e ferir alguém, se continuar ‘maluco’. Pergunta sobre quais os ingredientes com os quais ele foi feito. O ingrediente principal que dá vida ao carro maluco é a foto da mulher-mãe e o carro começa a ter pensamentos. Aqui aparece a agressividade da família como base para sua própria agressividade perseguindo seu criador, o pai. A história acaba bem, com os membros da família morando juntos novamente, mas o desenho e a história exprimem os conflitos familiares, trazendo agressividade, baixa auto-estima (o carro não é o que o dono queria) e idéias inconscientes sobre sua concepção e sobre expectativas que foram feitas sobre ele. Traz também um pouco de culpa ou uma

fantasia de que o pai o abandona por ele não ter conseguido sucesso. O carro maluco destoa de todos, fala da noção de sua formação, da união de um homem e uma mulher, que aparece numa foto e não como algo real (algo como uma lembrança). Vê a mulher-mãe como essencial nessa “mistura” da qual o carro maluco surge. Denota agressividade que retorna ao agressor. Quando “perde a corrida”, parece falar do que perdeu (lar, mãe) o que lhe deu muita raiva, e da necessidade de retaliação. O carro vai atrás de quem o prejudica: “seu dono”, o que pode referir-se ao pai e à mãe. O que havia na foto é a mulher-mãe, o ingrediente que traz vida. Mostra, no inquérito, a esperança de morar novamente com a mãe ou pai (seus donos), e de o lar ser restabelecido por meio do perdão. Os faróis do carro maluco, como olhos bem abertos, podem também denotar seus aspectos persecutórios e mais primitivos. Ficou maluco pela “raiva”, por ter perdido seu lugar (de cuidador dos irmãos), demonstrando aí, aspectos regressivos e psicóticos.

No quinto desenho, o arco e a flecha parecem representar a sua agressividade que está sem direção certa. Embora o arco fosse amigo da flecha, ela nunca ficava com ele. Estava sempre ferindo alguém. O arco nunca conseguia ficar “direito” com seus amigos (irmãos). Parece estar se referindo à sua instabilidade familiar quando precisava defender-se e a seus irmãos da agressividade da mãe. A estrutura do desenho lembra um seio com bicos agressivos tanto para o lado de fora como para o lado de dentro, podendo indicar uma relação de projeção de agressividade entre o seio materno e o bebê desde o início da vida; sensação de solidão advinda de separações sucessivas do arco (ele) em relação às flechas (mãe e os irmãos, um por vez) que eram atiradas ou separadas dele fazendo-o sentir-se um “pobre coitado”. Rodolfo parece então identificar-se ao arco. Fala também de suas dores, por ser tão exigido sempre, da sensação da mãe não ser nem pessoa, denotando, mais uma vez, que a formação de sua identidade foi prejudicada. Rodolfo faz todos os desenhos relativos à questão da identidade da região mostrando-se ligado ao local: meio ambiente, índios Kadiwéu, Morada dos Baís, arco e flecha (seio). Não perde a esperança. Pede para se tornar pessoa para poder ter amigos e deixar de ter dores. Parece falar de um peso do qual ele quer “se aposentar”; talvez se tornar independente da mãe. Parece ter a sensação de que o abandono é por sua culpa (a flecha achava que ele era inimigo dela), esperança de um entendimento com a mãe e busca de completude com o outro. Seus desenhos são, ou sem cor ou com pouca cor, indicando que o afeto não pode ser expresso. Sem expressão de afeto e tão arraigado nos seus primórdios, parece buscar uma saída para a desintegração egóica.

Análise do Teste da Casa-Árvore-Pessoa (HTP) (desenhos e inquérito):

No Teste HTP, Rodolfo desenha uma casa que parece simbolizar o seu desejo de ser algo grande. Transparece a inveja dos irmãos que foram adotados. Mostra a fantasia de que o irmão é mais rico que ele, pois foi adotado. Também fala da esperança ou desejo da família permanecer unida (irmãos) com um único pai adotivo. Embora tenha desenhado uma casa que ele chama de “mansão dos ricos” não consegue vislumbrar nela coisas que lhe parecem afetivas: sol (calor), nuvens (água), muros (proteção), árvores (frutos), pássaros (liberdade).

Desenha a árvore que traz todo um simbolismo em sua forma: é uma árvore de enxertia. Na parte superior, parece-se com útero e ovários e, na parte inferior, haveria um encaixe (novo encaixe) lembrando a união de pênis e vagina. Talvez simbolize o desejo de um novo nascimento, transparecendo a visão do abandono como castração, trazendo a paralisação do desenvolvimento. Para que o desenvolvimento continue, há a necessidade de ser enxertado em nova árvore (mangueira). A mangueira geralmente é uma árvore forte, grande e que dá muitos frutos. Indica que a raiz permanece firme ao

solo, mas há a necessidade de novo enxerto para que haja um novo nascimento, numa nova família, para então crescer, amadurecer e dar novos frutos.

No desenho da pessoa, Rodolfo deixa transparecer, mais uma vez, a inveja dos irmãos adotados, que se foram (a figura está dando “tchau”) fato que trouxe ao mesmo tempo dor e revolta. Depois parece falar de si e de sua necessidade de ser alguém, de ter amor e carinho, de suas qualidades (inteligente, amoroso, ótimo jogador). Lembra as dificuldades e nega os defeitos aparentando não conseguir lidar com estes. Aparece, outra vez, a separação da mãe como crucial na sua formação, na estruturação da personalidade.

No desenho do sexo oposto, Rodolfo projeta, na pesquisadora, sentimentos bons. De alguém que torce por ele, que é bonita e pode ser sua mãe-cuidadora, namorada, uma necessidade de relação idealizada com a mãe.

Análise do Teste da Família (desenhos e inquérito):

No desenho da família qualquer Rodolfo parece se sentir responsável ainda pelos irmãos que se foram desejando que eles se dêem bem. Projeta também, nesses desejos, sua inveja e o desejo de também se dar bem e dar um chapéu em toda essa situação de abandono (representada no adversário do irmão).

No desenho da sua família, há, em todas as pessoas, a letra R, mostrando uma relação de identificação, um laço, que, em sua fantasia, ainda existe e não se quebrou, com ele à frente, entre a mãe e os irmãos. Sua posição também seria de poder, a do irmão mais velho. Fica muito forte a posição dele como cuidador, como se os irmãos estivessem às suas costas. Parece representar a imagem do seu passado, quando estava com a mãe e os irmãos. A rigidez do desenho parece denotar a representação de sua importância no grupo familiar.

No desenho da família ideal, contrariando sua fala anterior e o que mostram os primeiros desenhos, Rodolfo parece não querer mostrar a esperança de ser adotado. Prefere falar da família que ele vai montar no futuro. Ele é, no desenho, o pai com sua esposa e um filho. Coloca seu filho no meio, o que denota que ele está visivelmente identificado com esse filho imaginário, que necessita estar bem seguro entre os dois pais, projetando sua própria necessidade. Parece querer ter condições de dar ao filho aquilo que lhe faltou: segurança e proteção de ambos os pais. Aparece de óculos escuros (seria ele no futuro) talvez trazendo uma imagem ideal de si.

Apêndice D

ABRIGOS DE CAMPO GRANDE

01 – Nome do Abrigo: **Casa da Vovó Túlia**

Capacidade de Atendimento: 11 crianças

Faixa Etária: zero a 04 anos, ambos os sexos.

02 – Nome do Abrigo: **Lar Vovó Miloca**

Capacidade de Atendimento: 15 crianças

Faixa Etária: 03 a 08 anos, ambos os sexos.

03 – Nome do Abrigo: **Lar das Crianças Esperança no Senhor (crianças portadoras do vírus HIV)**

Capacidade de Atendimento: 12 crianças

Faixa Etária: zero a 12 anos, ambos os sexos.

04 – Nome do Abrigo: **Casa da Criança Peniel**

Capacidade de Atendimento: 20 crianças e adolescentes, ambos os sexos.

Faixa Etária: zero a 10 anos, casa01, 11 a 17, casa 02.

05 – Nome do Abrigo: **Residência Protegida (adolescentes vítimas de violência ou abuso sexual)**

Capacidade de Atendimento: 14 adolescentes do sexo feminino.

Faixa etária: 12 a 17 anos

06 – Nome do Abrigo: **Casa da Esperança Santa Rita de Cássia**

Capacidade de Atendimento: 20 adolescentes gestantes

Faixa Etária: 12 a 17 anos.

07 – Nome do Abrigo: **Educandário Getúlio Vargas**

Capacidade de Atendimento: 20 crianças /adolescentes

Faixa Etária: zero a 17 anos, ambos os sexos.

Obs: Abrigo em processo de reordenamento, não está abrigando.

08 – Nome do Abrigo: **Casa Abrigo**

Capacidade de Atendimento: 20 crianças e adolescentes

Faixa Etária: zero a 17 anos, ambos os sexos.

Obs: Está previsto a construção da Casa Abrigo 02.

09 – Nome do Abrigo: **Casa Lar Lions**

Capacidade de Atendimento: 07 crianças portadoras de necessidades especiais

Faixa Etária: zero a 10 anos, ambos os sexos.

10 – Nome do Abrigo: **SOS Abrigo**

Capacidade de Atendimento: 20 crianças e adolescentes/ média diária 20

Faixa Etária: zero a 17 anos, ambos os sexos.

11 - Nome do Abrigo: **Lar Infantil Adventista Lygia Hans**

Capacidade de Atendimento: 12 crianças/adolescentes do sexo feminino

Faixa Etária: 07 a 15 anos

Obs: A casa Abrigo tem 05 excedentes, os outros abrigos estão todos lotados e no SOS, 07 crianças aguardam vaga.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)